

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**ANITA GARIBALDI: A CONSTRUÇÃO DE UMA HEROÍNA EM
BIOGRAFIAS POPULARES (1849-1999)**

HELEN LEMOS BREGANTIN

**FRANCA
2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

HELEN LEMOS BREGANTIN

**ANITA GARIBALDI: A CONSTRUÇÃO DE UMA HEROÍNA EM
BIOGRAFIAS POPULARES (1849-1999)**

Dissertação de mestrado apresentada à
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” como exigência para obtenção
do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Alexandre
Ferreira

**FRANCA
2018**

B833a Bregantin, Helen Lemos
Anita Garibaldi : a construção de uma heroína em biografias populares (1849-1999) / Helen Lemos Bregantin. -- Franca, 2018
85 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientador: Ricardo Alexandre Ferreira

1. Anita Garibaldi. 2. Biografias. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecido autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

HELEN LEMOS BREGANTIN

**ANITA GARIBALDI: A CONSTRUÇÃO DE UMA HEROÍNA EM BIOGRAFIAS
POPULARES (1849-1999)**

**Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais,
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do Título de
Mestre em História.**

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

Franca, ___ de _____ de 2019

AGRADECIMENTOS

O empreendimento aqui apresentado não teria êxito senão pelos amigos sempre próximos e a paciência e dedicação de quase uma década do Professor Ricardo Alexandre Ferreira. Obrigada a todos da Unesp-Franca pela oportunidade.

RESUMO

O presente trabalho descreve os caminhos em que a personagem histórica Anita Garibaldi percorreu se transformando em heroína, desde sua morte no ano de 1849 até o ano de 1999. O recorte percorre dois séculos, mas a visão de Anita como heroína demorou a se manifestar, percebendo-se mudanças significativas a partir de meados do século XX. O período transita pela República, a imigração dos italianos até as comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil, qual é lançada a biografia de Paulo Markun, "Anita Garibaldi-uma heroína brasileira" (1999). Duas outras biografias também serão analisadas afim de compor o entendimento de Anita como heroína: "Anita Garibaldi- o perfil de uma heroína brasileira" (1975), de Wolfgang Ludwig Rau, e uma autobiografia de Giuseppe Garibaldi editada por Alexandre Dumas "Memórias de Garibaldi" (1860). Além das biografias que contemplam momentos distintos do percurso a ser percorrido em busca de Anita – heroína, também foram analisadas documentos que colaboram para analisar o contexto, a origem da fonte e enfim, o processo de transformação da brasileira em heroína. Foram encontradas declarações de militares que lutaram do lado oposto ao casal Garibaldi, onde vangloriavam Anita e sua coragem já no século XIX. Jornais como o "Correio Mercantil" do Rio de Janeiro, "A Federação" de Porto alegre e "Diário da Tarde" de Curitiba puderam contribuir não apenas com declarações de personas, mas com obras de teatro sobre Anita, lembranças de décadas e centenários de morte e memorandos em prol da mulher qual ela estava presente. O jornal "Estado de São Paulo" no século XX ofereceu aos seus leitores "dossiês" sobre Anita em várias edições com intuito de preparação para o lançamento da obra de Markun, fazendo com que os brasileiros soubessem um pouco mais da heroína desconhecida. Entre os jornais como fontes, estão também registros documentais como a declaração do filho caçula dos Garibaldi que esclarece o verdadeiro rosto de sua mãe em uma única pintura. Enfim, a pesquisa pretende galgar a transformação da imagem de Anita em dois séculos, analisando documentos, jornais e obras que a remetam como heroína, além de pensar ao final, as biografias como escrita histórica e sua inserção no meio popular.

Palavras-chave: Anita Garibaldi. Biografias. Popular.

ABSTRACT

The present work describes the ways in which the historical personage Anita Garibaldi went through transforming into heroine, from her death in the year 1849 to the year 1999. The cut goes through two centuries, but the vision of Anita as a heroine was slow to manifest, perceiving significant changes from the mid-twentieth century. The period passes through the Republic, the immigration of the Italians until the commemorations of the 500 years of discovery of Brazil, which launches the biography of Paulo Markun, "Anita Garibaldi - a Brazilian heroine" (1999). Two other biographies will also be analyzed in order to compose Anita's understanding as heroine: Anita Garibaldi (1975) by Wolfgang Ludwig Rau and an autobiography by Giuseppe Garibaldi edited by Alexandre Dumas "Memories of Garibaldi "(1860). In addition to the biographies that contemplate different moments of the journey to be traversed in search

of Anita - heroine, documents that collaborate to analyze the context, the origin of the source and, finally, the transformation process of the Brazilian heroine. Military statements were found that fought on the opposite side of the Garibaldi couple, where they boasted of Anita and her courage as early as the 19th century. Newspapers such as the "Correio Mercantil" in Rio de Janeiro, "The Federation" in Porto Alegre and "Diário da Tarde" in Curitiba were able to contribute not only to statements by people, but also to plays about Anita, memories of decades and centenarians of death and memos for the woman she was present. The "Estado de São Paulo" newspaper in the 20th century offered its readers "dossiers" about Anita in several editions in order to prepare for the launch of Markun's work, making Brazilians know more about the unknown heroine. Among the newspapers as sources, there are also documentary records like the declaration of the youngest son of the Garibaldi that clarifies the true face of his mother in a single painting. Finally, the research aims to transform the image of Anita in two centuries, analyzing documents, newspapers and works that refer to it as heroine, in addition to thinking in the end, biographies as historical writing and its insertion in the popular milieu.

Keywords: Anita Garibaldi. Biographies. Popular.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Miniatura de Anita, segundo Gallino; Pintada no Uruguai.....	18
Figura 2: Fuga de Anita com seu Filho Menotti (1979)	55
Figura 3: Anita acompanha a invasão de Lages (1979)	56
Figura 4: Anita Enfermeira no Uruguai (1978)	56
Figura 5: Selo comemorativo – Série “Mulheres do Brasil” – (1967)	65
Figura 6: Selo comemorativo – Série “Mulheres do Brasil” – (1971)	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – A DESCOBERTA DE ANITA.....	15
1.1 ÀS “Memórias de Garibaldi” (1860)	16
1.2 O período republicano.....	33
CAPÍTULO II – ANITA NA HISTÓRIA.....	42
2.1 Biografia Wolfgang Rau – Anita Garibaldi: o perfil de uma heroína brasileira (1975.....	57
CAPÍTULO III – BIOGRAFIAS POPULARES.....	63
3.1 Anita representada como heroína: visões pós Wolfgang Rau (e eventos)	64
3.2 A biografia de Paulo Markun: Anita Garibaldi: uma heroína brasileira.....	71
3.3 Outras biografias.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS E FONTES.....	87

INTRODUÇÃO.

Ana Maria de Jesus Ribeiro (1821-1849), brasileira de Santa Catarina, foi uma personagem que, apesar de figurar em livros de história como personagem de destaque, para muitos, não teve uma importância relevante nos desdobramentos ou, mesmo, no desfecho da Revolução Farroupilha,¹ evento histórico ao qual, não obstante, seu nome permaneceu vinculado. Embora tenha permanecido na memória de muitos como uma mulher excepcional, Anita surge, quase sempre, a reboque das imagens produzidas sobre seu marido, o italiano Giuseppe Garibaldi (1807-1882). A reputada “heroína de dois mundos”, expressão geralmente usada para designar o marido - Giuseppe Garibaldi o herói de dois mundos -, ficou conhecida ao mesmo tempo como uma mulher de origem algo duvidosa, zelosa esposa, hábil amazona e guerreira, que acompanhou o italiano unificador da Itália e herói da Farroupilha até que teve o cadáver encontrado em uma cova rasa na distante Europa. Mesmo a historiografia especializada nos estudos sobre o conflito civil que marcou a Província do Rio Grande do Sul no século XIX dedicou, via de regra, exíguo material à brasileira, cuja imagem construída até os dias atuais vale-se, em grande medida, de relatos orais, notícias de jornal e do trabalho diletante de alguns poucos e empenhados jornalistas. Diante de tais silêncios e informações por vezes díspares e contraditórias aos olhos do presente, este trabalho busca estudar o processo de construção da imagem de Anita Garibaldi por meio da análise de notícias de periódicos e biografias produzidas desde o Oitocentos.

Nas últimas décadas, diversos historiadores encarregaram-se de defender o estudo biográfico como um meio eficaz para a compreensão da psicologia histórica, da mentalidade ou até mesmo dos detalhes, que, em diferentes escalas, foram constitutivos de uma época. A título de exemplo, é possível mencionar como importantes para as discussões sobre as relações entre as trajetórias de vida e a compreensão de uma época estudiosos como: Lucien Febvre, Georges Duby, Giovanni Levi, François Dosse, Jacques Le Goff e Fernand Braudel. O presente estudo, valendo-se das reflexões desses autores busca mapear as construções produzidas nos últimos dois séculos a respeito de Anita Garibaldi, lançando mão de uma noção cara à escrita histórica: o fazer biográfico.

A partir das mudanças no ofício do historiador advindas da chamada “Nova História”, a biografia também recebeu novos traçado e visibilidade. Em lugar da narrativa linear dos

¹ Afirmação do escritor Gianni Carta, que conclui a participação de Anita Garibaldi apenas como guerrilheira, não tomando decisões entre os homens a frente na Revolução Farroupilha. Mesmo assim, o autor não desqualifica a bravura de Anita em nenhum momento de seu discurso.

eventos de uma vida, a escrita biográfica passou a propor questionamentos sobre as interações entre o indivíduo e sua época. A partir das reflexões de Fernand Braudel, procurou-se ultrapassar o evento e o indivíduo com o objetivo de distinguirem-se as diferentes forças que contribuíram com a construção de uma história fortemente crítica ao papel dos heróis. Assim, uma analogia entre o tempo dos indivíduos e das civilizações deve ser preservada: crescimento, declínio, criação e morte, destino..., e a história dos indivíduos, para ele, de pífia capacidade explicativa, passava a dialogar com a história da média e da longa duração.

A partir de uma perspectiva que vê a escala na história de uma maneira um tanto diversa daquela professada por Braudel, Giovanni Levi assevera que a biografia tem sido utilizada por historiadores de forma ambígua, pois continua a ocupar o centro das preocupações desses estudiosos ao mesmo tempo em que é usada de forma a mostrar uma irredutibilidade dos indivíduos ao sistema social. As biografias tendem a ser narrativas, assim como a história de alguma forma tende à literatura e, com isso, as biografias históricas buscam reconstituir, na visão de Levi, as superfícies sociais e suas pluralidades de esferas racionais sobre as quais o indivíduo age, e não operar de forma linear como ocorre nas narrativas temporalmente encadeadas que buscam descrever os eventos componentes da trajetória de vida de uma pessoa. Desta forma, ao lado de biografias históricas inspiradoras como a que Lucien Febvre produziu sobre Matinho Lutero e Georges Duby Guilherme Marechal, ao nosso ver, as reflexões propostas por Giovanni Levi contribuíram com ferramentas metodológicas úteis para a compreensão, por exemplo, do heroísmo atribuído à Anita Garibaldi, assim como auxiliaram no trabalho de mapeamento e pesquisa direcionada nos textos, por nós analisados, que colaboraram com a construção da personagem, de forma a permitir uma percepção mais detida das diferenças entre a cultura e a mentalidade do homem e da mulher inseridos no século XIX e dos escritores que de Anita se ocuparam no século XX.

Como se vê, mesmo em estudos produzidos a partir de diferentes concepções teórico-metodológicas pudemos colher referências importantes para o estudo aqui empreendido. Em particular, na obra *São Luís: biografia*, Jacques Le Goff nos apresenta um monarca santo que, na opinião do medievalista francês, é o personagem central da cristandade do século XIII. Le Goff revela pontos a serem observados na construção de uma biografia extremamente relevantes, tais como o uso de um arsenal documental vasto, no caso de sua obra, que vai desde a oralidade até as hagiografias, propondo assim o que chamou de uma biografia total, a qual aspira mesmo a longa duração de Braudel e fia-se na crítica das fontes produzidas a partir de uma história problema. Assim, retomar a escrita histórica acadêmica, ou seja, com rigor metodológico histórico, pela narrativa, que por si acaba por ser leve e lúdica, parece ser um

caminho adequado, pois, desta forma, consegue-se evitar as biografias narcisistas, os folhetins de gosto duvidoso que começaram a alcançar, na visão do estudioso, grande patamar de popularidade. François Dosse, crítico da chamada terceira geração dos Annales, também contribuiu para o conteúdo metodológico deste trabalho, em especial, com a obra “O desafio biográfico: escrever uma vida”, que proporciona um estudo do gênero biografias, segundo ele, redescoberto pelos historiadores a partir dos anos 80. O autor tenta resgatar uma visão histórica de biografias escritas ao longo do tempo (inclusive a biografia de tipo heróico), observando concepções na forma das escritas apresentadas. Desta maneira, Dosse constrói uma divisão metodológica das biografias, a qual foi de grande valia para nortear o mapeamento das biografias produzidas sobre Anita. Na mesma direção de trabalhos não necessariamente convergentes em suas opções teórico-metodológicas, o livro *Três vezes Zumbi: a construção de um herói brasileiro*, de Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira, constituiu parte do arcabouço aqui usado para compreender a construção de Anita Garibaldi ao longo dos séculos XIX e XX, pois a obra sobre a construção do líder guerreiro de Palmares transporta o leitor por três séculos, analisando documentos de diferentes naturezas, o que nos ajudou a mapear também as construções da heroína de dois mundos.

Compõem o principal corpus documental investigado na pesquisa “As memórias de Garibaldi”, escritas por Alexandre Dumas, ainda no século XIX; a biografia de Anita produzida por Wolfgang Rau, intitulada “Anita Garibaldi, o perfil de uma heroína brasileira”, dos anos 70 do século XX; a obra de Paulo Markun “Anita Garibaldi, uma heroína brasileira”, lançada para as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil; e, como uma fonte complementar, a narrativa de Julio Sierra, “Guerrillera en America del Sur”, de 2003. Tais biografias tiveram significativo impacto na construção da condição de heroína à qual passou-se, paulatinamente, a associar a imagem de Anita Garibaldi, muito, acredita-se, por tratarem-se de textos que enunciam como suas bases documentos históricos reconhecidos como importantes até mesmo pelos pesquisadores especializados. Além das biografias, documentos como jornais do final do século XIX serão analisados com intuito de demonstrar o processo de construção da imagem heroica de Anita em momentos mais próximos de sua vida. Tal processo começa a ficar evidente, por exemplo, em uma declaração do Almirante Frederico Mariath², quando menciona Anita em publicação no *Jornal Mercantil do Rio de Janeiro*, dando créditos à sua coragem e bravura, referindo-se, com detalhes, a um confronto ocorrido na cidade de Laguna por ocasião da Farroupilha. Portanto, serão obras analisadas neste estudo fontes de época e biografias

² Frederico Mariath, comandante militar em Santa Catarina, liderou a frota imperial na retomada de Laguna durante a Revolução Farroupilha, derrotando a Giuseppe Garibaldi.

históricas com o objetivo de mapear o longo e lento processo de edificação da imagem de Anita Garibaldi.

De posse do mapeamento de tais referências, lançamos mão de alguns questionamentos que nortearam a elaboração do presente estudo. Como Anita passou a exercer fascínio sobre um grande número de leitores? Por que, embora existam várias obras a respeito de Anita, sua vida privada permaneceu envolta em mistérios e polêmicas? Como e a partir de quando a imagem de Anita foi ligada à de uma heroína?

Ao analisar o processo de heroicização de Anita Garibaldi desde sua morte, em 1849, até o ano de 1999 a partir de biografias, jornais e dos estudos produzidos pela historiografia especializada, o primeiro capítulo inicia a análise com os diferentes relatos que, ainda no Oitocentos, foram produzidos sobre a vida e a morte de Anita. A seguir, investigamos a autobiografia - na verdade, redigida por Alexandre Dumas - de Giuseppe Garibaldi, marido de Anita por dez anos, na qual algumas páginas foram dedicadas à edificação da zelosa esposa, as quais também são reputadas como o início do que aqui estamos nomeando como processo de heroicização de Anita.

O capítulo subsequente refere-se ao período republicano brasileiro, abarcando um longo período que vai do final do século XIX até o ano de 1975. Embora o período tenha contextos históricos bastante marcados na história do país entendemos que o mais significativo em todo este arco temporal foi uma mudança na imagem de Anita, ocorrida no âmbito da questão nacionalista idealizada pelos governos militares. Havia, segundo pudemos verificar, alguma intenção em ligar Anita Garibaldi com o projeto nacional que se encontrava em execução. Para tanto, algumas biografias surgem com a noção de que os ideais de bravura e afetuosidade deveriam entrelaçar-se ao ideal de mulher. Em 1975, Wolfgang Rau publica sua biografia “Anita Garibaldi: o perfil de uma heroína brasileira”, resultado de anos de estudos sobre o tema, que se encarrega de criticar os argumentos maledicentes levantados sobre a imagem de Anita desde a sua morte, apresentando, assim, não somente uma defesa contundente, mas uma verdadeira paixão pelo tema, uma paixão que levou Rau a se tornar um dos mais importantes colecionadores de documentos, objetos e dados que pudessem dar um novo rumo a trajetória de Anita. A biografia de Rau foi intensamente consultada como a intenção de busca de fontes não encontradas em outras fontes de época, mas que forma mencionadas na obra de Rau. Sendo assim, para se caminhar pelos passos de Anita no século XIX, por exemplo, a biografia de Rau foi de grande auxílio para demonstrar uma prova contundente de um fato.

No terceiro e último capítulo, abordamos um cenário em que esse novo rumo já estava constituído. Anita é dita heroína pela História, mas ainda é desconhecida no país de nascimento.

Como o seu nome ecoará pelo Brasil? Muitas biografias foram lançadas sobre os temas Revolução Farroupilha e sobre o casal Garibaldi, mas no ano de 1999, por ocasião das comemorações dos 500 anos do Brasil, um novo livro, de autoria do jornalista Paulo Markun “Anita Garibaldi – uma heroína brasileira”, marca o que podemos pontuar como a última reconstrução da imagem de Anita, aquela que nas palavras do ex-presidente e sociólogo Fernando Henrique Cardoso, incumbido de prefaciar a obra, incluiu Anita no processo de “redescoberta de figuras que fizeram história”.

CAPÍTULO I – A DESCOBERTA DE ANITA

Para contemplar as representações de Anita Garibaldi no Brasil, no período que se inicia com sua morte, em 1849, e vai até o final do século, serão analisadas a autobiografia de Giuseppe Garibaldi e documentos que a mencionam. Com este recorte, é possível observar as primeiras conotações de Anita ao lado do marido e seu nome sendo mencionado em páginas de jornais da época. Mesmo que pouco tenha se falado de Anita no Oitocentos, exceto na Itália, onde o próprio Garibaldi e seus descendentes sempre mencionaram o nome da brasileira, houve registros importantes que contribuíram para retirar Anita da escuridão e que podem colaborar com a compreensão da sua heroicização.

Alexandre Dumas (1802-1870), o conhecido escritor francês que no século XIX escreveu “Os três mosqueteiros” e “O conde de Monte Cristo”, publicou, em 1860, as “Memórias de Garibaldi³”. Autor de romances e novelas, Dumas sempre foi conhecido por realizar pesquisas historicamente bem fundamentadas e abordar temas sociais a partir de um forte viés anticlerical e antimonarquista⁴. Na obra que aqui nos interessa, produzida nos tempos em que Garibaldi militava nos conflitos que culminaram com a unificação italiana, consta ter Dumas, tanto quanto possível, se atido às palavras ditadas pelo próprio italiano. O livro acabou sendo a principal referência sobre Anita na época, uma vez que durante o Oitocentos a mulher passou despercebida pela pena dos historiadores após a sua morte e quando viva foi vista pela sociedade brasileira apenas como a companheira de Garibaldi, a esposa que acompanhou um aventureiro em uma revolução contra o Império do Brasil.

É possível afirmar que foi a partir das memórias de Giuseppe Garibaldi, editadas por Alexandre Dumas, que Anita foi lembrada, principalmente na Itália, após a unificação do país. O marido a descreveu para Dumas como a deusa Palas, como a Anita intrépida, mãe exemplar e de grande sabedoria, relato que teria dado início à construção da imagem da Anita heroína. Com estas características, a memória sobre Anita e sua personalidade começava a ser moldada de forma mítica e grandiloquente. Estas memórias discorrem sobre Anita como mais um elemento constitutivo da imagem do herói da Unificação Italiana. Ali ela assumiu o papel de esposa terna e dedicada, uma imagem que atravessaria o Atlântico na direção da América Sul e ajudaria na composição das primeiras visões sobre a brasileira no século XIX e no início

³ DUMAS, Alexandre. “MEMÓRIAS DE GARIBALDI”. Ed. L&PM Pocket, 2000.

⁴ NOGUEIRA, Isabella. “ALEXANDRE DUMAS E GIUSEPPE GARIBALDI: A CONSTRUÇÃO DE UM HERÓI? Disponível em < [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(118\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(118).pdf)

do XX. A esposa Anita é referida inúmeras vezes em suas batalhas com imensa bravura. Embora no período, como já afirmamos, a obra de Dumas tenha permanecido solitária nas referências à companheira de Garibaldi, restaram no Brasil alguns relatos esparsos sobre ela que permitem ao historiador investigar mais detidamente a imagem que se construiu de Anita no Oitocentos. Na visão deixada por Garibaldi, companheiro de uma década, nascia a Anita heroína, mas e em outros registros do período? Jornais editados no século XIX são úteis na tentativa de responder tal questionamento, pois trazem descrições de personagens importantes que lutaram durante a Revolução Farroupilha e, dentre elas, referências sobre a coragem de Anita em batalhas. Algumas edições de meados do XIX do Correio Mercantil narram as façanhas de Garibaldi (e claro, ao seu lado estava Anita) em batalhas em prol dos farrapos e da Unificação Italiana. Os periódicos do início do século XX são igualmente úteis, porque não representam um claro rompimento com a imagem de Anita construída na centúria anterior.

1.1. Às “Memórias de Garibaldi” (1860)

Os primeiros documentos de que se tem notícias com referências ao nome de Anita Garibaldi tratam-se de folhas um tanto funestas. Poucos dias após a morte de Anita, em agosto de 1849, seu nome estava estampado em periódicos devido às circunstâncias em que seu cadáver foi encontrado nos pântanos de Ravena na Itália.

As primeiras páginas ocupadas foram as policiais. O delegado provincial da polícia de Ravena escreveu, entre referendos ao Comissário de Bolonha, atas bem detalhadas do suposto crime que acabava de identificar: a morte de Anita Garibaldi. De início, o delegado A. Lovatelli não soube informar a identidade do corpo, mas com alguma investigação nos arredores da primeira tumba de Anita e na fazenda onde faleceu, pôde nomear o cadáver como a “mulher que seguia Garibaldi”, em suas palavras, como se apresentará no relatório encaminhado ao monsenhor G. Bedini, comissário pontifício extraordinário de Bolonha:

Ravena, 12 de agosto de
1849. Excelência
Reverendíssima:

Sexta- feira passada, 10 do corrente, por algumas crianças que brincavam em certos pastos da propriedade Guiccioli, em Mandriole, na distância de cerca de uma milha do Porto de Primaro [...] foi achada aflorando da terra uma mão humana. Recebida a notícia, a Cúria se fez presente no lugar, onde foi observada a referida mão e parte do correspondente antebraço, que estavam danificados por animais e pela putrefação. Removida a areia, que

ali era da altura de cerca de um metro, descobriu-se um cadáver de uma mulher da altura de cerca de um metro e dois terços, de aparente idade de trinta a trinta e cinco anos, um tanto incerta. Os cabelos, já destacados da cútis e espalhados na areia eram de coloração escura e talhados “a la puritana”.

Foi observado ter olhos protusos e metade da língua protusa entre os dentes, além da traqueia rota e um sinal circular no pescoço, sinais inequívocos de estrangulamento sofrido. Nenhuma outra lesão foi observada na periferia de seu corpo: foi observado faltarem-lhe dois dentes molares na mandíbula superior, do lado esquerdo, e outro dente molar na parte direita da mandíbula inferior.

Seccionado o cadáver, verificou-se achar-se a mulher grávida de um feto de cerca de seis meses. Estava vestida de camisa de cambraia branca, de sotana semelhante, de “bournus” igual, de cambraia, fundo furta-cor floreado em branco, descalça nas pernas e pés, sem nenhum ornamento na dita, no pescoço ou nas orelhas, se bem que furadas.

Os pés mostravam ser de pessoa de trato e não do campo, por não ter as plantas calosas. Dentro da aglomeração de pessoas acorridas a Mandriole [...] ninguém soube reconhecer o cadáver em decomposição, que no caso não apresenta a cor natural.

Não se pensou em transportar o cadáver a lugar mais populoso, para reconhecimento, por motivo de grande mau cheiro, razão porque foi enterrada logo, até mesmo para proteção da saúde pública.

Tudo isso conduz a crer fosse o cadáver da mulher que seguia Garibaldi, já pelas notícias que se tinha desde o seu desembarque naquelas paragens, já pelo estado de gravidez. Até agora, é obscuro como tenha vindo essa mulher até este sítio, e como tenha sido vitimada. Estão em andamento as necessárias indagações e inquérito, cujos resultados me apressarei a submeter a V. Revma., na oportunidade.

Com perfeita estima e profundo respeito, tenho a honra de repetir-me Devotadíssimo servidor

A. Lovatelli, delegado⁵

Os estudiosos da trajetória de Anita não localizaram um relato mais detalhado de suas feições em documentos oficiais ou em relatos dos contemporâneos no século XIX. A única exceção foi a descrição feita pelo militar alemão Gustavo von Hoffstetter, um militar de alto escalão conhecido de Giuseppe Garibaldi, que descreveu Anita como aparente amazona, de primeiro olhar, como uma mulher de atributos físicos fortes e ao mesmo tempo delicados, tendo uma tez escura, olhos ardentes e másculo peito. Se apresentava com um semblante melancólico, mas tinha uma personalidade simples e vivaz⁶.

Assim, a descrição do cadáver, nas condições mencionadas, passou a funcionar como uma espécie de ponto de partida para a imaginação de um semblante da personagem. Até os primeiros trinta anos do século XX foi esta imagem, apresentada pelo delegado Lovatelli, a

⁵ RAU, 1975, apud CURATALO G. Emilio, “Anita Garibaldi, L’Heroina dell’Amore”, Milão-Roma, 1932, pp. 250-254. Livre tradução do autor.

⁶ MARKUN, Paulo apud BELLUZI, Rafaele: Il ritratto di Anita Garibaldi (Bolonha: Museo del Risorgimento), 1999, p. 24

principal referência sobre Anita, quando o filho do casal, Ricciotti Garibaldi, reconhece num retrato da mãe, pintado no Uruguai, como o verdadeiro rosto da mulher que lhe deu a vida, ainda que, quando da morte de Anita, o caçula tivesse apenas três anos de idade. Essa pintura se encontra no Museu do Risorgimento em Milão, com a assinatura e dizeres de validação da imagem feitas por Ricciotti⁷.



Figura 1: Miniatura de Anita, segundo Gallino; Pintada no Uruguai⁸

Nenhuma imagem de Anita, desta forma, ficou mais conhecida no século XIX do que aquela produzida pelo delegado Lovatelli. Em pouco tempo, a mulher de Garibaldi esteve entre os assuntos mais anunciados no mês de agosto de 1849 na ainda não unificada Itália. Isso devido ao que foi concluído de início na investigação do corpo de mulher encontrado na areia. A notícia era de que a vítima fora assassinada e Garibaldi o mentor do crime. Com isso, notificações para a captura de Garibaldi e seus companheiros foram disseminadas por todo o território. No folheto, todo o ocorrido desde o achado no pântano em Ravena até a periculosidade de Garibaldi estavam detalhadamente descritos⁹.

⁷ MARKUN, 1999, p.25

⁸ <https://anitagaribaldi.wordpress.com/2009/01/24/morena-misteriosa/> Acesso em 02/05/2018

⁹ MARKUN, Paulo, in BÓRIS, Ivan; MILANI, Mino: Anita Garibaldi: vita e morte di Ana Maria de Jesus. Milão: Camunia, 1999, p. 18

Após muitos relatórios e investigações que culminaram nas prisões dos responsáveis pelo enterro às pressas de Anita até um longo interrogatório com o médico que atendeu a moribunda, concluiu-se:

Da Direção Provincial de Polícia de Ravena. “Ao Exmo e revmo. Monsenhor Comissário Extraordinário de Bolonha

Ravena, 15 de agosto de 1849. Excelência Reverendíssima:

Em seguimento ao meu respeitoso ofício de 12 do corrente, com igual número, esclareço a V. Excia. Revma. Que, por meio de indagações efetuadas pela Polícia e com auxílio de confidentes secretos pela mesma posta em giro, pude vir a ter claro e preciso conhecimento dos fatos relativos ao aparecimento do cadáver de mulher desconhecida.

Não há hoje mais dúvida de que o mencionado cadáver é o da mulher que seguia Garibaldi. Foi ela conduzida sobre uma charrete pelo próprio Garibaldi à casa de fazenda dos irmãos Ravaglia, feitores do Marquês Guiccioli, de uma de suas propriedades em Mandriole.

A mulher estava atacada de febre pernicioso, como se expressou o médico Dr. Nannini de Santo Alberto... tomou-lhe pulso e a transportou para um quarto, e estendida sobre o leito, foi-lhe prestado o socorro de um copo d'água; mas apenas tomou alguns goles, cessou de viver.

Estava ali presente o Garibaldi, o qual se desfez em demonstrações de inconsolável dor por tal desgraça e pouco depois se pôs em fuga, recomendando àquela família dar honrosa sepultura ao cadáver. Estes fatos se deram a 4 do corrente, pela tardinha, na presença de mais de vinte pessoas, estando por lá reunidos os empregados daquela Feitoria, para serem pagos da mão de obra no curso da semana.

Expedi imediatamente ao local um empregado da Polícia, a fim de efetuar a prisão dos irmãos Ravaglia, o que foi feito, e o Tribunal ora está efetuando análogo levantamento. Vê-se, desde já que os mencionados agricultores, tomados pelo temor de serem considerados expostos à grave responsabilidade de acolhida momentânea a Garibaldi e pela morte havida, em sua casa, da mulher daquele, se decidiram pelo partido de ocultar o acontecimento, e resolveram enterrar o cadáver no campo.

Será de meu dever informar-vos do resultado do processo; e continuo com perfeita estima e profundo respeito a confirmar-me

Humilhíssimo e devotíssimo servidor

A. Lovatelli, delegado ¹⁰

O delegado, em seus relatórios, deixa transparecer o ambiente confuso acerca da fuga de Garibaldi, supostamente, associada ao encontro do cadáver de sua mulher. Anexadas aos seus relatórios estavam suposições e afirmações que depois foram retratadas, como o estrangulamento de Anita Garibaldi pelo próprio marido, ora para roubar-lhe as joias (concluíram pelo fato do corpo estar livre de adornos), ora para se desfazer do peso de uma moribunda na fuga; o médico foi acusado de negligenciar a lei, por não dar parte à polícia.

¹⁰ RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira, Ed.Edeme,1975, pp. 489-490. Livre tradução do autor.

Enfim, contudo, os peritos chegaram à conclusão de que as marcas junto ao pescoço de Anita foram causadas pela decomposição do cadáver que, quando do exame, já ia em estado avançado de putrefação.¹¹

No dia 08 de outubro de 1849, um relatório do Presidente do Tribunal de Ravena ao Ministro de Graça e Justiça constata a real morte de Anita, desmentindo os rumores de que teria sido morta pelo marido:

(...) foi verificado que o cadáver, que jazia sobre o lado esquerdo, e que tinha o queixo apoiado no peito, era de uma mulher grávida de cerca de seis meses (que se verificou depois ser da senhora Garibaldi) morta havia 7 a 8 dias e em estado de adiantada putrefação. Foi encontrada vestindo somente de camisa e anágua, e de uma blusinha de cambraia, privada de qualquer ornamento feminino, penteada “a la puritana”, descalça nos pés não calosos, o que indicava não tratar-se de mulher da roça, mas de fino trato, e foram observadas a língua e os olhos salientes, a laringe danificada, os anéis da traqueia desunidos, e com um círculo esbranquiçado na parte anterior do pescoço, à guisa de ligeiro sulco. Este último vestígio induziu o médico a acreditar e ajuizar que aquela infeliz fora morta de estrangulamento, e por outras cousas...surgiu o rumor, e se acreditava quase que generalizadamente, que essa mulher era a verdadeira ou suposta sua esposa, e que ela fora morta para roubá-la. Fez-se assim o processamento relativo, que demonstrou ser evidentemente errôneo o laudo “não positivo” fornecido pelo médico (...).¹²

As declarações das testemunhas envolvidas na acolhida e no enterro de Anita, contadas à polícia dias depois, esclarecem as marcas no pescoço do cadáver: a mulher de Garibaldi foi arrastada por uma corda envolta em seu pescoço pelos funcionários da fazenda onde faleceu. Assim o fizeram por medo de contágio da doença, ainda uma incógnita, e pelo temor de uma iminente surpresa de ataque de austríacos que se escondiam pelas redondezas, arrastando o corpo até uma cova rasa, feita às pressas¹³.

Seja como for, Anita estava em evidência como nunca estivera, muito diferente da personagem sempre atrelada à imagem de Giuseppe Garibaldi e vista como a mulher que o seguia. Os relatos do delegado Lovatelli e do juizado foram de grande importância para se começar a moldar a história de Anita, uma história que teve em seus derradeiros momentos de vida e na morte fatos muito detalhados por seus biógrafos.

Após a necropsia, o corpo foi encaminhado para o enterro em um túmulo no cemitério de uma pequena igreja. Dez anos mais tarde, em 1859, o cadáver fora subtraído da sepultura por homens que apoiavam Garibaldi em sua política libertária. Diziam eles que, com os

¹¹ RAU, pp. 487-506, 1975

¹² Ibidem, pp. 494-495. Livre tradução

¹³ Ibidem, pp. 474-475

movimentos revolucionários que emergiam, era preciso guardar os restos mortais de Anita em sítio seguro, uma vez que temiam haver uma profanação da memória da mulher de Garibaldi.¹⁴ O fato citado torna-se relevante quando pensado no ambiente italiano às vésperas do retorno de Garibaldi do exílio, considerando que o general tencionava retomar as batalhas pela revolução que teve que adiar por dez anos, quando saiu da península em fuga após a morte da esposa. O nome de Anita ainda era lembrado pelos libertários que outrora empunhavam espadas na revolução, mesmo estando seus restos mortais quase escondidos em uma tumba singela de uma pequena igreja. Quando Giuseppe Garibaldi foi reaver os restos mortais de sua esposa, em um cortejo por ele encabeçado, erguendo a urna funerária, ao longo do caminho que seguiu em direção ao Palácio do Governo, não eram apenas ossos de sua mulher que mostrava a todos, mas a imagem de Anita afirmada, que começava a ser vista e mencionada como heroína na Itália, algo que demoraria um pouco em sua terra natal.¹⁵

Wolfgang Rau¹⁶ menciona em sua biografia que Garibaldi logo após sua chegada, imediatamente foi procurar Anita, e juntando-se aos filhos, cavalgava em direção a sede do governo aos gritos: “Viva a revolução!” “Viva Anita Garibaldi!” E assim, erguendo a urna mortuária, firmou sua mulher, ainda ao seu lado, como heroína, não tardando de forma tímida, entretanto contínua, homenagens póstumas em toda parte.¹⁷

No Brasil, em 29 de julho do ano de 1849, o jornal “Correio Mercantil” do Rio de Janeiro traduziu uma nota do jornal americano *Times*, na qual constava uma das correspondências trocadas entre o Major Leggero, homem de confiança de Garibaldi que o acompanhou até sua fuga após a morte de Anita, e o Sr. Mazzini¹⁸. O conteúdo corresponde à quantidade de soldados dispostos a um novo ataque, sendo Garibaldi o mentor; aos avanços dos franceses e austríacos no território italiano e articulações políticas com o Papa, além de um largo parágrafo sobre a crise financeira que atrapalhava a Legião Italiana¹⁹. Ainda assim, nenhuma menção a esposa de Garibaldi, como não poderia. Era uma notícia internacional em

¹⁴ MARKUN, 1999, p. 352

¹⁵ RAU, 1975, p. 481. Wolfgang Rau e Paulo Markun escrevem detalhes quanto ao evento da retomada dos restos de Anita por Garibaldi quando do seu retorno à Itália, sendo algo de caráter publicitário realmente.

¹⁶ Considerado o maior estudioso sobre Anita Garibaldi, não somente arquivou o maior acervo garibaldino e farroupilha existente como também revelou seu lado heroína para a História. Disponível: <http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=2795> Acesso em 09/08/2017.

¹⁷ RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira, 1975, p. 481

¹⁸ Giuseppe Mazzini (1805-1872) construiu uma reputação como líder republicano do Risorgimento e passou maior parte de sua vida adulta no exílio, em Londres. Viveu muitos anos na capital britânica, tornando-se um líder mítico, conhecido entre seus seguidores como o Profeta. (CARTA, Gianni. “Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho”. São Paulo, p. 32, 2013.)

¹⁹ Grupo revolucionário encabeçado por Garibaldi formado ainda no Uruguai. O grupo de amigos italianos seguiam os ideais libertários com intuito de unificar a Itália.

destaque de primeira página sobre a Unificação Italiana, cujos participantes logo tomariam vulto.

A imprensa contribuiu de maneira significativa com a disseminação da imagem heroica de Anita, pontuando que no século XIX ela foi vista como persona e que esteve presente ao lado de Garibaldi, mas a representação de heroína ainda não estava completamente edificada, como se percebe nas poucas vezes que foi mencionada em jornais brasileiros.

A imprensa brasileira embora organizada com a transferência da corte ganhou vulto junto com o Brasil imperial. Duas palavras sobre essa trajetória são úteis para que compreendamos os jornais adiante tratados. Assim que a corte portuguesa aportou nas costas do Brasil, no mesmo ano se realizava pelas mãos de Hipólito da Costa o jornal “Correio Braziliense”, em 1808. O jornal estabeleceu-se como opositor dos poderes coloniais e crítico dos costumes da terra, discutindo os problemas da corte sem rancores, mesmo sendo de maior acessibilidade aos nobres da terra e aos que vieram com o Rei. Com a abertura dos portos e a criação do Banco do Brasil, muito prontamente a diversidade em publicações alcançou 1500 títulos periódicos no final do século XIX, somente em São Paulo. Os periódicos foram progredindo e se modernizando junto com o Brasil, amadurecendo ambos de forma conjunta, sendo a imprensa o objeto e sujeito da história brasileira e veículo para a construção do passado.²⁰

A História da imprensa no Brasil pode ser analisada a partir de vários aspectos, ora atingindo assuntos direcionados à política, ao social e ao econômico, ora ao gosto popular, mediando, em grande escala, jornais que publicavam folhetins e teores sensacionalistas ou *faits divers*, com destaque para a narrativa de “crimes” que seguia o padrão francês jornalístico que foi captado pela imprensa brasileira já na passagem do século XIX para o XX.

Com a modernização da imprensa brasileira na passagem do século XIX ao XX, a escrita também se moderniza, buscando uma linguagem simples e direta. Com essa modernização do jornalismo fugindo da escrita rebuscada dos literatos, os conteúdos rápidos e cotidianos (próximos da realidade de uma sociedade) se integram aos populares.²¹

O jornal “O Correio Mercantil” de 29 de julho de 1849 discorre sobre os avanços de Garibaldi na revolução na Itália, assim como a situação da guerra pelos olhos de Giuseppe Mazzini, um político revolucionário que compartilhava ideias com Garibaldi:

²⁰ MARTINS, Ana Luíza; DELUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. Editora Contexto, Ed.1 2008

²¹ Não se quer abrir uma discussão sobre cultura de massa e ou cultura popular, mas compreende-se neste trabalho sobre o jornalismo que chegava com maior facilidade aos menos letrados; do leitor de periódicos.

Itália

Civita – Vecchia, 23 de maio

(...) O General tem atualmente sob seu comando 23 mil homens, e mesmo talvez que 30 mil incluindo a artilharia (inelegível) (...) e alega que a resistência que Roma continua a fazer é um insulto a essa força.

Hoje em meio desta crise, ameaçados por uma invasão francesa, austríaca e napolitana é todavia melhor a nossa posição.

Mazzini

Em sequência, um correspondente do jornal americano *Times* nos conta as suas notícias sobre a Unificação na Itália, com maior imparcialidade (mas não total) e menos otimista que Mazzini:

Consta-me que o rei de Nápoles voltou para Gaeta, e que todas as suas tropas achão-se atualmente dentro de suas fronteiras, aonde espero que fiquem...Consta-me que está com muita raiva dos franceses, e que declara que fora convidado por eles a tomar posição que ultimamente ocupara em Albano, e que suspeita que estarão de comum acordo com Garibaldi contra ele.

Na notícia de página inteira que o jornal dedica à revolução, o nome de Anita Garibaldi não é mencionado, mesmo compreendendo que na data da publicação do jornal a mesma já cambaleava moribunda pela guerra, visto que faleceu no dia 04 de agosto, ou seja, sua participação nos acontecimentos na Itália era mínima. Mas a publicação ilustra um tipo de *fait divers* em ascensão e ainda assim, o nome Garibaldi estava vivo, todavia, no Brasil.

Desta forma, as novas técnicas de impressão e a ampliação da distribuição dos impressos também puderam ofertar os folhetins, com contos e romances com capítulos diários, sempre com apresentação simples e direta, atendendo o surgimento de novos padrões de consumo, por isso preocupavam-se menos com a formação e convencimento da opinião pública e mais com ser agradável.²²

Os gêneros literários eram parte indispensável nas páginas do jornal “O Correio Mercantil”. Entre histórias de tribunais, notícias com comentários dos redatores, e crônicas que criticavam a sociedade elitizada e suas mulheres, romances como “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antonio de Almeida, e “O conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas, atenuavam e davam maior exuberância literária às opiniões severas e diretas ao comportamento carioca, por exemplo, que o impresso expunha.²³

O jornal “Correio Mercantil”, do Rio de Janeiro, recebia crônicas de autores como Machado de Assis e José de Alencar, mantendo uma seção para folhetins bastante populares na

²² GUIMARÃES, Valéria. Jornais franceses no Brasil. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho de 2011.

²³ RIBEIRO, José Alcides. *Correio Mercantil: gêneros jornalísticos, literários e muito mais...* Revista USP, São Paulo, n.65, março/maio 2005, pp. 131-147.

época, que oferecia aos seus leitores romances europeus traduzidos e romances brasileiros inéditos. Era um jornal a favor do abolicionismo e divulgava cartas, artigos e entrevistas sobre o assunto.²⁴

No “Correio Mercantil” do Rio de Janeiro, de 29/11 e 02/12 de 1860, o almirante Frederico Mariath, responsável pela retomada de Laguna pelos imperiais em 1839, descreve a bravura de seus antagonistas, após ter lido o “folhetim” de Alexandre Dumas quando o mesmo jornal publicou as “Memórias de Garibaldi”²⁵:

Garibaldi, seja dito em abono da verdade, desenvolveu nessa ocasião uma coragem digna de inveja. Não devo deixar despercebido o projeto que, Garibaldi diz, formara, de ir ele incendiar a esquadra imperial e isso quando já estava derrotado. Foi muito feliz em não obter para isso concessão de seu general. Se tal coisa empreendesse, talvez não lhe restasse tempo de escapar-se em um pequeno bote com sua heroína.²⁶

O almirante Mariath se tornou uma testemunha ocular importante, pois, presenciou Anita em ação, podendo avaliar seus atos de bravura e conotar a mulher de Garibaldi, como não poderia deixar de ser, mais uma vez no século XIX, como heroína.

Frederico Mariath achou que as “Memórias de Garibaldi” mereciam retificações no que tangia ao seu sucesso na batalha da retomada de Laguna, alegando que, por esquecimento do próprio adversário na época, algumas afirmações não procediam. Ao final, as tais retificações não passavam de meros números das embarcações em combate de ambos os lados. Ainda assim, manteve-se bastante equilibrado em sua declaração no artigo, o mais notável foi a honestidade que dispensou ao casal Garibaldi, referindo-se ao que chamou de “bravura antagônica”.²⁷

Para Wolfgang Rau, como deixou registrado na biografia de Anita que escreveu, as frases do almirante para o jornal soaram sarcásticas e mesquinhas.²⁸ Mesmo partindo das impressões de Rau, o fato é que um importante indivíduo presente em um momento histórico ofereceu seu testemunho em um jornal de grande circulação, enfatizando a palavra heroína para adjetivar uma mulher no século XIX²⁹. Fosse sarcasmo ou não, estava lançado o pensamento.

²⁴ RIBEIRO, José Alcides. Correio Mercantil do Rio de Janeiro: Modos Jornalísticos e Literários de Composição. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Computação, Rio de Janeiro, 2005, pp. 5-9. Os jornais apresentados estão disponíveis no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Hemeroteca Biblioteca Nacional e na biografia de Wolfgang Rau “Anita Garibaldi: o perfil de uma heroína brasileira”, na íntegra.

²⁵ MARKUN, Paulo, 1999, p.159.

²⁶ Ibidem

²⁷ RAU, 1975, pp. 156-157

²⁸ Ibidem, p. 157.

²⁹ Informações teórico-históricas sobre a mulher no século XIX serão explicadas brevemente mais adiante

Após 20 anos do término da Revolução Farroupilha, o Coronel Antônio de Melo Albuquerque, conhecido como o Melo Manso, enviou uma correspondência ao amigo marechal Leite de Castro, na qual mencionava Anita e sua prisão pelo mesmo coronel em Curitiba. Esta carta é transcrita pela pesquisadora Yvonne Capuano em palestra proferida no “Seminário Internacional 170 anos da Revolução Farroupilha” em 16 de setembro de 2005:

Quando o combate tornou-se mais renhido, via-se que era Anita quem mais animava os soldados do seu marido a serem valentes. Os meus oficiais, especialmente os que estavam na retaguarda, me referiram que era a combatente com a espada em punho e com seus lindos cabelos flutuantes que mais se expunha às nossas balas; que mais trabalhava pela vitória de seu marido, tendo por vezes posto em dúvida a sorte de minhas forças... Ainda agora, apesar da passagem de vinte anos, quando me recordo pasmoso heroísmo, dos seus cruéis sofrimentos, das suas angústias, sinto ensoberbecer-me, por haver sido Anita minha gloriosa prisioneira, o mais honroso título da minha longa vida e o principal enfeite da minha fé de ofício³⁰.

Nada há de espantoso no relato, uma vez que no Brasil, desde o período colonial, era comum ler relatos de inimigos valorosos produzidos por seus adversários. Quanto maior o inimigo, mais importante a vitória. Tal foi o caso, por exemplo, de algumas narrativas feitas a respeito do Quilombo de Palmares e de Zumbi tanto por seus inimigos vindos da Holanda quanto de portugueses e brasileiros que se lançaram contra o refúgio negro da Serra da Barriga³¹.

Analisando o Jornal “Correio Mercantil” de 1860 que expôs diariamente capítulos do novo livro de Alexandre Dumas intitulado “Memórias de Garibaldi”, denota-se que de imediato chamou muita atenção, principalmente dos militares que lutaram frente a frente com a figura italiana, alguns anos antes, como se percebeu a partir da narrativa do almirante Frederico Mariath que se sentiu no dever de corrigir levianos fatos numéricos nas memórias falhas de Garibaldi.

O jornal, como impresso, teve grande importância para a divulgação de folhetins, tendo grande relevância quando foram publicadas as memórias de Garibaldi. Os periódicos também acompanharam o general Garibaldi durante a revolução na Itália. O general dedica algumas páginas de sua longa vida a sua primeira esposa, Anita, onde deixa claro em sua visão o quão heroína ela foi, e isto, ficou publicado nos jornais de grande circulação. O fato é que quando

³⁰ CAPUANO, Yvonne. “Anita e Giuseppe Garibaldi na Revolução Farroupilha”. In: “Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita”. Org. DE BARROS FILHO, Omar L.; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. Porto Alegre, 2007, pp. 172-173

³¹ Cf.: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho & FERREIRA, Ricardo Alexandre. Três vezes Zumbi: a construção de um herói brasileiro. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

ocorreu o lançamento das memórias, Giuseppe Garibaldi estava vivo e consagrava-se como o General comandante da Unificação Italiana. As memórias não foram lançadas com o fim de homenagem póstuma ou algo parecido, mas de autopromoção para ambos: Garibaldi e Dumas.

O interesse era autopromoção. Para Dumas não era estranho escrever livros com fundo histórico; e agora foi incumbido por Garibaldi de transformá-lo em herói, durante as batalhas para a Unificação Italiana para que sua causa e ideologia fossem propagadas e assim pudesse, segundo o que supunha, ter apoio e homens dispostos a lutar; e logo após ter servido a Península e tendo logrado em um momento único para sua História. A fama e notoriedade de Dumas eram importantes para despertar a atenção para essas memórias, e principalmente, Dumas era dono de vários jornais, sendo estes bilíngues, quinzenais, mensais ou diários, onde promoveu estrategicamente a imagem de Garibaldi.³²

Os livros de Dumas obtiveram grande sucesso, pois, o autor sabia o tipo de história que venderia, e o que seria do agrado de seus não poucos leitores. Dumas escrevia por meio de uma linguagem rica, intelectual e detalhista dos acontecimentos com inclinações ideológicas. A história de Garibaldi combinava perfeitamente com o tipo de narrativa que Dumas era acostumado a escrever com a diferença de já estar, por assim dizer, pronta, sendo necessário apenas a sua rica linguagem e influência na sociedade para cumprir com os planos de Garibaldi de conseguir atenção e se tornar um herói.³³

Garibaldi não somente conseguiu o feito que buscava, como também conquistou fama na América, tornando-se “herói de dois mundos”. Alexandre Dumas trabalhou a partir de um manuscrito que lhe foi entregue por Garibaldi, mas também foram utilizadas entrevistas de pessoas que conviveram com o italiano, inclusive militares no Uruguai e na Argentina.³⁴

Os detalhes históricos eram aprovados por Garibaldi, o que contribuiu para que posteriormente os historiadores conhecessem os sentimentos da época, por meio de um texto repleto de subjetividade, e sobretudo, a imaginação de Dumas, mas com muita credibilidade.

Gianni Carta, em seu livro “Garibaldi na América do Sul”, compara o italiano com Napoleão no sentido de autopromoção. Ambos eram acessíveis a artistas e jornalistas, posando para pintores e escultores, suportando incontáveis entrevistas ou mesmo chegando de forma

³² Cf.: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho & FERREIRA, Ricardo Alexandre. Três vezes Zumbi: a construção de um herói brasileiro. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

³³ NOGUEIRA, Isabella. “ALEXANDRE DUMAS E GIUSEPPE GARIBALDI: A CONSTRUÇÃO DE UM HERÓI? Disponível em < [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(118\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(118).pdf)>

³⁴ Ibidem

triumfante e teatral em cidades ou espaços fechados. Não se admira que para a sua propaganda, Garibaldi tenha feito dois conjuntos de memórias, e nelas obviamente estava Anita.³⁵

Isabella Nogueira conta que Garibaldi e Alexandre Dumas eram amigos próximos e que o herói já tinha a intenção de escrever suas memórias há algum tempo. O encontro de ambos se deu com o exílio do general nos Estados Unidos, quando Garibaldi fugindo dos austríacos na Itália, logo após a morte de Anita, o italiano retorna ao continente americano.

Nogueira levanta a hipótese de que a parceria de Garibaldi e Dumas construiu a imagem de herói do primeiro, se expandiu a vários lugares, inclusive no Brasil quando foi publicado no jornal *Correio Mercantil* como já mencionado. Entretanto, não somente Garibaldi foi considerado um herói em dois mundos, mas também Anita, descrita pelo marido como heroína em várias páginas de suas memórias, cujas são dedicadas à mulher.

A autobiografia de Garibaldi molda o estereótipo de uma heroína - como aqui já mencionado - de uma deusa de Palas em pleno XIX, fazendo com que a imagem de Anita continuasse viva apesar de sua morte, algo que o general Garibaldi procurou manter durante toda sua vida. Garibaldi desenvolve os eventos de lutas, combates, entre outros, de forma intimista, com detalhes que inserem o leitor na batalha, mas quando menciona Anita em seus relatos, não poupa elogios e palavras de orgulho e admiração. A comparação com a deusa Palas (Garibaldi se refere acima ao batismo de fogo de Anita, o qual Paulo Markun conta em sua obra com maior riqueza de detalhes, e que será utilizado o excerto para se denotar a comparação com a Deusa de Palas), um dos nomes de Atena, não era fortuita, pois tratava-se da protetora grega da guerra.

Ao passo que eu realizava meu trabalho de destruição, Anita efetuava a sua obra de salvamento. Mas de que modo, bom Deus! De maneira a fazer-me estremecer! Na missão de transportar as armas até a orla e no seu retorno à embarcação, ela talvez tenha realizado vinte vezes o trajeto...Ela, porém, de pé sobre a popa, no cruzamento dos tiros, surgia ereta, calma e altaneira como uma estátua de Palas, recoberta pela sombra da mão que Deus naquelas horas pousava sobre mim.³⁶

Numa batalha em Imbituba, “com cabelos ao vento, o olhar em chamas, percorrendo a bateria com febril atividade a animar a todos na defesa do estandarte”, lá estava Anita a bordo de uma pequena embarcação, a *Rio Pardo*, quando ganhou a confiança de seu amante, que mesmo a descontento, continuou atirando de carabina e canhão. Por um momento, foi atingida a murada onde estava protegida a intrépida Anita, fazendo com que fosse atirada longe. Caíram

³⁵ CARTA, 2013, pp. 189-190.

³⁶ DUMAS, 2009, p. 99

mortos dois marinheiros ao seu lado. Ainda lépida, voltou a batalha, recolhendo os poltrões que se escondiam nos porões.³⁷

No dia 15 de novembro de 1839, a esquadra imperial do almirante Mariath surge em Laguna. Seguindo ordens do general David Canabarro, Garibaldi demora em agir contra os imperiais, culminando em uma derrota avassaladora. Manda Anita ao encontro de Canabarro para solicitar reforços e ordena que fique por lá. Para seu espanto, Anita regressa com outras ordens e sem reforços. Canabarro manda que ateie fogo às embarcações e salve o pequeno armamento e munições. Anita fica incumbida da tarefa de atravessar o rio por um pequeno barco carregando o armamento e feridos. Realiza tal façanha, de pé na proa, afrontando as balas inimigas que a perseguem.³⁸

Alexandre Dumas, na versão ditada por Garibaldi, afirma que Anita fica incumbida da tarefa de atravessar o rio em um pequeno barco carregando o armamento e feridos. Realiza tal façanha, de pé, na proa, afrontando as balas inimigas que a perseguem. Deste episódio menciona Anita como heroína:

Ela aproxima-se do local principal de combate quando cerca de vinte cavaleiros inimigos passaram a atacar os nossos soldados encarregados do transporte. Excelente amazona e montada num admirável ginete, Anita poderia ter disparado e escapado àqueles cavalarianos; porém, o seu peito de mulher encerrava um coração de heroína.³⁹

Giuseppe Garibaldi fala de Anita em suas memórias com tanto fervor quanto o próprio Wolfgang Rau, mas com relatos, em certos momentos, de culpabilidade pelo desfecho infortúnio de sua esposa. Em suas páginas, Garibaldi se preocupa em contar o quanto Anita era intrépida, e narra seu primeiro encontro com sua companheira de uma década de maneira cinematográfica:

Dada a ordem de desembarque, tomei o caminho da casa sobre a qual havia já algum tempo fixara-se toda a minha atenção. O meu coração disparava, mas também encerrava malgrado a sua comoção, uma dessas resoluções que jamais esmorecem. Um homem convidou-me a entrar. Virgem criatura, tu serás minha!, foi o que disse ao ter a jovem diante de mim. E com tais palavras eu forjava uma aliança que somente a morte haveria de romper. Eu encontrara um tesouro interdito...⁴⁰

Além das menções avulsas discorrendo sobre suas memórias, Garibaldi dedica um capítulo completo à sua esposa. Neste capítulo, já em momentos derradeiros no Rio Grande do

³⁷ MARKUN, 1999, pp. 148 - 149

³⁸ MARKUN, 1999, pp. 158- 159.

³⁹ DUMAS, 2009, p. 120

⁴⁰ Ibidem, p.91.

Sul, o corsário⁴¹ nos conta sobre o nascimento de seu primeiro filho com Anita. A partir do evento, Garibaldi glorifica a mãe deste filho demonstrando quantas privações e perigos essa mulher enfrentou corajosamente e, ainda assim, cumpriu seu papel de mulher honrosa ao companheiro. Mulher e mãe, mas também um soldado intrépido, segundo o marido.⁴²

Em Curitiba, na primeira fuga de Anita, já em estado avançado de sua primeira gestação, algo que não a impediu de comandar o transporte de munições. Nessa tarefa, acabou cercada por imperiais. Tentando fugir e atacar ao mesmo tempo, uma bala lhe cortou o cabelo, e uma segunda bala derrubou seu cavalo. Rendeu-se e foi levada como prisioneira.⁴³

Chega aos ouvidos de Anita a notícia que seu companheiro havia morrido na batalha em Curitiba. Imediatamente, ela pede ao coronel Melo para examinar os corpos que ainda estavam no campo de batalha para verificar a veracidade do fato. Cerca de sessenta cadáveres estavam dispostos de todas as formas naquele campo, e verificando um a um, constatou que Garibaldi ainda estava vivo. Mais à noite, se aproveitando da embriaguez dos soldados, escapou a pé, embrenhando-se na mata, durante uma noite chuvosa. No rio Canoas, perto de Lages, Anita teria conseguido um cavalo branco, e atravessando o rio a galope pela noite com os cabelos esvoaçantes, espantou a quem a viu, julgando ser uma aparição. Após oito dias de sua captura, Anita retorna para Garibaldi. Quando lhe perguntando como conseguiu chegar onde estavam acampados, ela respondeu simplesmente: “Vim vindo...” Tal episódio é contado de várias maneiras por autores, mas sempre de uma forma heroica.⁴⁴

Garibaldi, em alguns momentos, engrandece a companheira a patamares muito maiores que aqueles utilizados para descreve-lo, como quando narra a segunda fuga da mulher, com o filho recém-nascido nos braços. Neste momento, o local onde guardavam estadia foi atacado por uma tropa imperial comandada pelo General Moringue.

Sublime em sua coragem em face do perigo, ela ainda se engrandecia (fosse isso possível!) diante da adversidade. Assim, frente a frente com aquele estado-maior assombrado com a sua bravura- mas que não tivera o escrúpulo de dissimular à vista de uma mulher a sua empáfia de vitoriosos -, ela repeliu com uma áspera e orgulhosa altivez alguns termos que pareciam-lhe exalar o desprezo pelos republicanos vencidos. Anita combateu tão energeticamente com as palavras quanto o fizera com as armas.⁴⁵

⁴¹ Garibaldi recebe sua carta de corso de Bento Gonçalves, antes de fazer parte da Revolução Farroupilha.

⁴² DUMAS, pp. 118-124.

⁴³ Ibidem, pp. 118-124

⁴⁴ MARKUN, 1999, pp.169-171

⁴⁵ Ibidem

A segunda fuga de Anita é descrita pelos seus principais biógrafos como algo impressionante, tornando-se um evento tão magistral e ao mesmo tempo emblemático que o monumento/sepulcro erguido para homenagear e servir de última morada para os restos mortais de Anita representa esta imagem: a heroína montada em um cavalo em pelo segurando o filho nos braços.

Anita, no seu décimo segundo dia posterior ao seu parto, sob uma inclemente tempestade, montada em seu cavalo, andrajosa, com o seu pobre filho de través sobre a sela, vira-se forçada a buscar refúgio na mata. No rancho, então, não encontrei nem Anita nem a boa gente que lhe dera albergue. Localizei-os, porém, na orela de um capão, onde andava o inimigo e se tinham ainda alguma coisa a temer.⁴⁶

Alexandre Dumas na versão ditada por Garibaldi deste episódio menciona Anita como heroína:

Ela aproxima-se do local principal de combate quando cerca de vinte cavaleiros inimigos, passaram a atacar os nossos soldados encarregados do transporte. Excelente amazona e montada num admirável ginete, Anita poderia ter disparado e escapado àqueles cavalarianos; porém, o seu peito de mulher encerrava um coração de heroína.⁴⁷

A segunda fuga se deu doze dias após o parto de seu primeiro filho, batizado de Menotti. Estava em uma casa simples na cidadela de São Luís das Mostardas, no ano de 1840. Em um ataque surpresa, os republicanos comandados pelo capitão Moringue armam uma emboscada a casa, cercando Anita e o recém-nascido, junto de mais alguns homens que Garibaldi deixou para proteção enquanto partia para a Setembrina em busca de proventos para mãe e filho. Anita fugiu de sobressalto, precariamente vestida e Menotti consigo. A cavalo, tentando proteger ao máximo o filho da chuva e perigos da noite, além de despistar os imperiais no seu encalço. Quando Garibaldi chegou a Mostardas e não encontrou ninguém, partiu em busca do filho e esposa, vindo a encontrá-los alguns dias depois, são e salvos no começo da floresta.⁴⁸

Garibaldi, em suas memórias, entoa o caminhar da Guerra dos Farrapos por uma visão penosa, dramática, e com sofreguidão descreve os momentos finais de sua participação no movimento no Brasil, e o quanto foi crucificante para ele e principalmente, para Anita e seu filho, enfrentar as privações de uma guerra. Já era sabido desde então, que os farrapos estavam derrotados. Sem soldados e sem provimentos suficientes, o forte exército imperial desenlaçou o fim dos farroupilhas.

⁴⁶ DUMAS, Alexandre. "MEMÓRIAS DE GARIBALDI". Ed. L&PM Pocket, 2000, p.124.

⁴⁷ Ibidem, p. 120

⁴⁸ MARKUN, 1999, pp. 173-179

Garibaldi descreve algumas batalhas e comportamentos de Anita na Revolução Farroupilha, que segundo ele, algo vindo da admirável criatura que perdeu.

Durante aquele combate, Anita, montada em seu cavalo, não arredou-se do meio do fogo cruzado, espectadora da nossa vitória e da ruína dos militantes do Império. Ela fora, naquele dia, a providência dos nossos feridos, que, na ausência de ambulância e de cirurgião, vinham recebendo de nossa parte um tratamento algo canhestro. Aquela vitória recolocava, pelo menos momentaneamente, os três territórios de Cima da Serra, Vacaria e Lajes...Anita deveria assistir, naquele dia, os incidentes mais bárbaros da guerra.⁴⁹

Descrevendo a providencial presença de Anita em momentos importantes nas batalhas, Garibaldi denota os pensamentos subjugados por seu comportamento durante as lutas, mostrando ser uma verdadeira heroína capaz de estar a seu lado e ainda se firmar como mulher desejada e dedicada.

Submetendo-se a contragosto ao papel de simples espectadora do combate, e temendo que viesse a faltar cartuchos aos soldados, ela provia o abastecimento das nossas munições. O fogo que éramos obrigados a fazer permitia de fato supor que, se estas não fossem repostas, em pouco tempo achariam-se esgotadas.⁵⁰

Apenas de início, Garibaldi menciona sua companheira como mãe, tendo esse gesto com o intuito de engrandecer Anita, que ainda combatendo, como um soldado, de forma grandiosa, consegue lhe proporcionar uma grande alegria de um filho. No decorrer do capítulo, ele descreve batalhas árduas com os soldados imperiais e coloca Anita em luta, mas sempre sublinhando os seus feitos. São os primeiros relatos para a História das ações da companheira no século, conotando o posto de heroína.

(...) Excelente amazona e montada em um admirável ginete, Anita poderia ter disparado e escapado àqueles cavalarianos; porém, o seu peito de mulher encerrava um coração de heroína. Em lugar de fugir, ela tratou de exortar os nossos soldados a defenderem-se achando-se de súbito rodeada pelos imperiais (...). Ela cravou as esporas no ventre de seu cavalo e, arrojando-se vigorosamente, avançou por entre os inimigos, não recebendo senão uma bala, que transpassou o seu chapéu, alteando-lhe os cabelos, mas sem roçar-lhe o crânio.⁵¹

Observando a descrição acima, imagina-se uma cena saída de um filme épico, com intuito de entreter e aguçar a imaginação, ou como Garibaldi sem dúvidas intencionava quando

⁴⁹ DUMAS, Alexandre. "MEMÓRIAS DE GARIBALDI". Ed. L&PM Pocket, 2000, pp.119.

⁵⁰ Ibidem, pp.119-120.

⁵¹ Ibidem, p.120.

procurou Alexandre Dumas, o reconhecimento como herói, considerando que sua esposa não poderia ser apartada desta intenção.

Após o fim melancólico da primeira Legião Italiana e da morte trágica de Anita, não sabendo ao certo a causa da morte, alguns ainda dizendo ser malária ou tifo, Garibaldi não teve tempo de absorver a morte da companheira, o qual ainda em prantos é retirado às pressas da fazenda, apenas encomendando ao feitor que lhe desse uma sepultura digna que tão pronto pudesse, iria buscá-la.⁵²

A culpa começa a assombrar o general desde então. Em suas memórias, Garibaldi deixa uma passagem onde Alexandre Dumas reporta ao próprio general a estranheza do parágrafo, dizendo não estar claro o que o amigo queria dizer. Em nota de rodapé, Dumas explica a situação e a negativa de Garibaldi em corrigir, tendo o general enviado dois dias depois um caderno intitulado *Anita Garibaldi*:

Mas ela está morta, e ele, vingado. Onde foi-me dado a conhecer a dimensão da culpa? ...eu segurava convulsionado o seu pulso, sentindo-lhe os últimos batimentos; no dia em que eu inspirava o seu hálito fugidio; em que eu colhia com os meus lábios a sua respiração ofegante; e em que eu beijava, oh, luto!, lábios desfalecidos; e em que cingia, oh, dor!, um cadáver; e em que chorava as lágrimas do desespero.⁵³

Nas “Memórias de Garibaldi”, Anita toma o espaço masculino como se fosse seu próprio universo, apesar de Garibaldi não demonstrar sua esposa de forma masculinizada, corroborando para a edificação da imagem heroica, ao lado dele mesmo, ou quase que ao mesmo tempo. Em uma de muitas passagens, Garibaldi descreve a mulher como uma figura vigorosa, intrépida, parecida com a sua própria imagem, mas também muito feminina:

À testa dos pouco homens que restaram, de tantos guerreiros que muito justamente mereceriam o epíteto de bravos, eu avançava a cavalo, orgulhoso dos vivos, orgulhoso dos mortos, quase orgulhoso de mim mesmo. A meu lado cavalgava a soberana de minh'alma, a mulher digna de toda a admiração. (...) Anita, tão ardentemente apaixonada quanto eu pela causa dos povos, encarando os combates como divertimento, como uma simples distração da vida dos arraiais! O futuro sorria-me, sereno e venturoso, e quanto mais selvagens e desérticos mostravam-se os ermos americanos, mais encantadores e belos eles me representavam.⁵⁴

Não há registros sobre Anita na documentação farroupilha conhecida, sendo as memórias de Garibaldi a primeira fonte a mencioná-la como heroína. As biografias de Anita se

⁵² RAU, 1975, pp. 468-469.

⁵³ DUMAS, Alexandre. “MEMÓRIAS DE GARIBALDI”. Ed. L&PM Pocket, 2000, p. 91.

⁵⁴ Ibidem, p.100.

tornam melhor documentadas quando da sua união com Garibaldi, sendo encontrados registros de casamento, batismos, relatos orais e claro, as memórias.⁵⁵ Entretanto, a imagem de Anita tem uma mácula que ainda perdura.

1.2– O período republicano.

O historiador José Murilo de Carvalho, em sua obra “O imaginário da República do Brasil”, explica que a busca por heróis foi uma estratégia do regime instalado em 1889 para a propagação de uma identidade nacional baseada não mais na união dos súditos em torno de um imperador, mas sim dos cidadãos em torno do ideal do civismo.

Era preciso criar símbolos nacionais, imagens nacionais e heróis nacionais, cidadãos exemplares que sacrificaram suas vidas pessoais em nome da República, não apenas da opção de governo republicano, mas do ideal coletivo de interesse público.

A propaganda republicana foi intensa ao se utilizar da literatura e do imaginário popular para essa verdadeira busca pela identidade nacional e pela legitimação do governo. Era preciso, como acontece em diferentes regimes políticos, legitimar o poder com base na criação de um mito nacional.⁵⁶

Todavia, a figura da mulher teria que ser representada, pois os ideários republicanos brasileiros estavam calcados em princípios da Revolução Francesa, ou seja, o feminino com todos seus atributos: valor da família seguido da pátria, feições de guerreira associadas ao corpo de mãe, esposa e uma porção de sensualidade deveriam fazer parte de uma figura símbolo do nacionalismo almejado.⁵⁷

Com isso, artistas brasileiros positivistas como Eduardo Sá e Décio Villares representavam em pinturas, esculturas e monumentos a imagem que a República idealizava para a mulher brasileira. Entretanto, no âmbito social, esse tipo de propaganda que criava e manipulava símbolos para se alcançar objetivos de firmamento do sistema não obteve respaldo no campo social. Para tanto, era necessária uma reconstrução da história em busca da

⁵⁵ SOUTO, Cíntia Vieira. “Anita Garibaldi, heroína, mas virtuosa”. História, gênero e trajetórias biográficas, ST. 42. Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Disponível: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf>

⁵⁶ CARVALHO, José Murilo. “A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia. Das letras, 1990, pp. 54-55

⁵⁷ Ibidem

legitimação do governo republicano. Obras memorialísticas, biográficas e didáticas compuseram o processo de construção de uma história nacional.⁵⁸

Os Institutos Históricos contribuíram para a dita finalidade do governo, pois se pretendia uma escrita sistemática e de forma oficializada. O almirante catarinense Henrique Boiteux, membro correspondente dos Institutos Históricos Geográficos do Ceará, Pernambuco, Sergipe, Santa Catarina, São Paulo, Bahia e do Paraná publica, em 1898, no anuário de Santa Catarina, a obra “Anita Garibaldi – a heroína brasileira”, sendo reeditada em 1906 no Rio de Janeiro, e em 1935 pela Imprensa Naval.⁵⁹ Entretanto, a propaganda dos Institutos destinada à história de Anita foi mais intensa no início do século XX, a qual será retomada adiante, no segundo capítulo desta dissertação.

Com uma imagem ambígua (mulher republicana e guerreira), Anita foi colocada pela República como um modelo exemplar de mulher que não deixava os dois universos se intercalarem, o que era possível para os republicanos em razão de acreditarem não haver nessa separação (mulher x guerreira) nenhum confronto social. Entretanto, reforçava-se a ideia de que ficou viúva antes de conhecer Garibaldi que, como as demais mulheres de sua época, casou contra sua vontade, mas dentro das regras sociais. Anita, assim, estaria desimpedida quando se uniu a Garibaldi.⁶⁰

Apenas a partir da Proclamação da República, quase quarenta anos após a morte de Anita, houve um resgate de sua imagem, mas com um destaque para o espaço privado, tratando-se de uma mulher do século XIX. O objetivo desse novo empenho era demonstrar que foi uma esposa que conseguia conciliar as tarefas domésticas, viver segundo as regras impostas pela sociedade da época e ainda ser uma heroína valente disposta a desembainhar espadas e disparar canhões para defender a pátria ou um ideal libertário.⁶¹ É possível que Anita Garibaldi não tenha logrado, com a mesma intensidade que se aplicou à imagem de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, a legitimação e promoção do Regime Republicano logo de início, pois a imagem da mulher não chegava às partes centrais e mais importantes politicamente, como o

⁵⁸ ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. “Uma heroína na História: representações de Anita Garibaldi”. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000, pp. 28-29.

⁵⁹ ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. “Uma heroína na História: representações de Anita Garibaldi”. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000, p. 32

⁶⁰ RIBEIRO, Fernanda Aparecida. “As Histórias de Anita Garibaldi”. Revista Alere, Ano 04, Vol. 04, Nº 04, 2011, pp. 155-178.

⁶¹ Ibidem

Rio de Janeiro. Entretanto, existiam outros candidatos na Revolução Farroupilha ligados a questão separatista do Regime Monárquico que representavam um papel mais importante do que fez Anita na política nacional, como Bento Gonçalves.⁶²

Enquanto a República moldava a imagem de Anita como a mulher dos sonhos republicanos, os historiadores buscavam subterfúgios para ocultar o fato de que, quando seguiu Garibaldi, ainda estava casada com o primeiro marido, algo que o próprio Garibaldi havia dado a entender nas entrelinhas de suas memórias. Mas a inaceitável realidade seria confirmada no começo do século XX, em 1907, o que fez com que a imagem de Anita que fora apresentada ou moldada tivesse uma reviravolta negativa.⁶³

Antônio Manoel Elíbio Júnior, em sua dissertação de mestrado “Uma heroína na História: as representações de Anita Garibaldi”, analisa o imaginário criado sobre a mulher, abordando de forma político-social, principalmente, as representações da heroína, analisando as comemorações de centenários, os republicanos e as ideias de representatividade do heroísmo brasileiro até a homenagem de uma escola de samba do Rio de Janeiro no século XX.

Elíbio Júnior analisa, dentre suas fontes, um livro editado em 1899 por D. Ignez Sabino, “Mulheres Ilustres do Brazil”, que dedica o seu estudo a 46 mulheres brasileiras. O livro foi lançado em um contexto republicano, marcado por uma historiografia de cunho positivista, na qual a imagem do feminino deveria vir referenciada pela caridade, humildade e dedicação à família. Sendo estes os pontos em comum das mulheres no livro. Segundo Elíbio Júnior, Sabino afirma que o amor de Anita por Garibaldi elevava o *status* de heroína da brasileira, que cumpriu não somente com seus deveres cívicos com bravura, mas tornou-se mulher ilustre por sua dedicação ao esposo, tendo a imagem atrelada a Garibaldi. Entretanto, a autora ainda coloca Anita em um patamar de grande elevação, de forma sublime e dadivosa, com o intuito de justificar a presença de uma mulher em guerra ou na política, em pleno século XIX.⁶⁴

Ainda no livro de D. Ignez Sabino, Elíbio Júnior destaca-se o ambiente conservador no século XIX, quando Anita se destacava por assumir um papel essencialmente masculino: um soldado em guerra. Sabino não afasta Anita de seu marido, tentando amenizar o fato de uma mulher apresentar um comportamento pouco provável para a época.

⁶² ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. “Uma heroína na História: representações de Anita Garibaldi”. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000, p. 28.

⁶³ SOUTO, Cíntia Vieira. “Anita Garibaldi, heroína, mas virtuosa”. História, gênero e trajetórias biográficas, ST. 42. Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Disponível: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf>

⁶⁴ ELÍBIO JÚNIOR, 2000, pp. 20-21.

Coração de patriota, alma de heroína, Anita, desde esse momento, dia a dia, ao lado dele (Garibaldi) na campanha, compartilhou das suas desgraças e dos seus triunfos, mostrando energia fora do comum, tomando parte nos combates, já de espingarda na mão, já na posição de artilheiro, animando os combatentes e, mais ainda servindo de enfermeira solícita e boa, sem ambulância, sem nada mais do que esses carinhos que a mulher, seja qual for a sua posição na sociedade, sabe dispensar pela bondade de seu coração e do seu sentimentalismo.⁶⁵

Como se nota, o pensamento professado pelo regime republicano não se limitava aos governantes, mas esse pensamento também era direcionado a uma camada maior da sociedade.

D. Ignez Sabino foi uma autora que publicou, no ano da Proclamação da República, uma biografia sobre mulheres ressaltando o protagonismo que podiam ter dentro de uma sociedade marcadamente masculina. Consagrava-se a mulher que se destacava e ainda cumpria seus deveres sociais e preservava a sua natureza feminina.

As mulheres do livro de Sabino são excepcionais ou heroínas porque não se limitam às concepções comuns destinadas às mulheres do XIX. Mulheres como Anita Garibaldi estão fora do comum, pois, atuam nos dois campos: masculino e feminino (mãe, dona de casa, do lar e soldado). E, justamente, sua imagem se torna mais vigorosa por conseguir destacar ou ainda aflorar o que lhe foi biologicamente concebido, ou seja, ser ter nascido mulher.⁶⁶

Anita chegava ao final do século XIX como a mulher do general unificador da Itália, mas moldada para a aceitação do conservadorismo da época. A representação de uma Anita forte, destemida e perspicaz para a política e assuntos afins não é maior do que a imagem de uma esposa dedicada ao matrimônio e a seu marido, boa mãe e patriota, como deveria ser dentro da esfera da vida privada.

Entre todos esses sobressaltos, Anita era mãe, sentia a ausência de seu filho que necessitava de todos os seus cuidados, do seu amor, da sua vigilância, tanto mais quanto, uma vez seu pai em difíceis situações, foi necessário conduzi-lo ao pescoço para aquece-lo. O grande revolucionário para a família era o maior cumpridor possível dos seus deveres (...)⁶⁷

Mary del Priore, em sua obra “A mulher na História do Brasil”, aborda a historiografia da mulher brasileira a partir do século XVIII, tempo marcado pelo domínio masculino das decisões, cabendo à mulher o domicílio e seus cuidados, e como a imagem feminina foi se modificando com as transformações políticas e sociais ao longo da história, estando esta figura cada vez mais inserida em contextos múltiplos. Sua obra se apresenta como um material

⁶⁵ SABINO, Ignez D. “Mulheres Ilustres do Brasil”, 1996 apud ELÍBIO JÚNIOR, 2000.

⁶⁶ ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. “Uma heroína na História: representações de Anita Garibaldi”. Universidade Federal de Santa Catarina, p. 22, 2000.

⁶⁷ Ibidem.

complementar para se compreender o contexto em que uma mulher do século XIX estava inserida. Direcionando para Anita Garibaldi, o trabalho de Priore colabora para a compreensão deste meio marcado pelo *patriarcado*, oriundo do Brasil colonial, e como a personagem foi possivelmente vista pela sociedade brasileira oitocentista, buscando compreender como se tornou heroína tendo antes uma imagem completamente diferente no século em que viveu.

A discussão sobre o significado de *patriarcado* atingiu diversos estudiosos com visões e períodos distintos, cuja teoria ainda vem se implantando até os dias atuais. Apenas para se compreender o contexto em que Anita estava inserida e quão audaciosa ela foi ao penetrar no universo dito masculino, e então entender o quanto suas escolhas pesaram em sua imagem mesmo após a morte, será introduzido um relato sobre o conceito de patriarcado até as décadas iniciais do século XX.

Segundo estudos de Max Weber, o patriarcado compõe um ideal de dominação, de imposição a terceiros a própria vontade e aceitação de outros. Na sociologia weberiana há uma estrutura patriarcal dominante que se refere ao estabelecimento de vínculos entre o senhor e demais membros da família, incluindo os escravos. Há a imposição de autoridade do chefe da família sob os mais fracos, seguindo crenças e tradições.⁶⁸ Para Weber, o processo de racionalização de uma sociedade moderna tem como característica a emergência do Estado Moderno, o qual pressupõe a superação do patriarcado, surgindo a partir de então, formas impessoais de organizações sociais, caracterizando também o Estado liberal.⁶⁹

Adequando essas ideias ao seio da família brasileira, Sérgio Buarque de Holanda e Oliveira Vianna analisam as possibilidades de desenvolvimento do liberalismo e sua relação com o patriarcado e o Brasil enquanto nação. Com a modernização do Estado brasileiro, com a separação do privado e público, os historiadores não problematizam a família patriarcal como sistema de opressão às mulheres.⁷⁰

Seja pela política ou pela ordem privada familiar e suas tradições, a dominação do chefe de família tem formação histórica. A figura masculina se apresenta como detentor do poder e autoridade, legitimada pelo costume, pela tradição e pelo Estado Moderno Liberal, buscando manter a ordem e estabilidade. Todos os outros membros da família giram em torno do senhor,

⁶⁸ WEBER, Max. Sociologia da dominação. In: WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: UNB, 1991, pp. 187-223

⁶⁹ REZENDE, Daniela Leandro. Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. Revista Pensamento Plural. Pelotas, julho-dezembro de 2015, pp 07-27.

⁷⁰ Ibidem

seguindo suas vontades, algo que o autor Sérgio Buarque nomeia como personalidade, singularidades individuais.⁷¹

Neste espaço ruralista, Anita estava imersa em um mundo de domínio masculino, onde não pôde escolher o primeiro marido, tendo que se casar pela situação de extrema pobreza em que vivia; e subjugada quando decidiu dar outro rumo a sua vida. Por mais de um século, ela carregou a mácula de adúltera e indigna de ser chamada de heroína.

Com isso, torna-se importante ressaltar o valor da mulher no século XIX, a partir de demonstrações de alguns estudos, pelo fato de Anita estar inserida nesse contexto e todas as declarações ou intentos de representa-la como heroína devem ser pensados seguindo a mentalidade da época. Quando se analisa mais de perto o lugar da mulher na sociedade brasileira oitocentista, deixa de causar estranheza a observação do biógrafo Wolfgang Rau, quando classifica como “mesquinha e sarcástica” a carta em que o almirante Mariath classifica Anita como heroína.

No Brasil, Anita foi vista por longos anos como a adúltera que seguiu um corsário aventureiro, como Rau apresenta, sendo ele testemunha de um período em que se levantava essa questão acerca da mulher de Garibaldi.

Vemos, porém, através do estudo da vida de Anita Garibaldi, que a admiração que se lhe tem testemunhado, é de todo justificável e justificada. Não há razão para continuar a “papagaiar” opiniões mofadas nem acalentar preconceitos vencidos, arrastados em “câmara lenta” durante 140 anos, quando aplicados sem reexames a essa mulher extraordinária, a qual soube lavar em tempo a dúbia “mancha” que desde então se lhe tem apostado impatrioticamente. Qual é essa mancha? Piegasmente, incriminam-na de ter abandonado o lar por Garibaldi.⁷²

Para Cíntia Vieira Souto, a República não teve um papel fundamental para a propagação da imagem de heroína, porque criavam ou preservavam um revestimento inviolável ao redor da persona e, para Anita, deveria se apresentar virtuosa. Essa imagem imaculada se deturpou ao se conhecer o fato de ela ter abandonado o marido para seguir o italiano corsário, e quando houve o interesse pela história das mulheres, se esqueceu da história das heroínas, além de ocultar Anita e seu “deslize” a todo custo.⁷³

Os italianos que vieram para o Brasil produziram uma classe média e uma elite ítalo-brasileira em São Paulo e no sul do país, sendo necessário a integração desse povo. Para tanto,

⁷¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. Companhia das letras, São Paulo, 2013, pp. 73-92.

⁷² RAU, 1975, pp. 121-122

⁷³ SOUTO, Cíntia Vieira. “Anita Garibaldi, heroína, mas virtuosa”. História, gênero e trajetórias biográficas, ST. 42. Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Disponível: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf>

a valorização da família mista, simbolizada pelo casal Giuseppe e Anita, era oportuna. “Era necessário um elo entre a comunidade italiana e brasileira. Foi então descoberto Garibaldi como herói farroupilha e a indiferença para com Anita foi ficando menor, portanto, para Souto, os italianos tiveram um papel muito importante na propagação da imagem dos Garibaldi”.⁷⁴

Souto relata que mesmo as memórias de Garibaldi sendo conhecidas pela elite brasileira letrada, o casal Garibaldi era indiferente do restante dos viventes. A mudança do panorama se deu com a colonização italiana, cuja a população de migrantes no começo do século XX já se constituía importante grupo socioeconômico, sendo descoberto Garibaldi como herói farroupilha, assim como sua esposa, principalmente na região sul do Brasil. Entretanto, até anos finais do XIX, Garibaldi era mencionado em jornais nacionais como herói da Unificação Italiana e pouco lembrado de seus feitos na Revolução Farroupilha, como nota-se no excerto do periódico “A Federação de 20 de setembro de 1885:

Glorioso para a província do Rio Grande do Sul, por recordar o grande feito revolucionário de 35, o 20 de Setembro relembra à Itália o fato soleníssimo da unificação da Pátria sublime de Dante, do excelso Mazzini, do severo Cavour e do imortal Garibaldi. A completa unificação da Itália há 15 anos representa a mais bela conquista da democracia, assegurando à Itália as liberdades que hoje a tornam notável entre os países monárquicos do velho mundo. Trabalhadores, enérgicos pensadores e altivos, os italianos transigiam com o governo da casa de Sabóia, mas cimentam maior grandeza futura.

Ao final do século XIX e começo do XX já havia um grupo sólido de italianos no Brasil. Entretanto, uma pequena leva já havia chegado a terras brasileiras e se engajado em lutas armadas desde a própria revolução farroupilha. Para se compreender melhor a participação dos italianos na disseminação da imagem do casal Garibaldi, é necessário expor a tessitura dessa participação na farroupilha e a disseminação do legado Garibaldi ao início do XX.

A pesquisadora e escritora Yvonne Capuano proferiu, durante o Seminário Internacional realizado por ocasião das comemorações dos 170 anos da Revolução Farroupilha, uma palestra sobre a participação do casal Garibaldi nesta guerra, dando início ao debate sobre a vinda dos italianos, que por força do destino, acabaram por participar ao lado de Giuseppe na revolução.

A autora nos conta que na mesma época da guerrilha já havia italianos bastante ativos no Brasil, principalmente, no Rio de Janeiro onde trabalhavam como comerciantes. No Rio Grande do Sul, esses italianos auxiliavam os farroupilhas nas lutas, como Luigi Rossetti, amigo íntimo de Garibaldi que manteve participação ativa nas batalhas e na imprensa durante o conflito.

⁷⁴ Ibidem

Havia também os que ajudavam no transporte de cabotagem, venda de gado, ou na coleta de taxas em zonas controladas pelos rebeldes.⁷⁵

No ano de 1834, foi fundada no Brasil uma congregação da jovem Itália que intencionava reunir exilados políticos e divulgar as ideias de Giuseppe Mazzini e seus princípios republicanos entre os italianos e brasileiros. Garibaldi, grande seguidor dos ideais de Mazzini, chega exilado da Itália, conhece Bento Gonçalves por meio de outro italiano preso no Brasil, e sem mais tardar, entra na revolução sulista.⁷⁶

Todo o feito de Garibaldi à frente das embarcações brasileiras é de fácil acesso, mas há ainda discussões ferrenhas da importância de sua participação na farroupilha. Entretanto, é inegável a movimentação italiana anterior à deflagração da guerra e da inserção destes no conflito.

Após a campanha vitoriosa de Garibaldi no intuito da unificação italiana, cujos jornais brasileiros, como o Correio Mercantil, anunciavam em primeira mão o feito, os italianos orgulhosos de si, começaram a divulgar ao povo que os recebeu o seu casal de heróis.

Quando chega o final do século XIX, a imigração italiana foi muito maior em relação à ocorrida há algumas décadas por motivo do exílio de vários rebeldes que queriam a unificação, como o caso de Garibaldi. Pelas mudanças estruturais no modo da economia mundial, os italianos demonstraram interesse laboral no Brasil. Com base em dados apresentados por Franco Cenni, pesquisador da Universidade de São Paulo, sobre o período compreendido entre os anos de 1875 e 1889, estima-se a chegada de 40 mil imigrantes italianos somente no Rio Grande do Sul.⁷⁷

Com o fim das batalhas para a unificação na Itália tendo como grande herói Giuseppe Garibaldi que fez questão de “se mostrar” através de suas memórias e a vinda de tantos italianos no final do século XIX para o Brasil, não foi difícil o nome do casal Garibaldi vir à tona no Sul da América.

No Brasil, os italianos formaram grupos políticos como a *Congrega Giovane Italia* e a sociedade de Giuseppe Mazzini *Giovine* Itália que possuía representantes no Rio de Janeiro, além de fazer parte da imprensa. Em setembro de 1877, Garibaldi já aposentado em Caprera, na Itália, manda uma nota de agradecimento aos membros da diretoria da Sociedade “Vittorio

⁷⁵ CAPUANO, Yvonne. “Anita e Giuseppe Garibaldi na Revolução Farroupilha”. In: “Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita”. Org. DE BARROS FILHO, Omar L.; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. Porto Alegre, 2007

⁷⁶ CAPUANO, Yvonne. “Anita e Giuseppe Garibaldi na Revolução Farroupilha”. In: “Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita”. Org. DE BARROS FILHO, Omar L.; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. Porto Alegre, 2007, p. 168.

⁷⁷ CENNI, Franco. “Italianos no Brasil”. São Paulo, 3ª ed, 2003, p. 174.

Emanuele II” no Brasil que o nomearam presidente honorário, cujo alguns membros já lutaram junto ao general nos batalhões farroupilhas e da Legião Garibaldina no Uruguai.

*Miei Cari amici,
Grazie per il pregiato titolo di vostro presidente onorario.
Ricordo com gratitudini l’ospitalità ricevuta tra la genorosa popolazione
del Rio Grande. Sempre vostro,
G. Garibaldi⁷⁸*

A ideia de “herói de dois mundos” ganhou força com os italianos de tais agremiações que assumiram a responsabilidade de introduzir a *italianidade* no Brasil pela imagem da nova Itália. As sociedades reforçavam os traços culturais através de símbolos, como o próprio Garibaldi que já era glorificado na Itália.

Ao final, com a transformação de Garibaldi em uma imagem de gaúcho, a qual o mesmo manteve até sua morte, alguns traços, como o uso do poncho, italianos e gaúchos comemoravam juntos uma mesma data festiva, como o dia 20 de setembro, mas por motivos diferentes. Na Itália, data nacional e no Rio Grande do Sul, data da eclosão da Revolução Farroupilha.⁷⁹

Enfim, Anita Garibaldi, no século XIX, não passou da sombra do marido, começando a ser vista com existência própria apenas quando ocorreu a Proclamação da República, e sendo lembrada ao lado de Garibaldi pelos italianos vindos com a imigração. Anita foi apenas apresentada aos brasileiros, não tendo grande significância em termos de heroísmo, e considerando que seu passado ofuscava a imagem pura e casta que uma mulher deveria ter para o século XIX, fato que somente mudaria quando os italianos foram retirando-a da escuridão.

Com isso, a persona Anita pôde ser reconhecida como ser que existiu e lutou em causas brasileiras. Todavia, vindo à luz todos os seus feitos, adentra o século XX com a personificação adúltera para uma sociedade que conhecia pouco a própria História, e se perpetuando por longos anos.

Adiante, Anita começa a ser moldada com a Proclamação da República com intuito de satisfazer os ensejos de um governo que ainda tentava se legitimar. E para tanto, obras são encomendadas, e biografias sobre Anita começam a desabrochar.

⁷⁸ Cinquentenario della Colonizzazione italiana nello Stato del Rio Grande del Sul: 1875-1925. Porto Alegre: Globo; Roma: Ministero degli Affari Esteri d’Italia, 1925, p. 365. apud CONSTANTINO, Núncia Santoro de. “Memória, mito e identidade: farroupilhas e italianos no Rio Grande do Sul”. In: “Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita”. Org. DE BARROS FILHO, Omar L.; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. Porto Alegre, 2007.

⁷⁹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. “Memória, mito e identidade: farroupilhas e italianos no Rio Grande do Sul”. In: “Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita”. Org. DE BARROS FILHO, Omar L.; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. Porto Alegre, 2007, pp. 109-111.

CAPÍTULO II – ANITA NA HISTÓRIA.

A partir do século XX, a elaboração da imagem de Anita abandona o terreno do registro policial e da construção da imagem do marido e companheiro de batalhas para assumir um caráter mais individualizado na pena de pesquisadores que passaram a se interessar pela trajetória da, então, já controversa personagem. Principalmente no início do período, a tônica das investigações é marcada por uma certa valorização de princípios republicanos muito ligados à promoção do sentimento nacional. Compreender como a imagem construída no Oitocentos é modificada a partir da virada do século constitui o objetivo principal do capítulo. Para tanto, são analisadas biografias e outros documentos que auxiliam na compreensão do processo de transformação da imagem de Anita em obras que se sucederam ao longo de décadas, algumas, norteadas por diferentes contextos políticos e sociais atravessados pelo país. As biografias aqui tomadas como fontes principais foram selecionadas de acordo com critérios que variam da possibilidade de acesso aos textos originais até a presença e a importância que assumiram como fontes de dados para os estudos que a elas se seguiram ao longo do século, empreendidos por historiadores de profissão, jornalistas e outros interessados em Anita Garibaldi e na Revolução Farroupilha.

Com o advento da Proclamação da República, a Revolução Farroupilha, vista como uma efeméride, foi reconsiderada pela então nova política brasileira como um evento cuja comemoração era bastante conveniente aos projetos intentados pelos grupos políticos que assumiram o poder no país. Os movimentos republicanos, sobretudo aqueles que se desenvolveram a partir do fim do Segundo Reinado, se direcionaram para uma propaganda nacionalista, visando a promoção e o estabelecimento do regime, diante de um povo tido como dotado de pouco sentimento de pertença ao país e mesmo visto pelas elites como desprovido de identidade nacional.

Os conceitos de nação, nacionalismo e, conseqüentemente, de identidade nacional, foram se construindo na Europa com maior efervescência no século XIX. O historiador Eric Hobsbawm configura nacionalismo como algo fundamental para a sustentação de uma unidade política nacional. Para ele, a nação não vem antes do Estado e do nacionalismo, e sim, o corpo de Estado, e o nacionalismo para a sustentar a unidade ou o corpo é que geram a nação e não o oposto. O autor também considera que o governo antes de 1884 não estava ligado ao conceito de nação, como ainda se verificará. Assim, Hobsbawm estabelece um ponto onde, a partir da Era das Revoluções (1830), o conceito começa a atingir um discurso político e social. Com isso,

reconstrói uma teoria liberal para o conceito de nação apresentado, a partir de autores críticos, como Karl Marx e Friedrich Engels, que apresentam a nação como um estágio de desenvolvimento histórico da sociedade burguesa.⁸⁰

Hobsbawn busca compreender como uma comunidade ou sociedade se forma nacionalista e se integra ao conceito de nação, no sentido de pertencimento. O autor analisa vários índices como linguagem e a etnicidade. Pela linguagem, as pessoas pertenciam a um coletivo, onde todos têm algo em comum; e diante de etnia, este coletivo se sentia pertencente a um grupo de origem comum e de descendência. Entretanto, isso não basta para formar os conceitos de nacionalidade e nação, pois não é compreensível, todavia o que aconteceu nas mentes da maioria dos homens e mulheres, essencialmente dos analfabetos.⁸¹

Outro fator, que também pode ser importante para se compreender a noção de nação manejada no início do Período Republicano no Brasil é o governo estar diretamente ligado ao conceito de nação, pois, todo um aparato burocrático, antes dominado por indivíduos originários apenas de determinados estratos sociais, passa então a abarcar um número maior de pessoas. Recriam-se formas burocráticas que envolvem os cidadãos, os quais, a partir de então, se tornam leais ao Estado e detentores de um sentimento de civismo.⁸²

O Estado passa a ser um edificador da nação, inclusive de características unificadoras de uma população como a língua, que se soma ao território e às demandas comuns como elementos a amalgamar a nação. Ainda assim, todos esses elementos não são suficientes para que seja possível atestar a existência da nacionalidade. Em outras palavras, os requisitos técnicos do Estado administrativo moderno contribuem para desenvolver o nacionalismo, mas não o conseguem de forma integral. Não se conseguiu historicamente o sentimento de identificação nacional na sociedade, exclusivamente, a partir de uma estratégia manejada pelo poder político que se coloca no lugar do Estado.

É fato que mesmo depois de tantas transformações do nacionalismo, ainda se conheça pouco sobre o que significa consciência nacional. Na obra *Comunidades Imaginadas*, Benedict Anderson também se ocupa do tema do nacionalismo. Ao discorrer sobre o nacionalismo e sobre a formação da identidade nacional, Anderson refuta teses de alguns estudiosos, inclusive Eric Hobsbawn. Para Anderson, o surgimento do nacionalismo não estava creditado à

⁸⁰ HOBBSAWN, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, pp. 58-62

⁸¹ Ibidem, pp.63-68

⁸² Ibidem, pp. 68-70.

industrialização ou modernização econômica, mas relacionou-se com uma porção mais limitada da sociedade, construída culturalmente, como comunidades imaginadas.⁸³

Anderson postula que estas “comunidades imaginadas” existem graças a uma espécie de “camaradagem horizontal”, desencadeada mais por uma construção cultural do que propriamente política, econômica ou coercitiva. Neste sentido, o que distingue as diversas nações é o “estilo” como são imaginadas. A imaginação das comunidades se baseia numa rede de parentescos social e culturalmente construídos, pois não se tratam de identidades pretéritas, uns indivíduos não conhecem necessariamente os outros, antes, são levados a crer que partilham valores e interesses comuns, o que favorece a criação laços dotados de certas particularidades.⁸⁴ A formação destas redes, não deve ser compreendida fora do contexto da distribuição de jornais e outras publicações, que vão criando ligações invisíveis entre pessoas que não possuem a menor semelhança cultural entre si.⁸⁵ O autor cita os censos, os mapas e os museus como instituições fundamentais nas moldagens das imaginações, pois criaram sociedades unificadas e assim, o Estado pode conformar maneiras de consolidar seu domínio.⁸⁶

A obra de Benedict Anderson nos convida a uma reflexão sobre os deslocamentos dos povos na contemporaneidade que marcaram os territórios, além da forma como os grupos sociais se rearranjam culturalmente nestes novos espaços. A proposta do texto é problematizar de que forma as práticas de deslocamento podem aparecer para construir os significados culturais, ao invés de ser sua simples extensão territorial, passando a ser também de ordem cultural a motivação da criação dessas comunidades imaginadas.

Fosse a partir de construções culturais, políticas ou econômicas, os conceitos de nação e nacionalismo estavam em pauta no Brasil republicano no final do século XIX. Com o propalado intuito de restaurar a vida política no país, o novo regime buscava incessantemente se legitimar perante à sociedade brasileira, ou, para usar uma das expressões acima abordadas, para se legitimar por meio dessa comunidade imaginada de brasileiros republicanos.

A questão era como criar essa sociedade a partir de um povo recém egresso da escravidão e da monarquia que, sem o Imperador, não possuía qualquer elo, noção de pertença ou sentimento nacional? E se não há com o que se identificar, como legitimar um governo até então desconhecido?

⁸³ ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Companhia das letras, 2008, pp. 26-34.

⁸⁴ Ibidem, pp. 26-34.

⁸⁵ Ibidem, pp. 63-68.

⁸⁶ Ibidem, pp. 71-78.

De muitas maneiras, a resposta estava na história. Não naquela um dia ocorrida, mas na que seria, a partir de então, contada. Teorias europeias tiveram grande influência no pensamento político e social brasileiro no final do XIX.

Seguindo a proposta do Estado, o Partido Republicano Rio-Grandense, que se apresentava como seguidor dos ideais farroupilhas, traz à luz a Revolução Farroupilha que agora se integra aos planos republicanos. Nas décadas finais do XIX, jornais republicanos como “A Federação” ou mesmo livros como “A História da República Rio-grandense” (1881) de Joaquim Francisco de Assis Brasil, apresentam os primeiros estudos sobre a revolução.

No dia 20 de agosto de 1912, o jornal “A Federação” apresenta em primeira página os 4 atos de uma ópera intitulada “Annita Garibaldi” composta pelo maestro Francisco Braga. O periódico oferece ao leitor além de um breve resumo dos atos musicais uma biografia sobre Anita, onde se deixa claro ser uma cópia do que havia sido publicado em outro jornal, “O Correio da manhã”. O jornal deixa explícito que os brasileiros não dão o devido valor a heroína, assim como a Itália já o faz, e esperam que esta publicação possa elucidar seu valor:

Foram os episódios desse drama militar em grande parte ocorrido no Brasil, e os lances da tragédia amorosa cujo epílogo teve lugar em Ravenna, junto a uma floresta de pinheiros, que Osorio Duque Estrada fixou em um libreto de uma opera a que acabou de dar vida a inspiração musical do nosso glorioso maestro Francisco Braga. Ao passo que no Brazil nada se fez ainda para testemunhar a gratidão nacional à sua heroína, já em Ravenna em Nice dois monumentos foram levantados à memória de Annita Garibaldi.

Neste mesmo período, a imigração italiana se acentuava no Rio Grande do Sul, com claras intenções do Estado positivista de “branquear” a população brasileira. Após a abolição da escravatura, em 1888, e com o fim da monarquia no ano seguinte, essa imigração se torna cada vez maior, o que resultava em uma maior influência econômica e política dos imigrantes italianos na região.⁸⁷ Diante de tal situação, o governo precisava estabelecer um elo com os imigrantes italianos.

Giuseppe Garibaldi passou a condição de coadjuvante da Revolução Farroupilha a herói. Agora, como instrumento de propaganda política, o processo de edificação do mito do italiano fica evidente. Tanto que o jornal republicano do município de Caxias do Sul publica uma imagem na qual Garibaldi figura ao lado de Bento Gonçalves, ambos segurando uma coroa de

⁸⁷ SOUTO, Cíntia Vieira; BISCHOFF, Álvaro. Garibaldi e a Revolução Farroupilha. In: Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, 2007, pp.135-136.

flores com os dizeres “A união faz a força”. Logo abaixo da foto, estava a figura do então governador Borges de Medeiros, com intenção nítida de propaganda política.⁸⁸

De fato, Garibaldi não somente é lembrado como herói da Revolução Farroupilha, mas também do mundo. A propaganda política do governo brasileiro perante Garibaldi foi efetiva, se estendendo até meados da Segunda Guerra Mundial.

Em 1898, Borges de Medeiros assume o governo do Rio Grande do Sul e deixa clara as intenções de reativar a imigração italiana, desenvolvendo economicamente a região colonial, ordenando a abertura de estradas e a construção de escolas, favorecendo a ocupação de novas terras pelos italianos. Em 1900, a colônia mais antiga, Conde d'Eu é emancipada e passa a ser o município de Garibaldi.⁸⁹

No ano de 1883, fora aberto o trecho inicial da rua Garibaldi, na cidade de Porto Alegre, e em 1907, no centenário de nascimento do herói, a Praça da Concórdia recebe o nome do general, além de um monumento erguido com fundos de uma campanha gremista liderada por expoentes italianos. Garibaldi naquele momento é o revolucionário farroupilha, e Anita já vem aparecendo na sua companhia, como mãe corajosa e mulher guerreira.⁹⁰

Para se comemorar o cinquentenário de colonização no Rio Grande do Sul, é lançado, em 1925, um álbum que recebeu financiamento do Governo italiano e foi publicado pela Editora Globo, cujo proprietário era o italiano Bertaso. O álbum apresenta, logo nas primeiras páginas, mensagens de Benito Mussolini, então ministro do Exterior do Reino d'Itália, o qual desenvolvia uma intensa ação diplomática com governos externos, principalmente o Brasil, buscando associar e atrair imigrantes que ascendiam socialmente.⁹¹

Mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, a historiografia de Garibaldi continua tendo grande importância no Rio Grande do Sul, especialmente. A declaração de guerra ao Eixo em 1942 não estremece a relação com os italianos no país e, ao final de 1946, estava assinada a Declaração de Amizade e Cooperação entre Brasil e Itália, considerando, então, a guerra um acidente de percurso.⁹²

⁸⁸ Ibidem, p.136.

⁸⁹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Memória, mito e identidade: farroupilhas e italianos no Rio grande do Sul In: Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, pp.110-111, 2007 apud DE BONI, Luís A. & Costa, Rovílio. Os italianos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Universidade de Caxias/ Correio Riograndense, 1984, p. 68

⁹⁰ Ibidem

⁹¹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Memória, mito e identidade: farroupilhas e italianos no Rio grande do Sul In: Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, pp.110-111, 2007 apud DE BONI, Luís A. & Costa, Rovílio. Os italianos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Universidade de Caxias/ Correio Riograndense, 1984, p 112

⁹² Ibidem, pp. 113-114.

Elfíbio Júnior expõe o processo de construção de Anita Garibaldi também na década de 1940, e demonstra como a personagem ganha força nos discursos interativos entre Brasil e Itália na região sul do país, recordando uma “época gloriosa em que italianos, gaúchos e lagunenses lutaram pelo ideal de liberdade, igualdade e justiça”.⁹³

No jornal *Correio do Sul* de 1940, durante a II Guerra Mundial e antes do Brasil fazer parte da mesma, acaba por destacar:

Guardadas as naturais reservas impostas ao Brasil pela honesta e patriótica política de neutralidade, assegurada sem tergiversações pelo Chefe da Nação os nossos círculos de pensamento não escondem a simpatia com que focalizam o redentor papel das aguerridas legiões fascistas, na frente – guerra para banir em retirada a nefasta influência britânica nos destinos balcânicos.

Duas grandes raças, sem dúvida a brasileira e a italiana, como elementos altamente representativos da inteligência latina, se identificaram secularmente nos mesmos anseios e nas idênticas e legítimas reivindicações.

Se abrimos as páginas cheias de luz da nossa História, aí encontraremos a bravura italiana, do lado da leonina bravura dos brasileiros, nas lutas farroupilhas pela nossa libertação, admirável ciclo na nossa formação de onde se elevou a dominadora figura de Anita Garibaldi a bela brasileira de Santa Catarina, nascida às margens rústicas e azuladas do velho cantante Tubarão, eternizada na gratidão emotiva da gente itálica, em um monumento que em Roma se ergueu da serena grandeza do Palatino.

O fascismo é o superior sentido da unidade e de coesão!!! Ave, Itália!!!⁹⁴

Em título com letras garrafais: Uma heroína injustiçada –um pouco da História de Anita Garibaldi, a destemida guerreira dos dois mundos...de como se deturpam fatos históricos escritos para estudantes, o jornal “*O Correio da Manhã*”, em 06 de maio de 1941, se indigna com o descaso e a falta de veracidade na história de Anita. Para tanto, a publicação dedica um espaço de meia página para recontar a sua biografia de quando a heroína ainda permanecia no sul do país, e para alertar aos professores sobre o que ensinam às crianças brasileiras, devendo refutar toda “monstruosidade” acerca do nome da heroína mártir.

Retomaremos adiante, no capítulo 3 dessa dissertação, o debate a respeito do enterro de Anita realizado por Mussolini na Itália, quando tratarmos da biografia de Anita produzida pelo jornalista Paulo Markun. Contudo, faz-se claro o quão próximo este líder político pretendia estar da nação brasileira quando transforma o último enterro de Anita Garibaldi ocorrido na

Itália em uma manifestação que se pretendia de amplitude bastante grande, para alguns estratosférica.⁹⁵

⁹³ ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel “Uma heroína na História: representações de Anita Garibaldi”. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000, p.98.

⁹⁴ *Ibidem* pp. 28-29.

⁹⁵ Anita foi enterrada 7 vezes por motivos políticos e familiares essencialmente.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, as abordagens acerca do casal Garibaldi se tornam recorrentes, e toda a trajetória do italiano diante de uma Revolução perdida e com ideais que já não eram mais os próprios, é descrita com entusiasmo pelos membros do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Dante de Laytano, que sendo filho de italianos e membro do instituto, enaltece o idealismo Garibaldino, destacando a travessia dos lanchões por terra feita pelo então capitão Garibaldi.⁹⁶

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, é idealizado por iniciativa do próprio governo imperial, arquitetando um processo memorialista e de pesquisa que se intensificou, na segunda metade do século XIX, e que iria marcar as estruturas das produções historiográficas ligadas aos interesses da monarquia, e mais tarde, aos interesses do governo republicano.⁹⁷ A partir da iniciativa do marechal Raymundo J. da Cunha Mattos e do cônego Januário da Cunha Barbosa que encaminharam proposta ao conselho administrativo da Sociedade Auxiliadora, obtendo êxito, tendo a instituição sido inaugurada no dia 21 de outubro de 1838⁹⁸. Segundo o primeiro regulamento do IHGB, o objetivo era “coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a história e geografia do Império do Brasil”.⁹⁹

O Instituto foi mobilizado de modo a acentuar o caráter pedagógico, ou seja, uma instituição que pudesse assumir o papel de produzir e difundir os traços da história nacional, que interessassem o governo imperial, e mais adiante, o republicano. “Assim, é no bojo do processo de consolidação do Estado Nacional que se viabiliza um projeto de pensar a história brasileira de forma sistematizada”.¹⁰⁰

A Revista do IHGB, já imbuída do trabalho de concepção da história exemplar que o Estado construía, abre espaço para as biografias, contribuindo assim para a construção de vários heróis nacionais. Entretanto, a revista não oferece apenas uma visão pragmática e exemplar da história que se projeta na concepção do estatuto do IHGB. A concepção de história a qual a instituição partilha abraça um sentido teleológico, conferindo ao historiador e seu ofício um papel central na condução dos rumos submetidos pela “consciência nacional”. Manoel Luiz Salgado Guimarães expõe um excerto da revista, que exprime o ofício desejado ao historiador por agora em diante, em um número de abril a junho de 1847:

⁹⁶ ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel “Uma heroína na História: representações de Anita Garibaldi”. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000, p. 113.

⁹⁷ Fonte IHGB. <https://ihgb.org.br/ihgb/historico/fundacao-instituto.html>. Acesso: 15/03/2017.

⁹⁸ Fonte IHGB. <https://ihgb.org.br/ihgb/historico/fundacao-instituto.html>. Acesso: 15/03/2017.

⁹⁹ Fonte IHGB <https://ihgb.org.br/ihgb/objetivos.html>. Acesso: 15/03/2017.

¹⁰⁰ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.1, 1988, pp. 5-27

Deve o historiador, se não quiser que sobre ele carregue grave e dolorosa responsabilidade, pôr a mira em satisfazer aos fins políticos e moral da história. Com os sucessos do passado ensinar a geração presente em que consiste a sua verdadeira felicidade, chamando-a a um nexos comum. Inspirando-lhe o mais nobre patriotismo, o amor às instituições monárquico-constitucionais, o sentimento religioso, e a inclinação aos bons costumes.¹⁰¹

Considerando a função específica do IHGB, pode-se analisar uma biografia de Anita Garibaldi ali produzida, publicada pelo Comandante náutico Henrique Adolfo Boiteux (1862-1945) em 1933, intitulada “Annita Garibaldi”. Henrique Boiteux, além de militar da marinha, foi um dos primeiros pesquisadores que se dedicaram a saber mais sobre a vida de Anita e a se dedicar a sistematicamente catalogar documentos históricos que pudessem contar sua trajetória. Foi Boiteux, em 1907, quem localizou a certidão do primeiro casamento de Anita.¹⁰²

Sob encomenda do governo, a biografia escrita por Henrique Boiteux teria intenções claras de construir uma imagem imaculada da catarinense que pudesse estar ao lado de um grande herói italiano e para sua comunidade no Brasil. Boiteux não deixa nítido o fato de Anita ter abandonado o primeiro marido para seguir Garibaldi, mas como o autor apresentava provas documentais de que a mulher fora casada antes de conhecer o herói, tal fato sobressaiu-se ante o interesse popular e a biografia acabou por funcionar às avessas, tornando as intenções governamentais inúteis, no quesito geração de uma identidade positiva entre leitores e heróis do passado.

A biografia de Boiteux, intitulada “Annita Garibaldi”, se torna importante por ser a primeira a documentar algo que tenha acontecido na vida de Anita antes de Garibaldi. Pelos motivos já expostos, ela não estava muito longe do segundo marido. Como afirmou a historiadora Cíntia Vieira Souto, a república foi importante para a disseminação da imagem de Anita, seja esta de heroína ou não, mas não teve o mesmo papel dos italianos no Brasil, que seguramente disseminaram a imagem de heroína ao lado de Garibaldi.¹⁰³ Mesmo que esta obra seja de difícil acesso atualmente, “Annita Garibaldi” marca a trajetória do comandante Boiteux como membro-sócio eleito em 1944 no IHGB. De sua lavra, na instituição, também foram

¹⁰¹ Ibidem, pp.15-16

¹⁰² SOUTO, Cíntia Vieira. Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf>. Acesso em 15.jun.2016.

¹⁰³ SOUTO, Cíntia Vieira. Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf>. Acesso em 15.jun.2016.

produzidos, dentre outros títulos, biografias do Almirante Barroso e do Marquês de Tamandaré, mas foi sobre Anita sua biografia mais inusitada.¹⁰⁴

Os biógrafos que se debruçaram sobre a vida de Anita Garibaldi, no período que se estendeu entre o final do século XIX até as primeiras décadas do XX, não ultrapassam as barreiras do desejado pela República: uma Anita virtuosa, esposa devotada, que “fez do seu coração a sua espada de combate”, como assim disse Ignez Sabino no começo da instauração da República em sua biografia, já mencionada no primeiro capítulo deste estudo.¹⁰⁵

O abandono de Anita foi contado pelos historiadores da época a partir do relato de Garibaldi em suas memórias, escrita por Alexandre Dumas. Ele avistou a mulher na praia de dentro de seu barco e foi à terra para procura-la a encontrando na casa de um conhecido. Em suas memórias, é visível o quanto se sente culpado em assumir seu romance com uma mulher casada, outras biografias, na mesma direção, se esforçaram em continuar romaneando o encontro.¹⁰⁶

Ficamos os dois estáticos e silenciosos, olhando-nos reciprocamente como duas pessoas que não estão se vendo pela primeira vez, que identificaram na fisionomia do outro qualquer coisa que desperta uma reminiscência. Saudei-a finalmente e lhe disse: “Tu devi ser mia”...Tinha encontrado um tesouro proibido, mas um tesouro de grande valor!!! Se houve culpa, foi inteiramente minha. E...houve culpa sim! Sim! Se uniam dois corações com amor intenso e se destruía a existência de um inocente! Ela está morta, eu infeliz, e ele, vingado. Sim, vingado!¹⁰⁷

Cíntia Vieira Souto também alerta para o fato de que os relatos orais eram pouco confiáveis, tendo em vista ser pouco provável alguém que conviveu com o casal Garibaldi no Oitocentos ainda estivesse vivo em meados da década de 30 do século XX. O problema é que o relato oral constituía o conjunto de fontes mais recorrentemente descrito nas biografias até o momento, além, é claro, de constituírem discursos aprazíveis ao governo.¹⁰⁸

Dentre os relatos tidos como mais fantasiosos sobre a vida de Anita, publicados à época, a obra de João Vicente Leite de Castro, de 1911, é destacada. Nesta, o pai de Anita surge como

¹⁰⁴ Fonte: IHGB. <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/HBoiteux.html>. Acesso em 15/03/2018

¹⁰⁵ ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel Elíbio. “Uma heroína na História: representações de Anita Garibaldi”. Universidade Federal de Santa Catarina, In :SABINO, D. Ignez. Mulheres Ilustres do Brazil. Ed. Das mulheres ed. Fac-similar, Florianópolis, 1996, pp. 151-152.

¹⁰⁶ SOUTO, Cíntia Viera. Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf> Acesso em 15.jun.2016

¹⁰⁷ DUMAS, Alexandre. “MEMÓRIAS DE GARIBALDI”. Ed. L&PM Pocket, p.54-55, 2000.

¹⁰⁸ SOUTO, Cíntia Viera. Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf> Acesso em 15.jun.2016

um legalista, sendo adepto do governo imperial e contrário ao romance dela com Garibaldi. O italiano teria feito um pedido formal da mão de Anita ao pai, o qual foi imediatamente negado por motivações políticas. Garibaldi, apaixonado e inconformado, a teria raptado.¹⁰⁹ Por meio de outros estudos, sabia-se já a época que o pai de Anita era falecido quando a mulher conheceu Garibaldi. Ainda assim, parecia ser melhor, aos olhos do período e das intenções republicanas, inventar uma motivação romântica que justificasse aos olhos da opinião pública aquela atitude tida como indigna para uma heroína edificada em moldes republicanos. Entretanto, o dado que, ao nosso ver, mais se aproximaria da verdade não pôde ser escondido por muito mais tempo.

Giacomo Lumbroso, na obra “Garibaldi”, de 1938, afirma que a prova mais cabal de que Anita não era casada quando conheceu Garibaldi, é a de que se declarou solteira¹¹⁰ em Montevideu no Uruguai, constando na certidão de casamento do casal, quando formalmente se uniram. Lumbroso explica que o “inocente” a quem Garibaldi lamenta em suas memórias se trata apenas de um prometido a Anita por seu pai.¹¹¹ Outros autores falam da união do casal, mas não mencionam o casamento sumário de Anita, como Giuseppe Fumagalli em “Vita de Giuseppe Garibaldi” (1907); Carlos Cavaco “O grande amor de Garibaldi (1955); e Walter Spalding “A epopeia farroupilha” (1963).¹¹²

Dentre os autores que revelam ter Anita sido casada antes de conhecer Garibaldi estão o próprio Henrique Boiteux e Valentim Valente, autor de “Anita Garibaldi: heroína por amor” (1949), mas que advogam em sua causa, defendendo que o tal “inocente”, o primeiro marido de Anita, teria desaparecido sem aviso prévio.¹¹³

Lindolfo Collor, em “Garibaldi e a guerra dos farrapos”, de 1938, defende que a mulher foi abandonada quando Manuel Duarte (o marido) decidiu seguir o exército imperial e lutar contra os farroupilhas. Entretanto, Gerson Brasil em “Garibaldi e Anita: guerreiros do liberalismo”, de 1971, defende que o marido havia falecido, sem dar muitas explicações de como aconteceu o fato.¹¹⁴

¹⁰⁹ Ibidem

¹¹⁰ O fato é verdadeiro, entretanto Anita se declara solteira apenas para se casar com Garibaldi, considerando que não tinha certeza do destino do primeiro marido. O fato será detalhado no capítulo 3, na obra de Paulo Markun.

¹¹¹ LUMBROSO, Giacomo. Garibaldi. Firenze: Vallecchi, p. 41, 1938. In: SOUTO, Cíntia Vieira. “Anita Garibaldi, heroína, mas virtuosa”. História, gênero e trajetórias biográficas, ST. 42. Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Disponível: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf>

¹¹² SOUTO, Cíntia Viera. Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf> Acesso em 15.jun.2016

¹¹³ SOUTO, Cíntia Viera. Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf> Acesso em 15.jun.2016.

¹¹⁴ Ibidem.

A partir destas versões acumuladas ao longo das primeiras décadas do século XX, as biografias de Wolfgang Rau (1975) e de Walter Zumblick (1980) descrevem a mesma versão de Lindolfo Collor, mas é Rau quem coloca Manuel Duarte como marido desidioso, abandonando Anita à própria sorte.¹¹⁵

Entre tantas biografias, sem nenhum consenso e com muitas fontes tidas como pouco confiáveis, acredita-se que, de um modo ou de outro, as construções de Anita, até meados do século XX, teriam um único propósito: o de desenvolver o projeto de nação ao qual o governo se propunha, usando da imagem de Anita, construindo-a a partir dos moldes de amor à pátria e heroísmo, valores que ajudariam a propagar a ideia de identidade nacional entendida como a mais correta para o período.

Walter Zumblick difere das obras mencionadas por retratar Anita Garibaldi por meio de ilustrações advindas do próprio irmão, Willy Zumblick, ambos catarinenses. O trabalho dos irmãos se inicia em meados dos anos 50 do século XX, mas a primeira publicação data de 1980, com patrocínio da Prefeitura da cidade de Tubarão.¹¹⁶ A obra dos irmãos torna-se importante como fonte por colocar de maneira mais palpável os atos heroicos de Anita, por ela mesma, ou seja, sem a presença irrefutável do marido Garibaldi. Mesmo que o livro tenha sido idealizado por iniciativa dos irmãos, o interesse político foi evidente. Entretanto, as ilustrações não se preocupam em defender ou esconder algum fato “vergonhoso” da vida de Anita, mas simplesmente, exaltar os seus feitos.

Walter Carlos Zumblick e Willy Alfredo Zumblick nasceram na cidade de Tubarão em 1908 e 1913 respectivamente. Walter, também exercia o ofício de historiador dentre várias outras atividades. Além das ilustrações com a parceira de seu irmão Willy que era artista plástico, também escreveu uma biografia com a mesma personagem, de nome “Aninha do Bentão” (1980), que traça o perfil sentimental e épico de Anita.¹¹⁷ Tanto a biografia quanto as ilustrações demonstram a catarinense heroicamente, até mesmo de forma individual, nem sempre acompanhada do marido Garibaldi, contendo muitos parâmetros históricos, e sem temer alguma indisposição por isso.

Walter Zumblick apesar de historiador, não identifica nos livros as fontes em que se baseia para descrever a história de Anita e também a do estado de Santa Catarina. Ele pretende

¹¹⁵ SOUTO, Cíntia Viera. Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf> Acesso em 15.jun.2016

¹¹⁶ MACHADO, Mirían Karla. Anita retratada pelos irmãos Zumblick. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis, v.6, n.1, 2012.

¹¹⁷ MACHADO, Mirían Karla. Anita retratada pelos irmãos Zumblick. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis, v.6, n.1, 2012.

fornecer um manual para jovens estudantes que contasse a vida de uma conterrânea com feitos tão valorosos, sendo ela um exemplo de mulher, de mãe e de cidadã.¹¹⁸ O autor deixa brechas de seu amadorismo como historiador, pois, não apresenta suportes metodológicos históricos, transformando sua obra em romance, quase ficção. Entretanto, é uma obra com um marco e com uma intenção, o que torna importante para a composição do presente estudo, podendo também ser aberto o debate sobre a distinção entre narrativa histórica e narrativa literária. “É a partir da década de 1980, e, portanto, logo após a publicação de seu romance, que os debates sobre essa distinção começam a aparecer”.¹¹⁹

Quanto a Willy Zumblick, é ainda mais difícil saber onde ele se baseou para pintar os seus quadros sobre Anita, imaginando que a inspiração partisse do próprio livro *Aninha do Bentão*.

Em *Aninha do Bentão*, Walter traça duas representações diferentes para Anita Garibaldi. A primeira, antes de conhecer Garibaldi, a menina-moça Ana Maria de Jesus Ribeiro ou *Aninha do Bentão* como era conhecida em Laguna; e a segunda, sedenta por um amor verdadeiro e sem medo de buscar a felicidade, a mulher-soldado que se veste com roupas masculinas e ousada a ponto de pegar em armas para ficar ao lado de seu grande amor.¹²⁰

Nas ilustrações de Willy a partir do momento em que se junta a Garibaldi, Anita é retratada como a mulher-soldado, enfermeira (que colaborou como tal enquanto esteve no Uruguai), mãe devota, amante incondicional de seu amado, realmente sendo tudo isso.¹²¹

Sobre as representações de Anita feitas pelos artistas em geral, Walter diz que:

Mentiram artisticamente quantos – quase uma dezena – tentaram fixar na tela ou no bronze as feições de Ana Maria de Jesus Ribeiro. (...) Os retratos e os monumentos de Ana Maria, carentes quase todos eles de um original, caminharam pela estrada da dedução que parecia lógica. (...) Mulher-soldado ou mulher-marinheira metida com assombro, nos perigos dos entreveros sanguinolentos, teria, por certo, uma feição que seria aquela que o heroísmo inspirou. (...). Nela, mais que o figurino do guerreiro respingado de sangue, sobrou a mulher meiga que lutou, isso sim, por um outro ideal que foi o seu amor. (...). Num ponto, entretanto, acertaram retratistas e escultores. Todos eles fixaram aquele ar de tristeza que foi companhia durante toda a sua vida.¹²²

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Ibidem, p.57.

¹²⁰ Ibidem, p.58

¹²¹ MACHADO, Mirían Karla. Anita retratada pelos irmãos Zumblick. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis, v.6, n.1, 2012, p.59

¹²² ZUMBLICK, Walter. *Aninha do Bentão*. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980, pp. 26-27
In: MACHADO, Mirían Karla. Anita retratada pelos irmãos Zumblick. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis, v.6, n.1, 2012, p. 59.

Com a narrativa dos irmãos Zumblick, é possível perceber a imagem que se pretendeu transmitir aos moradores do sul do país, principalmente, é possível perceber como elemento de interesse a heroicidade de Anita. Walter afirma sobre o que foi retratado seria “a rigor, mais que uma guerreira, estava no comportamento de Ana Maria de Jesus, isso sim, aquela ternura da amante ofuscada pelo clarão que inundava a bela estampa do homem que morava em Garibaldi”.¹²³ A personagem não foi apenas composta de maneira heroica. Toda a sua vida ganha ares de romance épico, que articula a noção, um tanto clichê, de “amor e guerra”, tornando o casal mais agradável para os leitores, sendo estes cativados pelo orgulho patriótico e pelo enredo novelístico.

A guerra “foi um cenário ocasional na vida da nossa heroína. (...) Ana de Jesus lutou por amor e nunca pelo ódio”. (...) Ana Maria de Jesus Ribeiro, que não temia morrer lutando, tinha pavor do linguajar e das falas em surdina dos moradores da rua do Rincão.¹²⁴

De acordo com os irmãos, escritores e biógrafos, de uma forma geral, que os antecederam, tentaram obscurecer e diluir os feitos de coragem de Anita, considerando o que já foi mencionado sobre a mácula em sua vida, ou seja, ter sido casada antes de conhecer e conviver com Garibaldi. Zumblick explica que já é o momento de restituir as honras que lhe faltaram como mulher vigorosa que lutou como um soldado seguindo o amor por um homem igualmente valoroso, até sua morte na Itália.¹²⁵

Buscando demonstrar Anita como heroína e mulher dedicada, nas ilustrações de Willy Zumblick ela aparece como a mulher-soldado, vestida com roupas masculinas e empunhando armas. Na próxima página está a amante obstinada à procura de seu amor ou a mulher carinhosa cuidando dos feridos em guerra ou dos filhos. Ainda no mesmo livro pode se ler: “Quando grávida pela primeira vez, Anita “desafivelou do cinto a sua espada de tantos combates. O soldado tornara a ser mulher. Um tanto afastada das correrias, dos entreveros, remendava ela velhos trapos com os quais tentaria agasalhar o filho que iria nascer”.¹²⁶

¹²³ Ibidem, p. 36.

¹²⁴ Ibidem p. 43.

¹²⁵ ZUMBlick, Walter. Aninha do Bentão. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980, pp. 26-27
In: MACHADO, Mirían Karla. Anita retratada pelos irmãos Zumblick. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis, v.6, n.1, 2012, p. 46.

¹²⁶ Ibidem, p. 51.



Figura 2: Fuga de Anita com seu Filho Menotti. Óleo sobre tela, 1,50m x 1,00m, 1979¹²⁷



Figura 3: Anita acompanha a invasão de Lages
Crayon sobre papel, 1979¹²⁸

¹²⁷ ZUMBLICK, Túlio. Fuga de Anita com seu Filho Menotti, 1979, 1 original de arte, Óleo sobre tela, 1,50m x 1,00m, Acervo: Túlio Zumblick (Tubarão /SC) Retirado de: Zumblick Catálogo de obras:

<<http://www.zumblick.com.br/content/obras/big/0213F.jpg>>. Acesso em 16/03/2018

¹²⁸ ZUMBLICK, W. Anita acompanha a invasão de Lages, 1979, Crayon sobre papel, Acervo: Ilustração do livro "Aninha do Bentão", de Walter Zumblick, 1981, p. 70. Retirado de: Zumblick Catálogo de obras.

<<http://www.zumblick.com.br/content/obras/big/1011F.jpg>>. Acesso em 16/03/18.



Figura 4: Anita Enfermeira no Uruguai. Óleo sobre tela, 1,40m x 1,20m, 1978¹²⁹

Walter Zumblick defendia a catarinense na mancha mais obscura em sua vida, quando diz que ela, cansada de viver amasiada com Garibaldi, o que aos olhos da sociedade era algo inconcebível para uma heroína brasileira, tão logo se casa ao chegar no Uruguai: “Dentre as modestas aspirações sempre em pauta, mas, poucas vezes atendidas, a realização do seu casamento foi, sem dúvida, o ponto máximo no rosário dos desejos tão justos de Anita”.¹³⁰

Entre gravuras de crayon e pinturas a óleo, estão descritos em ordem cronológica os momentos derradeiros dos 10 anos em companhia de Garibaldi, até sua morte:

Já na Europa “Anita está presente em vários combates. Nessa ocasião havia cortado o cabelo e usava um traje masculino e mais o tradicional chapéu de abas largas enfeitado com uma pluma”.³⁸ Em uma fuga acompanhando Garibaldi, Anita adoece e morre.

Morria sem uma palavra de amargura, sem um gesto de revolta, sem uma imprecação. Era a Aninha do Bentão, a Anita Garibaldi que iniciava o seu caminho para o país dos espíritos, para o reino dos glorificados, cujo roteiro áspero e ingrato foi vencido com dores, com desenganos, com canseiras e desilusões.¹³¹

Com estes trechos do livro de Walter Zumblick e analisando as ilustrações de Willy Zumblick expostas no Museu Willian Zumblick na cidade de Tubarão/SC e de acervo particular em posse de familiares, percebe-se todo um esforço em reforçar a ideia da “Heroína dos Dois Mundos”, título que conquista por seus feitos como mãe dedicada, pecadora, guerreira, “mas

¹²⁹ Ibidem

¹³⁰ Ibidem, p. 67-69.

¹³¹ Ibidem, p.78.

que se redimiou através de tantos sofrimentos e lutas, e por fim, o retrato da mulher que lutou por amor”.¹³²

Segundo Karla Machado, deve-se ponderar as representações de Anita no âmbito da construção do processo histórico, e seus possíveis e intencionais usos, “articulando a construção discursiva da representatividade com a construção social dos discursos que a envolvem”.¹³³

Acompanhando a análise de obras que construíram a imagem heroica de Anita Garibaldi está a biografia de Wolfgang Rau, que no ano de 1975 publica “Anita Garibaldi – perfil de uma heroína brasileira”, tornando-se obra referência para estudos sobre o assunto.

2.1 – Biografia Wolfgang Rau – Anita Garibaldi: o perfil de uma heroína brasileira

(1975)

O escritor suíço, naturalizado brasileiro e radicado em Santa Catarina, Wolfgang Ludwig Rau, foi, em primeiro plano, um grande defensor de Anita. Em seu livro biográfico, o pesquisador revela uma pesquisa de anos em favor de construir a imagem de Anita como heroína do Brasil, ao seu ver, até então injustiçada e julgada. O autor também teve uma importante contribuição para que se confirmasse a nacionalidade de Anita e seu local de nascimento, visto que não foram encontrados registros preservados sobre o tema.

Rau era arquiteto de formação, mas tomado pelo declarado amor e dedicando uma vida inteira à Anita, escreve um capítulo de seu livro de particular interesse para esta dissertação, intitulado “Quando a mulher se torna heroína”, no qual, como não poderia ser diferente, procura convencer o leitor, de mil maneiras, porque enfim Anita deve ser considerada uma heroína:

Praticou feitos guerreiros de fama imorredoura: sofreu privações e dores que lhe poderiam valer o emblema de mártir. Mulher exemplar do homem a quem amou e mãe carinhosa, combatente diante de encarniçados inimigos, sempre lutando ao lado de seu companheiro e marido, o imortal José Garibaldi¹³⁴.

Após a publicação do estudo “Anita Garibaldi: perfil de uma heroína brasileira”, muitas outras obras sobre a heroína vieram ao longo do século XX. Mas é curioso asseverar que o estudo de Rau sempre serviu de ponto de partida para os que a ele se seguiram. É fato que Rau deixa seus juízos encontrarem grande espaço no estudo, mas, ainda assim, sua obra continua a

¹³² MACHADO, Mirían Karla. Anita retratada pelos irmãos Zumblick. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis, v.6, n.1, 2012, p. 63.

¹³³ Ibidem, p.63

¹³⁴ RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira. Ed. Edeme, 1975, p. 165.

despertar grande interesse nos historiadores, pois a mesma conta com documentação relevante para estudos propostos pelos especialistas.

Rau busca, de várias formas, convencer o leitor de que Anita é digna de ser considerada uma heroína, mesmo não oferecendo detalhes históricos dos eventos que demonstrassem tal afirmação. A obra é a mais completa até 1975, em plena ditadura militar, contando com o prefácio de Oswaldo Rodrigues Cabral, historiador e político catarinense, o qual também foi professor da Universidade Federal de Santa Catarina e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

“Anita Garibaldi: perfil de uma heroína brasileira” contém particularidades que transformaram a obra em um estudo, mas também um catálogo, importante para a análise biográfica de Anita Garibaldi, considerando ser escrito por um estrangeiro fascinado por esta catarinense, havendo no período uma exaltação explícita à nacionalidade brasileira, constituindo-se, assim, em ocasião propícia a publicação desta obra.

A biografia fornece inúmeras fontes que remontam a história de Anita, tais como registros de certidão de casamento, atas antenupciais, imagens de monumentos espalhados pelo mundo e mapas, produzidos no século XIX, representando a região de Laguna em Santa Catarina, terra natal de Anita. Wolfgang Rau pôde inclusive conhecer uma senhora de 95 anos, D. Leopoldina Antunes Dalsasso que afirmava ser parente de um dos irmãos de Anita, e que ela mesma quando criança teria conhecido a irmã mais velha de Anita, conhecida pelo nome de Felicidade. Fica claro que Rau se utiliza também de fontes orais, mas em apenas alguns trechos o autor menciona explicitamente estas fontes.

Dentre os documentos importantes recolhidos por Rau, consta uma miniatura onde o rosto de Anita foi pintado pelo garibaldino ítalo-uruguaio Gallino, no ano de 1845, a mesma que já apresentamos no primeiro capítulo desta dissertação, quando tratamos da descoberta do cadáver de Anita e da descrição que se construiu, no Oitocentos, sobre as suas feições. Nela, foi escrita uma declaração do filho caçula da brasileira, relatando esta ser a única e verdadeira imagem da mãe. Considerando que, quando da morte de Anita, seu filho Ricciotti Garibaldi tinha apenas 2 anos de idade, não se pode deixar de duvidar que após adulto se lembraria com total certeza do rosto de sua mãe. Ou seja, este é um dos mistérios envoltos na figura de Anita: não se sabe ao certo qual o seu verdadeiro rosto. O que consta é ter sido retratada de diversas formas, de acordo com a impressão de cada artista, quase sempre de forma heroica.

Na mesma passagem, Rau já coloca sua indignação ao mencionar a casa onde viveu a família Garibaldi em meados do XIX no Uruguai, hoje transformada em casa-museu, por não haver nenhuma menção à sua tão adorada Anita.

(...). Há, ainda, diversas tela de José Garibaldi pelas paredes; e até uma pequena estátua de mármore do herói, a um canto da segunda sala. Nenhum quadro, porém, de Anita Garibaldi! Nenhuma referência material à esposa de Garibaldi, mãe de seus filhos. Nenhum sinal da outrora viva presença entre esses muros, da heroína brasileira que ali dividia com os seus, todas as privações oriundas de sua extrema pobreza, suportando estoicamente as negras necessidades que o prolongado sítio de Montevideú a todos impunha.¹³⁵

Ainda acompanhando a obra de Wolfgang Rau, pode-se dizer que é um trabalho de um memorialista, pois não apresenta contextos históricos bem expostos, e sim relatos de viagem em busca de acervo da família Garibaldi. Há pequenas descrições de fatos históricos, mas apenas com intuito de enaltecer as façanhas de Anita.

Os capítulos são curtos, não havendo um rigor historiográfico, apenas uma certa cronologia dos fatos. Apesar de apresentar uma escrita culta, é também solta e despretensiosa, refletindo opiniões pessoais sobre Anita, demonstrando seu total interesse em moldar a sua imagem, a de mulher mito, como ocorre no seguinte trecho:

Lembramos que neste trabalho nos propusemos motivar os leitores para merecida redenção de Anita Garibaldi. Nosso “Leitmotiv” é de penetrar a opinião pública, especialmente a de sua província natal, o Estado de Santa Catarina; não por nós, mas em favor de melhor compreensão do fenômeno heroico que foi essa despretensiosa filha de Laguna. Infelizmente, penduram em Santa Catarina, especialmente, conceitos injustos e contraditórios a seu respeito, malgrado todo o conhecimento que reduzida elite intelectual possui, da história de sua vida exemplar junto a José Garibaldi e seus filhos.¹³⁶

Em outro momento, Wolfgang Rau é capaz de mencionar o signo zodiacal de Anita para enfatizar sua bravura, transformando Anita em uma mártir, e deixar claro, seu amor platônico pela personagem:

O amor ao marido e sua bravura leonina demonstrada incansavelmente no Brasil, nas privações em Montevideú e durante as campanhas pela unificação da Itália, sua segunda pátria, somente findaram quando ela, demasiado jovem, expirou em seus braços. Anita Garibaldi é o símbolo da mulher heroica brasileira e, definitivamente ligada à história de nossa terra; não há como negar-lhe o atributo justíssimo de heroína dos dois mundos.¹³⁷

Rau também menciona as injustiças e leviandades designadas à figura de Anita, sempre em defesa de sua idolatrada heroína: “chama-la de leviana ou de imoral, porém, representa

¹³⁵ RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira. Ed. Edeme, 1975, p 282

¹³⁶ RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira. Ed. Edeme, 1975, p. 121

¹³⁷ Ibidem, p. 165

apenas inventar cognominações para insinuar o que se ignora, e sugerir maliciosamente o que não se sabe”¹³⁸.

Desta maneira, pode-se compreender porque Anita foi tão subjugada em uma sociedade de domínios masculino e religioso, evidenciando um caráter tempestivo e resoluto, e por tanto tempo. A obra acaba sendo de grande valia também para a compreensão do período em que Anita viveu, ou seja, o século XIX, pois nela está descrito, com detalhes, a geografia histórica da região sul brasileira.

Ao que apresenta, Anita foi esquecida pela história, e por mais de um século, foi subjugada, podendo isso ser explicado pela hipótese de terem sido encontrados poucos documentos de referência. Assim, enfatizamos que a obra de Rau teve tal importância, mesmo não sendo escrita por um historiador de formação.

Talvez por isso, Wolfgang Rau lance críticas a historiadores e ditos “falastrões” em um Trecho de seu livro:

Reconhecemos todavia, que todos historiadores de Anita Garibaldi foram motivados para o seu estudo, empolgados por um mesmo impacto que lhes terá causado alguma notícia inicial superficial sobre a vida sobremaneira impressionante dessa mulher singular; e que tais historiadores, - mesmo quando menos criteriosos na exatidão dos detalhes,- merecem geral consideração e reconhecimento, não só pela sua boa intenção como também, pelos serviços que prestaram à Pátria, ao incentivarem a divulgação oportuna do conhecimento maior de mais essa figura ímpar da nacionalidade. Revoltamo-nos, isto sim, contra uns tantos falastrões banais na esquina, de parolagem fácil e inconseqüente, fazendo estendal da própria sandice contraditória...¹³⁹

Não se pode dizer, com certeza, que tais indivíduos possam ser todos historiadores de carreira, mas que se propuseram a escrever sobre Anita. O fato é que as críticas partiram de alguém tão pouco historiador quanto os alvos de suas palavras, mas que sem dúvidas, alguém que se dedicou com o maior cuidado durante a uma vida inteira à realização de pesquisas sobre a personagem.

Rau ao mesmo tempo em que expõe documentos importantes e dos poucos de veracidade incontestável, como a certidão do primeiro casamento de Anita, também usa de argumentos no âmbito do senso comum ou ao menos, de defesas que o próprio articulou de acordo com o que acreditava, e a partir de então, exhibe sua admiração apaixonada pela personagem.

¹³⁸ Ibidem, p. 124

¹³⁹ RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira. Ed. Edeme, 1975, pp. 75- 76

Rau continua escrevendo sobre o primeiro casamento de maneira mais enfática quanto ao fracasso do mesmo, imputando injustiças de ordem religiosa e até mesmo alguns historiadores que, ao seu ver, não souberam se aprofundar nos detalhes da vida de Anita, conotando assim, a maledicência:

Se destaque damos, neste trabalho, ao primeiro e infeliz casamento de Anita, pesquisando-lhe as origens e as causas do fracasso, outra finalidade não temos senão, analisando-as, encontrar razões e argumentos para melhor defendê-la, honestamente das incompreensões de seus inimigos. Levando-lhe a crédito circunstâncias atenuantes que possam beneficiar, num julgamento amadurecido pelo tempo decorrido e dentro do conceito do direito da mulher, opomo-nos conscientemente, - desvinculados de opiniões formadas sem reflexão; nem influenciados por tal corrente religiosa,- contra os que, há mais de cem anos, lançaram, sub-repticiamente, as sementes de umas tantas restrições, irreverências e contraversões à personalidade de Anita Garibaldi e não dissimularam sequer sua intenção maldosa e inglória de sombrear-lhe o nome e os feitos.¹⁴⁰

Entusiasticamente, Wolfgang Rau comenta que Anita foi “movida unicamente pelo seu duplo amor de mãe e esposa, salvando o primogênito e a dignidade do lar”, quanto ao fato de ter de fugir inesperadamente.¹⁴¹ Exageros à parte, o evento foi visto de forma impressionante para muitos estudiosos e admiradores da heroína, visto que até mesmo o monumento onde estão guardados seus restos mortais demonstra tal cena. Anita no cavalo em pelo com o filho nos braços.¹⁴²

Entre imagens, ufanismos e longos discursos, há espaço para suposições e interpretações nada imparciais. Chegando aos momentos derradeiros de Anita, o autor sugere que o agravo da saúde já debilitada da heroína tenha como responsável uma melancia, que segundo relatos orais, teria servido de último alimento à mulher, um dia antes de sua morte.¹⁴³

De fato, o pesquisador conseguiu desvendar vários mistérios da vida de Anita, como seu local e data de nascimento, a imagem possível de seu verdadeiro rosto, além de oferecer relatórios da polícia na Itália sobre a morte da brasileira nos anexos de seu livro. Assim, pôde-se documentar algumas lacunas históricas, ratificando a grande importância da sua dedicação.

Entretanto, a enfermidade responsável pelo desfecho precoce de Anita Garibaldi ainda é alvo de especulações, com propensão a febre tifoide ou malária, de acordo com os sintomas relatados por Garibaldi.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 75

¹⁴¹ RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira. Ed. Edeme, 1975, p.196.

¹⁴² O monumento pode ser visto em <http://www.italianways.com/mario-rutelli-il-mio-bisnonno-intervista-con-francesco-rutelli-sul-grande-scultore-siciliano/>. Acesso em 07/03/2017

¹⁴³ RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira. Ed. Edeme, 1975, p. 438

Em suma, a contribuição de Wolfgang Rau para a história de Anita foi evidente e imensurável, sendo referência para outras obras, dispondo de um acervo para pesquisa acumulado por anos de estudo. É evidente que Rau não foi o único colaborador para a propagação da imagem heroica de Anita. O Estado, logo após a Proclamação da República também foi contribuinte para tal feito, mesmo que deste partisse a legitimação de uma ideia e a difusão da mentalidade de nacionalismo e nacionalidade. Ao longo da história, Anita foi moldada, idealizada, ocultada para que enfim se assumisse uma imagem definitiva ainda que, por vezes, intragável e discutível, para alguns, e, para outros, imaculada, como uma santa.

A imagem definida no início do século XX continuou se reformulando até o ano de 1975 com Wolfgang Rau, quando se firmou a importância de Anita na história brasileira e não somente o ideal de mulher para a sociedade. Com isso, no próximo e último capítulo desta dissertação caminharemos para as discussões subjacentes a Rau, a partir da análise da biografia de Anita produzida pelo jornalista Paulo Markun. Obra de relevância que figura, sem dúvida, entre outras mais populares, mas que nos permite compreender alguns eventos pátrios que colaboraram com a acentuação do heroísmo da família Garibaldi no Brasil e Itália, como foi, a título de exemplo, o ocorrido na Exposição Histórica Filatélica Numismática em Laguna, de agosto a setembro de 1971, realizada por ocasião do 150º aniversário da já consagrada heroína.¹⁴⁴

¹⁴⁴ RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira. Ed. Edeme, 1975, p. 510.

CAPÍTULO III- BIOGRAFIAS POPULARES

Nesta parte final da dissertação, continuamos a analisar a construção da imagem de Anita que se seguiu à obra de Wolfgang Rau, sem perder de vista a historiografia pertinente ao período. No capítulo, serão apresentadas comemorações, eventos, publicações em jornais que ratificaram a heroicização de Anita, e biografias em muito tributárias dos documentos publicados por Rau, como acontece na obra do jornalista Paulo Markun (1999) “Anita Garibaldi: uma heroína brasileira”.

A biografia de Paulo Markun é apresentada na comemoração dos quinhentos anos de Descobrimento do Brasil, e 150 anos da morte de Anita Garibaldi. O produto final é repleto de fatos históricos, e obviamente, profunda pesquisa histórica. Com um caminhar detalhista, o romance histórico apresenta vasta iconografia ao longo das páginas, narrando a história de Anita por meio da história oral, de epístolas, mapas entre outros, remontando, assim, da infância até a morte da heroína. Também expõe eventos que colaboraram para transformar a imagem de Anita, como quando descreve o cortejo fúnebre do último enterro da esposa de Garibaldi, realizado por iniciativa de Benito Mussolini, em 1932, na Itália. Mussolini também esteve de corpo presente no cortejo, em Roma.¹⁴⁵

Markun, como jornalista e escritor competente e reconhecido entre seus pares, constrói uma narrativa que busca, por meio de várias estratégias narrativas, convencer o leitor de que se trata, ao contrário do livro apaixonado de Rau, de uma história imparcial, detalhando fugas, lutas e feitos históricos em ambos os continentes pelos quais o casal Garibaldi transitara. O autor tece a construção de Anita como heroína de dois mundos, assim como outros autores fizeram, mas com um domínio superior, em particular, na capacidade de construir contextos históricos abrangentes que conferem sentido mais crível às ações da biografada. Markun organizou documentos históricos e analisou a obra de Rau, entre outras, recontando a história de Anita a partir de sua icônica morte. Desta forma, a biografia se torna mais atrativa aos leitores transformando a ordem cronológica em um artifício para a literatura histórica. Nada ali havia de inovação estilística, mas começar a contar a vida pela morte não deixava de ser curioso para o universo de leitores não especializados que compunham o alvo de seu livro.

Após realizar ao longo da dissertação um mapeamento das mais significativas biografias produzidas, direta ou indiretamente, sobre Anita é importante, ao final deste capítulo, visualizar algumas sobre a Anita que surgiram após ano de 1999. O interesse deste estudo é demonstrar a

¹⁴⁵ MARKUN, Paulo. Anita Garibaldi, uma heroína brasileira. Ed. Senac, 5ª edição, 1999, p. 355.

forma romaneada ou narcisista como um personagem é construído, só para recordarmos aqui algumas das implicações manifestadas por Jacques Le Goff que, não obstante, também estiveram presentes na construção da imagem de Anita Garibaldi.

3.1 Anita representada como heroína: visões pós Wolfgang Rau (e eventos)

O discurso intenso de Wolfgang Rau em defesa da imagem de heroína incentivou o surgimento de discussões enfaticamente contrárias ao tom quase sempre laudatório do biógrafo e admirador confesso da biografada. Rau participou de eventos comemorativos em lembrança à heroína catarinense com intuito de reafirmar o valor heroico desta personagem brasileira, e corolariamente, a não permitir que o nome da heroína não fosse, novamente, como ocorreu no passado, relegado a um quase esquecimento. Compareceu o autor, por exemplo em uma exposição filatelista na cidade de Laguna em 1971, realizada por ocasião do 150º aniversário de Anita Garibaldi.¹⁴⁶

Mesmo antes do livro de Rau ser publicado, Anita há muitos anos já era consagrada heroína na região sulista do Brasil. Em 1972, por exemplo, o governador de Santa Catarina, Colombo Machado Salles, assina o decreto 4.472/n.110 por meio do qual cria a Medalha do Mérito Anita Garibaldi nas comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Tal medalha simboliza a bravura da catarinense, e quem a merecer, fossem nacionais ou estrangeiros, seria, segundo constava do ato oficial, por “contribuir de forma relevante para o engrandecimento do Estado de Santa Catarina”.¹⁴⁷

Ainda assim, a imagem de Anita ultrapassou os territórios sulistas, mesmo que em menor intensidade de conhecimento e comoção. Selos comemorativos e cartões postais reafirmaram a existência de uma mulher que então já figurava entre os personagens heroicos brasileiros. Foram lançados pelo Correio do Brasil em 1967 e 1971 dois selos com a figura de Anita estampada, respectivamente, para uma série intitulada “Mulheres do Brasil” e para a comemoração do Sesquicentenário de Nascimento da heroína.¹⁴⁸

¹⁴⁶ RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira, Ed.Edeme,1975, pp. 509-511

¹⁴⁷ Ibidem, pp. 504-507

¹⁴⁸ Selos arquivo pessoal.



Figura 5: Selo comemorativo (1967)



Figura 6: Selo comemorativo (1971)

Mesmo que, há anos, no Sul do Brasil, a importância de Anita como heroína brasileira já estivesse legitimada, havia muitos contraditores para essa afirmação, fato que na realidade acontece desde a morte de Anita. Após a publicação da biografia de Wolfgang Rau, os debates reacenderam.

A efetiva presença de Anita Garibaldi na Revolução Farroupilha foi comprovada por seus atos de bravura relatados por comandantes que lutaram ao lado da mulher de Garibaldi e que se dispuseram a relatar suas palavras em jornais posteriores, como nos casos que narramos nos capítulos iniciais deste trabalho. Entretanto, há ainda pesquisadores e intelectuais que se preocupam em contestar os méritos de Anita, afirmando que a imagem de heroína foi manipulada ou exacerbada ao longo da história. E mais, atualizando o debate com as interpretações de caráter multiculturalistas que no Brasil puderam, finalmente, aflorar nas interpretações históricas que se seguiram ao chamado período pós-ditadura militar, nomeadamente, a partir de finais da década de 80 do século XX.

A historiadora Hildes Flores destoa dos argumentos em defesa de Anita, e mesmo tendo uma opinião rara no Brasil, seu discurso é bastante efusivo:

Nem china de soldado, nem guerrilheira, nem heroína. Pensamos nós, o essencial é colocar Ana de Jesus no contexto social de sua época, moral rígida, casamento por vontade paterna. Sem amor, a mulher ia arrastando a vida a rezar e a gerar muitos filhos para povoar esta terra sem uma vida melhor, e deixou-se levar pelo turbilhão de seus sentimentos dando as costas ao marido, decretou sua sorte. Quebrados os austeros preconceitos sociais, estava marginalizada em sua pacata comunidade. Grávida, só lhe restou seguir o guerreiro que lhe inspirou tantos sentimentos contraditórios, não importava para onde ele a levasse. No fundo, foi uma pobre mulher desvalida que comeu o pão que o diabo amassou.¹⁴⁹

¹⁴⁹ CAPUANO, Yvonne. Anita e Giuseppe Garibaldi na Revolução Farroupilha. In: Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, 2007, p.171.

Yvonne Capuano, pesquisadora, médica ativa e detentora da Medalha de Mérito Anita Garibaldi agraciada em 1999, contesta essa descrição de Hilda Flores sobre Anita em palestra proferida no Seminário Internacional dos 170 anos da Revolução Farroupilha no ano de 2005¹⁵⁰.

Anita não acompanhou Garibaldi por estar grávida, mesmo porque eles se encontraram poucos dias depois de proclamada a República Catarinense, que foi em 22 de julho de 1839. E ela deu à luz a Menotti, seu único filho brasileiro, em 16 de setembro de 1840. Então, quando foi embora com Garibaldi ela não estava grávida, seguiu-o porque quis. Segundo, ela não deixou o marido, porque logo depois que estourou a Revolução Farroupilha, ele se inscreveu na Guarda Nacional, sumiu e Anita, ela estava só.¹⁵¹

Em seu discurso de posse como Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no dia 09 de outubro de 2014, Hilda Flores mantém o argumento de que Anita foi mitificada. A mentalidade da época quando ocorreu a Revolução Farroupilha em relação a posição das mulheres deve interferir na interpretação dada à Anita ao longo dos anos subsequentes.

Flores esclarece que havia muitas mulheres na mesma condição que Anita e que tiveram certa importância na revolução, mas não foram tão discutidas ou exploradas historicamente como a mulher de Garibaldi. Em seu livro “Mulheres na Guerra dos Farrapos”, Flores procura agrupar documentos que permitem separar grupos de mulheres com papéis predestinados¹⁵².

A mulher sem a presença de seu chefe de família em decorrência de uma guerra, por exemplo, teve de enfrentar desafios e imprevistos, estando ela em uma nova realidade, projetando-se à frente de seu tempo. Cada qual, de acordo com suas habilidades, respondeu aos desafios impostos, que iam desde a criação dos filhos sem a presença do pai até o comando de uma propriedade de terra, esboçando assim, segundo Flores, traços de pré-feminismo na revolução farroupilha.¹⁵³

Flores menciona em seu discurso alguns grupos de mulheres que contribuíram para a reconstrução da pátria, como as escravas, “sendo este grupo executor de tarefas urbanas ou rurais, tais como a construção e ordenação de recursos alimentícios e bélicos, chegando ainda a pegar em armas”¹⁵⁴.

¹⁵⁰ Acesso em 15/05/2018 < <https://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/264/BIOGRAFIA-YVONNE-CAPUANO.pdf> >

¹⁵¹ CAPUANO, Yvonne. Anita e Giuseppe Garibaldi na Revolução Farroupilha. In: Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, 2007, pp.171-172.

¹⁵² FLORES, Hilda Agnes Hübner. A Mulher na Guerra dos Farrapos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, n. 148, 2014, pp. 211-216.

¹⁵³ Ibidem

¹⁵⁴ FLORES, Hilda Agnes Hübner. A Mulher na Guerra dos Farrapos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, n. 148, 2014, p 211

Anita Garibaldi entra no grupo que classificou como guerreiras, constituído de mulheres que acompanhavam seus homens para a guerra, como as índias guaranis que também levavam seus filhos. Hilda Flores menciona um projeto político feminista encabeçado por Maria Josefa Foutoura entre outras líderes que acabaram criticadas ou ironizadas. A partir de então, Flores se questiona se Anita Garibaldi foi a “guerreira de dois mundos” ou apenas mitificada como tal a partir de interesses específicos de determinados períodos e projetos de poder que vigoraram no país?

A despeito de tais atualizações da biografia de Anita com as agendas das chamadas minorias, é interessante ressaltar que tudo o que se refere às decisões, à vida privada e à vida pública de Anita Garibaldi ainda é discutido pela maioria de seus biógrafos nos mesmos moldes dos séculos XIX-XX, como por exemplo, o fato de Anita ter ou não abandonado o primeiro marido para seguir Garibaldi, e qual sua real importância para a História quando comparada a outras mulheres que também pegaram em armas. Estudiosos ainda hoje buscam compreender o porquê Anita foi escolhida dentre tantas outras mulheres a heroína de dois mundos. Por que para ela foi traçado o caminho dos louros culminando em sua heroificação?

Apresentados neste trabalho os argumentos e defesas de Giuseppe Garibaldi, Wolfgang Rau, Yvonne Capuano, entre outros, ficam evidentes as razões para o processo de heroificação de Anita ter acontecido ao largo dos contextos históricos desde a sua morte. Contudo, a geógrafa Elma Sant’Ana demonstra como relevante para a investigação a importância política adquirida pelo casal Garibaldi, para que enfim possa-se avançar na compreensão de ambos terem sido considerados heróis.

Elma Sant’Ana, pesquisadora do casal Garibaldi e de seus sucessores, participou do ciclo de palestras do Seminário Internacional em comemoração dos 170 anos da Revolução Farroupilha, contribuindo para exemplificar o quão Anita e Giuseppe se tornaram símbolos de uma integração entre América do Sul e a Europa Mediterrânea. Optando por analisar o casal a partir do que denominou um viés historicamente mais prático, tal integração em sua opinião pôde mesmo acontecer, se tornando algo não meramente simbólico morfologicamente, mas algo maior e palpável. Para explicar essa simbologia a qual Elma Sant’Ana atribui ter se tornado mais palpável e até inevitável o encontro entre os dois mundos, é necessário traçar os passos dos Garibaldi.

Giuseppe Garibaldi chega ao Brasil em 1835 fugindo de sua condenação de morte por uma corte genovesa por associação ao grupo revolucionário conhecido como Jovem Itália¹⁵⁵ e

¹⁵⁵ Grupo com ideais socialistas fundado por Giuseppe Mazzini.

também em razão de uma tentativa de insurreição da qual teria tomado parte em Gênova. Aos 28 anos, conhece seu primeiro exílio no Rio de Janeiro. No entanto, não passava de um inexperiente marinheiro, mas ousado e idealista.¹⁵⁶

Quando explode a revolução na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, logo soube ter sido proclamada, pelos rebeldes, como a República Rio Grandense. Contudo, tal república, desprovia de uma Marinha de Guerra, poucas chances possuía contra o Império do Brasil e seus aliados ingleses. Um homem com conhecimento sobre estaleiros e navios passava a ser desejável. Entra em cena Garibaldi na História brasileira, sendo nomeado capitão-tenente da Marinha Farrroupilha por Bento Gonçalves.¹⁵⁷

Garibaldi constrói dois lanchões sob rodas que atravessam por terra até a chegada ao Oceano Atlântico. Em 29 de julho, em Santa Catarina, proclama a República Juliana, na cidade de Laguna, onde conhece Anita. O amor imediato que os uniu por dez anos iguala-se aos grandes romances da História Universal, e dessa forma é descrito pela historiografia, contribuindo para a mitificação de ambos.¹⁵⁸

No dia 16 de setembro de 1840, nasce o único filho brasileiro de Anita e Garibaldi, Domenico Menotti, em Mostardas. O fato de ser brasileiro foi declarado com orgulho tanto por Menotti. Ressalta-se que todos os filhos homens de Garibaldi com Anita prosseguiram com bem-sucedidas carreiras militares e, por isso, também acabaram considerados heróis na Itália.¹⁵⁹

Quando encerrada a participação do casal na romântica e ilusória revolução, os dois partem para o Uruguai, e a epopeia de futuros heróis de dois mundos se aprofunda, se fortalecendo na Itália a partir de 1848, quando Garibaldi retorna a sua terra-pátria para fins de unificação do território.¹⁶⁰ Chegando na Europa, Garibaldi estava mudado em vários aspectos. Tudo o que havia aprendido sobre estratégias militares, comando de tropas e articulações políticas foi em ação na América do Sul, especificamente no Rio Grande do Sul. Tal apresentação de um Garibaldi mais estruturado politicamente causou alarde quando desembarca na Europa. Trajando uma vestimenta atípica e com trejeitos e costumes a parte, estava intrínseco em seu porte uma marca que carregaria até o fim de sua vida: um gaúcho, um brasileiro.¹⁶¹

¹⁵⁶ SANT'ANA, Elma. Os Garibaldi como símbolo de integração entre a América do Sul e a Europa Mediterrânea. In: *Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita*. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, 2007, pp.175-180.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p.176

¹⁵⁸ *Ibidem*.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 177.

¹⁶⁰ *Ibidem*.

¹⁶¹ CARTA, Gianni. *Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho*. Ed. Boitempo, São Paulo, 1ª Ed, 2013.

Em suas “Memórias”, Garibaldi dedica um capítulo para a cultura sulista expressando sua admiração pelo espírito livre do gaúcho:

Por que ele deveria permanecer em meio a uma sociedade corrupta, na dependência de um padre que o engana e de um tirano que esbanja em luxos o fruto da sua labuta, quando ele pode muito bem viver nas planícies virgens e sem limites de um novo mundo, livre como a águia e o leão, descansando a cabeça, quando exausto, no colo da esposa do seu coração, ou voando em seu corcel selvagem pela vastidão dos Pampas, à procura da ração diária para si e para sua querida.¹⁶²

O amálgama entre Itália e Brasil ocorreu de muitas maneiras desde tempos mais remotos. Mas pensando em Anita e Garibaldi, o valor histórico se torna mais sólido quando observada a trajetória de ambos heróis nos dois países e como tudo foi absorvido e demonstrado por eventos, inaugurações de praças e centros de tradições.

Elma Sant’Ana explica que o casal saiu da história para dar nomes a ruas, cidades e praças em grande parte do mundo. Como símbolo de integração entre Mostardas, cidade em que nasceu o primogênito do casal, e Aprilia, na Itália, onde o mesmo está sepultado, foi assinado um acordo de cidades irmãs, tendo como justificativa a importância da família Garibaldi. Com este documento oficial as futuras gerações no Sul da América e na Europa Mediterrânea tornaram-se mais engrandecidas e orgulhosas por fazerem parte deste caminho histórico.¹⁶³

Na mesma cidade italiana existe uma praça, a Piazza Mostardas, onde foi plantada uma muda de figueira com um punhado de terra retirada de São Simão no Rio Grande do Sul. O ato selaria um acordo de amizade entre as duas cidades, novamente através do nome do primogênito de Anita e Garibaldi como símbolo de integração.¹⁶⁴

Outra cidade que se pode tomar como exemplo de integração entre Itália e Brasil, partindo dos feitos heroicos dos Garibaldi é a cidade de Capivari do Sul. O rio Capivari cedeu o cenário para batalhas com os lanchões de Garibaldi na Revolução Farroupilha, e por isso, a cidade patrocina eventos culturais baseados nas batalhas. Capivari do Sul também está integrada à Mentana na Itália onde foi inaugurada uma via com nome de Anita Garibaldi-Via Capivari.¹⁶⁵

¹⁶² DUMAS, Alexandre. Memórias de Garibaldi. Ed. L&PM Pocket, 2000, pp. 192-193

¹⁶³ SANT’ANA, Elma. Os Garibaldi como símbolo de integração entre a América do Sul e a Europa Mediterrânea. In: Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, 2007, pp.177-178.

¹⁶⁴ Ibidem, p.178

¹⁶⁵ SANT’ANA, Elma. Os Garibaldi como símbolo de integração entre a América do Sul e a Europa Mediterrânea. In: Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, 2007, p.177.

Em 20 de outubro de 1992 fundou-se o Piquete Anita Garibaldi que trata de promover a imagem de Anita e Giuseppe, assim como incentivar pesquisas e trabalhos que preservem a história de ambos. O instituto integra cidades, estados e países para que desenvolvam a história rio-grandense e garibaldina, com núcleos em regiões sulistas e eventos proporcionados pelo piquete na cidade de Caprera na Itália, por exemplo.¹⁶⁶

Mesmo que haja alguns discursos contraditórios ao que a história se prontificou a disseminar, Anita Garibaldi ainda é motivo de discussões e de constante renovação da historiografia. Inúmeras obras biográficas, documentários nacionais e internacionais, séries e filmes para a TV e até mesmo homenagem em escola de samba no carnaval de 1999 no Rio de Janeiro cultivam a memória de novas gerações, comprovando a importante participação de

Anita na Revolução Farroupilha, nas lutas libertárias no Uruguai estando ela apoiando o marido na ocasião, e na luta pela reunificação da Itália.¹⁶⁷

Uma biografia que ratificou o heroísmo de Anita e sua importância para a memória nacional foi, como já adiantamos, “Anita Garibaldi: uma heroína brasileira”, de Paulo Markun. O jornalista apresenta a vida da brasileira ao lado do marido Garibaldi percorrendo os dois continentes onde o casal esteve em passagem. De forma romanceada, por certo, mas também construída de forma documental, o livro deixa transparecer uma mulher comum, com temores e defeitos, que expõe por meio de cartas – escritas por Anita ou por ela ditadas -, uma heroína mitificada, endeusada por seu comportamento sobre-humano, a qual vem à tona por meio da narrativa de seus atos heroicos. Desta forma, Markun reúne grande documentação para compor sua obra, sendo perspicaz ao escrever com maior interesse, por assim dizer, sobre algumas passagens, como os sete enterros de Anita, descrevendo e oferecendo imagens do derradeiro sepultamento em Roma, realizado por Benito Mussolini. Assim, a biografia se torna mais palatável aos interesses comercial e editorial, sendo acessível a uma maior massa de leitores, como se encarregaram de divulgar os jornais que deram a notícia do livro à época de seu lançamento. Adiante, serão examinados tais jornais e a própria obra de Paulo Markun com destaque para as características aqui apontadas.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 179.

¹⁶⁷ ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. Uma heroína na História: representações de Anita Garibaldi. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000, pp. 106-111

3.2 A biografia de Paulo Markun: Anita Garibaldi: uma heroína brasileira

A biografia “Heroína de dois Mundos” de Paulo Markun, publicada 1999, é apresentada na comemoração dos quinhentos anos de Descobrimento do Brasil, e 150 anos da morte de Anita Garibaldi. O jornalista aprofunda a pesquisa histórica sobre Anita. A biografia de Markun é detalhista, apresentando vasta iconografia ao longo das páginas, assim como uma bibliografia italiana que confere um tom sério e erudito à pesquisa que fundamenta o trabalho. O autor descreve a imagem de Anita utilizando-se da história oral, escrita (cartas pessoais da personagem), documental e iconográfica, percorrendo o período da infância até a morte da dita heroína.

O livro conta, com riqueza de detalhes, momentos históricos os quais estavam inseridos os Garibaldi, narrando até a morte de Giuseppe Garibaldi. Também expõe o cortejo fúnebre do último enterro de Anita, realizado pelo regime fascista de Mussolini, em 1932. O prefácio desta obra fica a cargo do sociólogo e ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, que expõe a importância da redescoberta desses personagens históricos nos 500 anos do Brasil:

Concluo retomando a questão da oportunidade de trabalhos como o de Markun. Lembrei que os 500 anos convidam à redescoberta de figuras que fizeram história. Parece-me importante que os nomes escolhidos possam estimular a reflexão sobre os desafios do presente. A saga dos Garibaldi é um bom exemplo.¹⁶⁸

Markun narra os momentos heroicos protagonizados por Anita de forma quase imparcial, detalhando fugas, lutas e feitos históricos em ambos continentes por qual passou, tecendo a construção de Anita como heroína de dois mundos. O autor narra a primeira fuga de Anita, oito dias após ter sido capturada pelos imperiais em uma batalha na região de Curitiba de forma célebre:

Meio montada, meio nadando, cruzou o rio e seguiu galopando pela noite escura, usando uma espécie de poncho branco do marido, que encontrara numa casa do caminho. Assim vestida e com seus cabelos negros despenteados pelo vento, acabou por espantar os que buscavam fugitivos, que a confundiram com uma aparição. Dois dias depois chegou a uma cabana onde havia ficado com Garibaldi e que estava vazia. Conseguiu abrigo na casa de duas solteironas, que a receberam com temor: estava como homem, de poncho e chapéu. As velhinhas só mudaram a atitude quando ela ergueu a roupa e provou que era mulher. Acabou encontrando Garibaldi perto de Lages, oito dias depois da separação. E quando o coronel Teixeira Nunes perguntou como

¹⁶⁸ MARKUN, 2009

ela havia chegado até ali, Anita respondeu singelamente: “vim vindo, coronel. Vim vindo...”¹⁶⁹

Markun declara como o início da trajetória de heroísmo de Anita sua estreia ainda no Brasil, numa empreitada no Rio Pardo, em que os farrapos saem vitoriosos, mesmo sem saber por que os imperiais haviam recuado:

Quem ousaria fraquejar vendo na tolda do Rio Pardo a valorosa Anita, de carabina em punho, desprezando a morte, batendo-se como valente, emprestando valor aos que desfaleciam, animada, com faces purpureadas, o olhar em chamas, os cabelos soltos ao vento percorrendo a bateria com febril atividade a animar a todos na defesa do estandarte, símbolo do ideal pelo qual se batiam?¹⁷⁰

Paulo Markun, a partir de então, organizou documentos históricos e analisou a obra de Rau entre outras, conotando uma biografia repleta de iconografia e outras fontes do período do século XIX, sendo importante o contexto do relato da vida de Anita para os quinhentos anos do Brasil.

Acompanhando a biografia de Wolfgang Rau, Markun expõe em seu romance alguns documentos dispostos em “O perfil de uma heroína brasileira”, como os relatórios produzidos pela da polícia na

Itália assim que encontraram o corpo de Anita e o registro do padre que a recebeu para sepultamento na igreja em Mandriole. Nas próprias palavras de Markun, “é preciso apresentar aqui o verdadeiro garimpeiro dessa história que jamais desanimou”¹⁷¹ e apresenta uma fotografia de Rau segurando a certidão de nascimento tardia de Anita Garibaldi, com o fim de reconhecer no biógrafo suíço um dos maiores responsáveis pelo esforço em identificar a naturalidade da catarinense.

O primeiro capítulo da biografia de Markun, intitulado “A mão na areia”, dá início a saga da morte de Anita. O título assim como a descrição investigativa dada pelo autor confere ao leitor a faceta de uma possível obra de suspense policial. A autópsia do cadáver, as acusações errôneas contra o marido Garibaldi, os relatórios policiais e as paisagens italianas dão a nítida impressão de uma ficção policial. Entretanto, propositalmente, o próximo capítulo segue de uns meses antes da morte de Anita, e todos os seus passos desde que aportou na Itália. Inclusive, Markun dedica muitas páginas para contar sobre a vida de Anita na península itálica, algo distinto de outras biografias que não dão muitos detalhes sobre esse período.

¹⁶⁹ MARKUN, 1999, p. 171

¹⁷⁰ Ibidem, p. 148

¹⁷¹ Ibidem, p.12

Cartas escritas ou ditadas por Anita estão estampadas por toda a obra, e pode-se, assim, concluir a movimentação da mulher de Garibaldi pelos locais onde esteve, a evidente alfabetização de Anita, algo questionável na literatura, e a sua vida cotidiana. A primeira delas diz respeito aos dias em que passou em Gênova, destinada a um combatente amigo de Garibaldi em Montevidéu, Stefano Antonini:

Estimadíssimo senhor,
Tenho prazer de lhe informar sobre minha feliz chegada a Gênova, depois de uma viagem felicíssima de cerca de dois meses. Tenho sido festejada pelo povo genovês de modo singular. Mais de 3 mil pessoas vieram debaixo de minha janela gritando: - Viva Garibaldi, viva a família de Garibaldi! – E me deram uma bela bandeira com as cores italianas, para que a entregue ao meu marido tão logo chegue à Itália, para que seja o primeiro a finca-lo sobre o solo lombardo...

As coisas caminham muito bem na Itália. Em Nápoles, na Toscana e no Piemonte foi promulgada a Constituição e Roma a terá dentro em pouco. A guarda nacional foi instituída em vários lugares e muitos benefícios obtiveram esses países. Os jesuítas e todos os seus afilhados foram expulsos de Gênova e de todo o Estado e por todo canto não se fala de outra coisa a não ser unir a Itália mediante uma liga política e alfandegária e depois liberar os companheiros lombardos do domínio estrangeiro... Há alguns dias estive na ópera e ontem à tarde na comédia; visitei os principais lugares da cidade e da vizinhança e amanhã parto no vapor para Nice. Ficarei agradecida, no caso de meu marido não ter partido ainda, de pedir-lhe que o faça e dizer-lhe que os últimos acontecimentos da Itália devem fazer com que acelere sua partida.

Saudando-o pois, afetuosamente, Gênova, 7 de março 1848

Sua devotada serva Ana Garibaldi.¹⁷²

Mesmo que, possivelmente, Garibaldi tenha antecipado alguns pontos políticos da Itália para Anita, consta ter sido esta síntese produzida pela própria Anita que teria se encarregado de ditar para alguém que, por sua vez, se ocupou em redigir a carta. As poucas mensagens encontradas de autoria de Anita têm caligrafias diferentes, o que fez com que alguns historiadores concluíssem que permaneceu, como tantas outras mulheres de seu tempo, analfabeta. É certo que quando saiu do Brasil era quase analfabeta e que o convívio com Garibaldi a fez progredir nos seus conhecimentos, como por exemplo, aprendendo os idiomas italiano e espanhol, como defende Wolfgang Rau. Constatou-se que a caligrafia de algumas cartas era insegura e que, em muitos casos, Anita apenas assinava as cartas, o que fez com que a hipótese de ser analfabeta fosse discutida¹⁷³. Muitas destas cartas estão em posse do Museu do Risorgimento, na Itália.

¹⁷² BRASIL, Gerson. Garibaldi e Anita. Rio de Janeiro, Souza, 1953, pp. 207-208 apud MARKUN, Paulo. Anita Garibaldi, uma heroína brasileira. Ed. Senac, 5ª edição, 1999, p.29

¹⁷³ MARKUN, Paulo. Anita Garibaldi, uma heroína brasileira. Ed. Senac, 5ª edição, 1999, p. 30.

Paulo Markun confere relevo para a infância e a juventude do casal, cada um no seu país de origem, e destaca, por meio de comparações, que ambos tiveram diferenças significativas de oportunidades em suas terras natais, como o fato de Anita não ter convivido com o pai por ocasião da morte do mesmo, o que não aconteceu com Garibaldi. Mais adiante, o jornalista descreve algumas características da região catarinense, a situação política brasileira e um pequeno capítulo para contar sobre a existência de um tio com ideais farroupilhas, do qual Anita era bastante próxima. Possivelmente, a intenção seja a de que o leitor considere as influências e o contexto em que Anita estava envolvida, o que denota um trabalho com rigores mais históricos.

O primeiro combate de Anita é descrito com riqueza de detalhes. Sua intenção é menos pontificar sobre o aparecimento da heroína e mais mostrar que ali já existia uma mulher excepcional. Markun utiliza de uma das biografias de Anita para narrar os inícios da construção da imagem heroica, relatando um excerto do biógrafo e almirante Henrique Boiteux, da obra de 1932, da qual falamos anteriormente:

Quem ousaria fraquejar vendo na tolda da Rio Pardo a valorosa Anita, de carabina em punho, desprezando a morte, batendo-se como o mais valente, emprestando valor aos que desfaleciam, animada, com as faces purpureadas, o olhar em chamas, os cabelos soltos ao vento percorrendo a bateria com febril atividade a animar a todos na defesa do estandarte, símbolo do ideal pelo qual se batiam?

No mais aceso do combate, eis que, de repente, certa bala dando de encontro à amurada fá-la em estilhaços, um dos quais arroja Anita ao convés e com ela dois marinheiros, que ficaram estendidos, mortos. Ouviu-se um grito geral, precipitando-se todos para erguê-la; antes, porém, que a acudissem, lépida levantou-se tinta do sangue de seus infelizes companheiros e seu único pensamento foi o de fazer novo apelo à bravura dos combatentes, rareada a cada nova bordoadada do inimigo que mais a mais se aproximava.

Instada por todos e, muito principalmente, por Garibaldi para que se recolhesse à cobertura, respondeu: “Sim, vou descer, mas para enxotar os poltrões que lá se foram esconder”. E momentos após regressava, trazendo à sua frente três deles que no porão haviam se refugiado.¹⁷⁴

O evento é relatado também por Garibaldi em suas Memórias, o que gerou narrativas subsequentes quase idênticas as do general italiano. De forma mais enfática ou não, pode-se considerar essa passagem como um dos pontos altos da vida de Anita, pois, provavelmente, mantém uma maior verossimilhança com o que possa ter acontecido. Ou seja, esta batalha não foi recriada ou reinventada, mas sua narrativa foi repisada como ponto de partida que evidencia

¹⁷⁴ BOITEUX, Henrique. Anita Garibaldi. Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1935, p. 67 apud MARKUN, Paulo. Anita Garibaldi, uma heroína brasileira. Ed. Senac, 5ª edição, 1999, pp.148-149.

o heroísmo e a verdade, uma vez que seu primeiro narrador foi testemunha de vista, ou seja, o evento foi narrado por quem o viveu, o próprio Garibaldi.

Mesmo remontando toda a trajetória de Anita, um quebra-cabeça com muitas peças faltantes, Markun completa o romance com trechos ficcionais, como muitos outros assim o fizeram, mas com uma capacidade técnica superior a de seus antecessores, capaz de combinar ficção com evidências extraídas de um vasto conjunto documental, bem ao gosto de alguns historiadores, como Natalie Zemon Davis, por exemplo. Com isso, o jornalista lança mão de bilhetes e cartas trocados entre Garibaldi e Anita, mesmo quando não possui as respostas dadas por um ou por outro. Tal estratégia, o auxilia a demonstrar a cumplicidade e mesmo alguns aspectos íntimos do casal observados nos bilhetes e epístolas trocados.

Após a biografia de Wolfgang Rau, houve uma tendência nos muitos biógrafos que se seguiram em se preocuparem com as características pessoais de Anita. Markun se aproveita destes pontos e da vida já um tanto romanceada dos Garibaldi para traçar a sua própria ficção a esse respeito, mas com o cuidado de não negar ou desmentir quaisquer dados narrados por outros biógrafos e historiadores dos eventos que envolveram o casal. Em duas situações, Garibaldi escreve a Anita, e demonstra grande amabilidade para com a consorte. A primeira refere-se a dias antes de sua partida de Montevidéu para a Europa, onde Anita o aguardava; a seguinte tratam-se de notícias do então general Garibaldi que com bom humor a confortava, visto que havia sido ferido em batalha:

Minha querida Anita,

Alguns incidentes algo desagradáveis retardam nossa partida por alguns dias. Anzani foi atacado por sua doença de modo muito violento e Sacchi foi ferido em uma rótula, de modo que pouco faltou para que perdesse a perna.

Esta te encontrará em Nizza ou em Gênova e em qualquer parte com minha mãe. Tu cuidarás muito de minha velhinha, por amor a mim, e farás com que se esqueça de suas preocupações. Tem sido sempre tão boa mamãe. Se esta te encontrar em Nizza eu desejo ardentemente que estejas contente e gozes prazerosa o lindo rincão que meu viu nascer e que te seja caro como sempre o foi ao meu coração. Tu conheces minha idolatria pela Itália e Nizza é certamente uma das mais famosas localidades dessa minha pátria tão desafortunada mas tão bela e que justamente mais quero.

Queiras tu também a ela, minha Anita, e te serei grato por esse amor. Quando passares pelos lugares que me viram menino, lembra-te do companheiro de tuas privações e trabalhos, que tanto te ama e saúda-os em meu nome.

Desejo que tu conheças meu irmão Felice, para que tu mesma possas julgar que me resta ainda um irmão bom e digno de mim...

Abraça por mim Menotti, Cita e Ricciotti; a minha querida mamãe; e pensa em teu invariável e amante.

J. Garibaldi

P.S. Recomendo-te todas as senhoras dos oficiais que me acompanham.¹⁷⁵

Garibaldi estava em combate contra os franceses num ataque a Roma, e havia sido ferido no estômago, mas segundo ele, “ninguém precisava saber”¹⁷⁶. À Anita amenizou a história por um bilhete:

Ontem, combatemos e vencemos. Os servos do imperador dos franceses fugiram como ovelhas depois de um combate que durou quase o dia inteiro. Teu belo poncho foi furado por três balas e a minha barriga resistiu a uma contusão razoável (seria ridículo se eu morresse pela barriga). Meu ferimento não me impede de andar a cavalo e fazer o serviço. Teu alazão é sempre o mais belo.¹⁷⁷

Garibaldi não se permitia falar de seus sentimentos mais íntimos nas cartas que escrevia, com raras exceções, e sempre de maneira comedida:

Eu a acompanhei, minha amada, na tua viagem, dia por dia, contando com ânsia tudo aquilo que tem me privado de tua esplêndida e encantadora companhia. Não quero nada mais do que partir para a Itália para saborear teus deliciosos abraços. Não te esqueças desse teu filho da tempestade e pensa em teu amante fiel.¹⁷⁸

Partindo para os relatos orais de modo a caracterizar Anita, muitos autores se utilizam deste marco para romancear ainda mais os Garibaldi. Algo que já se tornou indiscutível e comprovado, assim sendo, demarcado em todas as ficções históricas de Anita é o fato de ser extremamente ciumenta. Inúmeros relatos sobre a personalidade da mulher de Garibaldi foram ouvidos, escritos e relatados a partir do início do século XX, como o fez Jessie White-Mario e o tenente Caetano Sacchi, companheiros de batalhas no Uruguai. O próprio Garibaldi comentou com White-Mario que sua mulher andava com duas pistolas, uma para a suposta amante e uma para ele mesmo. Uma ocasião replicada em algumas obras foi quando Garibaldi foi obrigado a cortar os cabelos e a barba. Sacchi comentou ao chefe que deveria procurar um barbeiro mais habilidoso, mas que numa tentativa de aplacar o ciúme de Anita, o próprio Garibaldi os cortou.¹⁷⁹

Markun menciona o ocorrido e busca compreender a relação íntima dos dois, sempre apontando uma fonte. É o que acontece quando entende o porquê do ciúme de Anita, visto que Garibaldi era muito atrativo fisicamente e de comportamento militar invejável. Um de seus

¹⁷⁵ MARKUN, Paulo. Anita Garibaldi, uma heroína brasileira. Ed. Senac, 5ª edição, 1999, pp.248-249.

¹⁷⁶ Ibidem, p. 291

¹⁷⁷ Ibidem, p. 292

¹⁷⁸ Ibidem, p. 259

¹⁷⁹ Ibidem, p.235

subordinados uruguaios, Ventura Rodríguez, também dedica uma biografia sobre Garibaldi, chamada “Memorias militares del general”, e descreve o italiano com riqueza de detalhes. Markun traduz um largo excerto da obra que diz sobre o porte, a estatura mediana, a inteligência, o rosto expressivo e formoso, e o quão robusto e forte era o corpo de Garibaldi.¹⁸⁰ Com a caracterização dos personagens, um arcabouço político-histórico já traçado e um romance improvável que perdurou, Markun tem o script montado para uma ficção histórica em moldes mais do que realistas. A morte é um marco na vida de Anita Garibaldi ao qual o escritor dedica algumas páginas. Anita passou por sete enterros que por diversos motivos foram acontecendo desde o fatídico 04 de agosto de 1849. Sobre o último deles, Markun, no epílogo de seu romance, concentra-se no enlace da família Garibaldi após a morte da matriarca, chegando até o ano de 1932, quando Benito Mussolini e a Itália fascista juntamente com o neto de Anita e Garibaldi promovem um cortejo fúnebre digno de uma heroína. Este cortejo é narrado passo a passo desde a última morada de Anita, em Nice, que pertencia ao território francês, até a cidade de Roma onde está sepultada até então¹⁸¹. Contudo, Markun não deixa claro as intenções de Mussolini com uma cerimônia tão pomposa no sentido político que o fascismo poderia arregimentar.

Outro jornalista se propôs a narrar a trajetória dos Garibaldi, em específico de Giuseppe Garibaldi. Gianni Carta publica em 2013 “Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho”, e mesmo que a narrativa esteja voltada para Garibaldi, sua esposa não poderia deixar de ser notada. Afirma que mesmo que seus feitos não tiveram tanta importância no Brasil ou em qualquer outro lugar, ainda assim sua bravura a qualificara para ser considerada uma heroína.¹⁸² Carta cita Paulo Markun em alguns parágrafos para, por exemplo, explicar situações conflitantes na vida de Anita que poderiam ter sido contadas de forma mais clara. A sua primeira fuga da mão dos imperiais no Brasil, em Curitiba pode ter sido um caso desses.

Markun e Carta descrevem o momento assim como foi repassado desde as memórias de Garibaldi:

Anita montada em um cavalo branco, com um poncho também branco que lhe fora dado pelo companheiro. Assim vestida, com seus cabelos negros despenteados pelo vento, acabou por espantar os que buscavam fugitivos, que a confundiam com uma aparição.¹⁸³

¹⁸⁰ MARKUN, Paulo. Anita Garibaldi, uma heroína brasileira. Ed. Senac, 5ª edição, 1999, pp. 235-236.

¹⁸¹ Ibidem, pp.354-360

¹⁸² CARTA, Gianni. Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho. Ed. Boitempo, São Paulo, 1ª Ed, 2013, p.127.

¹⁸³ CARTA, p.128. In: MARKUN, 1999, p.171

O enaltecimento definitivo de Anita, para Carta, se deu exatamente por conta de seu último enterro, realizado por Mussolini. O autor explica com maior clareza os significados do fascismo ao redor da família Garibaldi, em relação ao qual o próprio mausoléu onde os ossos de Anita estão guardados possui uma significância. A imagem do túmulo é de uma mulher montada em um cavalo a galope segurando um bebê. Esta pode simplesmente desenhar a segunda fuga de Anita no Brasil, puérpera de poucos dias. Mas para a Itália simboliza a defesa da liberdade.¹⁸⁴

Em um capítulo à parte designado, “A fascistização do General”, Carta recapitula os processos políticos italianos e o uso da imagem de Garibaldi para fomento de objetivos particulares. Mussolini se apresentava como herdeiro das tradições garibaldinas, a consolidação do Risorgimento. Ele queria ser percebido como um ser excepcional de movimentos dignos de heroísmo. Garibaldi seria o herói natural a ser imitado. Convertendo os feitos de Garibaldi para os interesses do fascismo, Mussolini teve um apoio essencial: o neto de Anita, Ezio Garibaldi, sétimo filho de Ricciotti, o caçula do casal. Ezio que havia lutado na Revolução Mexicana e a mando de Mussolini tentou estabelecer o programa fascista no México. Também era presidente da Federação Nacional dos Voluntários Garibaldinos, obtendo totais direitos de ser o coordenador das celebrações de 1932, que consistiam do quinquagésimo aniversário de morte do general Garibaldi e dos dez anos do fascismo. O cortejo fúnebre dos restos mortais de sua avó foi a “cereja do bolo” para o exibicionismo fascista¹⁸⁵.

Com isso, se pode analisar que em certo momento da história não era mais necessário dar ou construir uma autenticidade heroica à Anita, pois, a altura dos tempos, já se lograva tal feito. Mas, mesmo sendo considerada heroína para a História, a sociedade brasileira ainda não a idolatrava como tal, assim como a Itália a reconhecia. Para Markun em seu capítulo introdutório afirma que mesmo após um século e meio da morte de Anita, depois de revisada e Adulterada sua biografia por pesquisadores de todo o mundo, a vida curta e movimentada desta catarinense é mais conhecida na Itália que no Brasil, sempre com lacunas a serem preenchidas.¹⁸⁶

Então, como alcançar os brasileiros? Como tornar Anita uma heroína digna de ser lembrada nos quinhentos anos do Brasil? Tentar tornar interessante aos leitores a partir do momento que uma vida já romanceável é escrita de forma coloquial e de forte apelo emocional,

¹⁸⁴ CARTA, Gianni. Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho. Ed. Boitempo, São Paulo, 1ª Ed, 2013, p.129.

¹⁸⁵ Ibidem, pp. 225-227.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 11.

acaba por expandir o interesse do mercado editorial. Um herói que ao fim possui características próximas às pessoas comuns se torna mais atrativo ao imaginário.

O livro “Anita Garibaldi: uma heroína brasileira” de Paulo Markun foi divulgado amplamente durante o ano de 1999, quando o mesmo foi lançado. O jornal O Estado de São Paulo exibiu matérias dedicadas a Anita Garibaldi, fazendo com que o público que ainda não conhecesse sua história ficasse interessado e, a partir de então, sugeriam a biografia de Markun. Foram encontrados ao menos 3 artigos relacionados a divulgação da obra e da personagem. No dia 25/04/1999, o Caderno de Cultura de O Estado de São Paulo dedica uma página inteira a Anita Garibaldi, com o título “Livro e filme revivem o mito de Anita Garibaldi”, e subtítulo “Brasileiros sabem pouco sobre a vida da heroína de dois mundos”. Na matéria há duas imagens centrais do casal Garibaldi e um destaque que se limita a dizer “Hoje se sabe que ela se casou duas vezes na igreja e que era quase analfabeta”. No início da reportagem já se informa que após 150 anos de sua morte, será emitida a certidão de nascimento tardia, comprovando sua origem brasileira.

A reportagem também reitera algo curioso: o fato da heroína ser como um camaleão, e que surge não somente para reativar a memória nacional (função que já cumpriu em tempos remotos), mas para corrigir um erro grave – o esquecimento desta heroína. Wolfgang Rau é entrevistado e com orgulho nos conta os lugares pelos quais sua Anita passou e ele se encarregou de trilhar e reviver anos depois. Markun destaca que aquele era o momento da heroína, e previa uma série de trabalhos em prol da brasileira, como séries, livros, peças de teatro, além de comentar a possibilidade da criação de um museu com as “reliquias” acumuladas por Rau.

No dia 10 de agosto de 1999, o mesmo jornal divulga o lançamento da biografia de Paulo Markun, o entrevistando. O jornal informa então que há apenas 3 três meses Anita teve emitida sua certidão de nascimento, comprovando que era realmente brasileira, da cidade de Laguna em Santa Catarina. Markun conta que após um ano de pesquisa e com a ajuda de meia dúzia de colaboradores, pôde constatar que o maior acervo sobre Anita se encontra nos Estados Unidos, onde passou o maior tempo de seu trabalho na Universidade da Carolina do Sul.

A julgar pelo fato do maior pesquisador sobre o tema ser um arquiteto suíço e que seus restos mortais estão dispostos em outro país, não causa estranheza tal confirmação de Markun.

Em 13 de setembro de 1999, O Estado de São Paulo retorna com Paulo Markun a falar de Anita Garibaldi e a divulgar o livro do jornalista. A ênfase maior na matéria está em comentar sobre as realizações do entrevistado.

Enfim, foram necessários muitos anos para que se confirmasse a heroicidade de Anita, e mais alguns para que se ratificasse tal heroísmo perante a sociedade brasileira. Eventos, monumentos, obras teatrais e literárias, jornais usando seu nome com pompa para a busca de um nacionalismo ainda em discussão. Contudo, o mito não deixa de ser explorado na literatura e nas artes visuais. Foi largo o tempo em que o nome Anita Garibaldi apareceu como símbolo do que representa nos dias atuais, mas é contundente afirmar que há alguns anos ela tem sido lembrada insistentemente, talvez até mais do que qualquer outro personagem histórico já representado. Biografias, principalmente, são escritas em larga escala por escritores do mundo inteiro, sempre interessados no bom conteúdo que um romance épico possa oferecer, contadas de formas distintas, como algumas ainda serão elencadas neste estudo.

3.3. Outras biografias.

Como mencionado, após a biografia de Wolfgang Rau, em 1975, as abordagens e estudos acerca de Anita Garibaldi foram se intensificando. A questão, então, era criar uma heroína brasileira. Dentre muitas outras, a mulher de Garibaldi poderia ser o símbolo da mulher idealizada. Após Rau, as discussões que antes eram contraditórias e até algumas empenhadas em difamar a imagem construída desde a morte da brasileira se tornaram mais humanizadas e sua vida pública e particular se tornaram uma única vida. Então, as biografias que também estavam em debate e começavam a ganhar espaço no teor historiográfico se destacaram entre os estudiosos.

Biografias sobre Anita sempre existiram, mas chegaram a centenas em todo o mundo a partir de meados do século XX, sendo impossível analisar todas elas em um único estudo. Ainda assim, destacam-se algumas que foram analisadas por Fernanda Aparecida Ribeiro em “Anita coberta por histórias”, e em outras em particular. Fernanda Ribeiro acredita que cada obra literária deve ser analisada visualizando uma sociedade patriarcal em seu contexto, portanto, cada escritor obteve sua visão do momento e construiu a personagem.

Julio A. Sierra, escritor argentino, em seu livro “Anita Garibaldi, Guerrillera en América del Sur, heroína de la Unidada Italiana”, narra um romance histórico que não condiz muito com a imagem que quer passar de Anita, mesclando cenas de batalhas com um amor poético, tornando o heroísmo e sua participação na Revolução Farroupilha e na Unificação da Itália quase insípida. Em uma passagem, Sierra descreve uma luta de Anita junto de Garibaldi em

Laguna: “Mientras se dedicaba con intensidad a la guerra sabía que llegaría alguna noche en la que encontraría en el reposo de José el momento de dar amor”.

Com Julio Sierra, a contemporaneidade se apresenta de forma romântica, como se o passado viesse para acalentar o presente, advindo de um autor argentino, cujo país pouco conhecimento teve da forma de Anita. Embora seja importante mencioná-lo, o livro de Sierra não foi aqui utilizado como fonte, pois, trata-se de um romance histórico, utilizando do século XIX como pano de fundo para contar a história de Anita, não sendo uma biografia em si, contendo uma narrativa despreziosa, ficcional.

Alicia Dujovne escritora literária argentina, dialoga com figuras femininas de grande repercussão, tendo como destaque em sua carreira literária a biografia de Eva Perón. Mesmo Anita nunca tendo passado pela Argentina em seus 28 anos de existência, há algumas biografias sobre ela naquele país. Dujovne prioriza as mulheres da América Latina e consegue em “Anita cubierta de arena” apresentar um romance com uma narrativa coloquial em primeira pessoa, não participando o narrador na história, mas com um olhar atento aos percalços de Anita e Garibaldi, porém com pouco conteúdo histórico e sempre exageros na narrativa dos momentos em que prevaleceram o sofrimento e no heroísmo.

Adílzio Cadorin, historiador e político catarinense, é um dos defensores da questão separatista em Santa Catarina, e em “Anita Garibaldi: a guerreira das República” revela a identificação de Anita com o ideário farroupilha contra o despotismo do regime imperial. O autor se beneficia desses princípios para legitimar o nascimento de Anita em terras lagunenses e a campanha separatista.¹⁸⁷ A obra de Adílzio Cadorin sobre a heroína catarinense, Ana Maria de Jesus Ribeiro – Anita Garibaldi, mais do que uma detalhada reconstituição histórica das lutas travadas em defesa da república, e da unificação italiana, se constitui em um resgate sobre o tema com uma visão diferenciada. Ao reconstituir a história da jovem brasileira, o presidente da Fundação Anita Garibaldi, Adílzio Cadorin, oferece um detalhado trabalho de pesquisa histórica, reunindo também interpretações de outros estudiosos sobre o tema em biografias à parte, como a de Lindolfo Collor “Garibaldi e a Guerra dos Farrapos”.

Flávio Aguiar, crítico literário e professor universitário ganhou por três vezes o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, sendo um deles com o romance Anita (1999), publicado pela Boitempo Editorial, cujas fontes são as mesmas de outras literaturas biográficas; autores que se dispuseram a construir a imagem de heroína de Anita Garibaldi, como Wolfgang Rau. O escritor se utiliza de uma coleção do jornal “O Povo, Diário Oficial da República Rio-

¹⁸⁷ ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel “Uma heroína na História: representações de Anita Garibaldi”. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000, pp.111-112

Grandense” de 1930 como fonte importante para compor no seu romance a Revolução Farroupilha. A narrativa apresenta as visões de dois personagens: a própria Anita que narra as suas passagens, e a do negro Aguiar, que mesmo a historiografia não confirmando a existência deste companheiro de guerras desde os pampas brasileiros, ele assume sua participação em muitos momentos na vida de Anita.

A obra de Flávio Aguiar comparada a de Paulo Markun, por exemplo, se torna um romance ficcional, sem compromisso com a biografia de Anita. Não há apresentação de documentos históricos ou relatos orais, mas segue uma linha narrativa, com diálogos e ações imaginados perante uma situação histórica. Isso conota o quão foi utilizada a imagem de Anita, já demarcada como heroína, mas a responsabilidade de uma biografia com os rigores analisados por Jacques Le Goff se torna irrelevante. Entretanto, romances assim ainda são importantes para se compreender o impacto da figura na sociedade, como dito.

Em um trecho, Aguiar descreve um diálogo entre Anita e um professor de nome Costa. Ela lhe dita uma carta, uma das poucas de autoria confirmada de Anita, mas não se tem certeza que foram os punhos da heroína que a redigiram, assim como muitas outras cartas. Como ela mantinha o costume de ditar as cartas, mesmo depois de aprender a escrever, ainda se discute na historiografia o seu analfabetismo. Aguiar parece ter essa dúvida também, então tenta justificar o fato histórico dela ditar as cartas, mas pelo motivo do tal costume:

Ele estendeu o papel, ela tomou-o e colocou-o sobre a mesa, assinando: Anitta Garibaldi. Ele reparou que de fato as letras dela e dele eram parecidas. Afinal, ela desenvolvera suas leituras lendo a letra dele. Ela observou:

- O senhor modificou um pouco o que falei.

- É verdade, dona Anita. Perdão, Mas é que a senhora me falou em nossa língua e eu escrevi na daqui.

- Não tem importância, professor. Está bem¹⁸⁸.

A carta existe e se encontra na Biblioteca do Risorgimento, em Roma, mas o fato de Anita ter aprendido a escrever com o tal Costa, não se sabe. Enfim, mesmo os romances ficcionais têm sua importância na construção de uma imagem na história, pois uma discussão atual, no caso do suposto analfabetismo de Anita, está em pauta nestes romances também.

O breve relato de algumas obras sobre Anita Garibaldi está aqui apenas para afirmar o interesse pela literatura mesmo que a dúvida sobre a imagem heroica construída nos dois mundos tenha se dissipado. Contudo, a historiografia se prende a compreender como o processo de heroicização aconteceu e como a literatura se ocupa de uma consciência nacional e do romance épico para inúmeras publicações sobre o tema. O fato é que Anita continua a

¹⁸⁸ AGUIAR, Flávio. Anita. Editora Boitempo, 1999, pp.220-221.

influenciar discussões sobre assuntos os mais variados nos dias atuais, como ideias feministas em proximidade com as ações da heroína. Suas imagens foram construídas de acordo com as demandas de diferentes tempos, não seria o nosso tempo, tão carente de inspiração, que se furtaria a reivindicar sua própria Anita, heroína deste e de outros mundos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O intuito da presente dissertação, para além do mapeamento de notícias de jornal produzidas nos finais do Oitocentos e no início da centúria seguinte, e das biografias produzidas ao longo do século XX a respeito de Ana Maria de Jesus Ribeiro foi acompanhar alguns dos principais momentos do processo de construção da imagem heroica de Anita Garibaldi, desde sua morte, em 1849, até a publicação da biografia de Paulo Markun, em 1999, estudo este cuja publicação fez-se coincidir com as comemorações dos 500 anos de Descobrimento do Brasil.

Para tanto, algumas questões foram levantadas a partir de observações direcionadas às biografias produzidas sobre Anita, diretamente ou em textos que tomaram como alvo seu esposo, e nos ajudaram a indicar alguns dos diversos interesses envolvidos nas construções elaboradas em cada época. Após um certo desinteresse inicial, as publicações literárias sobre Anita tornaram-se mais recorrentes, demonstrando uma crescente valorização da personagem. Pode-se mesmo afirmar que, ao longo do século XX, Anita passou a exercer fascínio sobre um grande número de leitores, mas como isso aconteceu? Ainda que abnegados diletantes e estudiosos profissionais tenham se dedicado à construção da memória e da imagem daquela mulher, por que sua trajetória continua cercada de mistérios e incertezas? A partir de quando e de que maneira a imagem de Anita foi ligada à de uma heroína?

A partir destes questionamentos, promovemos fizemos um elenco das opiniões, relatos e construções da imagem de Anita, alinhando-os de maneira cronológica. No primeiro capítulo desta dissertação, analisamos os diferentes relatos que, ainda no Oitocentos, foram produzidos sobre a vida e a morte de Anita. Com tais relatos produzidos, sobretudo em relatórios de polícia na Itália e na autobiografia que Alexandre Dumas escreveu a partir dos depoimentos de Giuseppe Garibaldi, pudemos observar o caminho inicial para a persona de Anita ser reconhecida como esposa do “herói de dois mundos”, uma esposa com todos os requisitos exigidos de uma mulher do século XIX, cuja morte trágica e o enterro em uma cova rasa não apagaram os traços de uma remarcada coragem cunhados, de alguma forma, para enobrecer o casal Garibaldi.

Nessa biografia das biografias que aqui se intentou produzir, o passo seguinte foi adentrar o período republicano brasileiro, abarcando um longo arco temporal que vai do final do século XIX até o ano de 1975. Embora o período tenha contextos históricos bastante marcados na história do país, que englobam desde a Primeira República até o regime de exceção que tomou conta do país em 1964, entendemos que o mais significativo foi uma mudança na

imagem de Anita ocorrida no âmbito da questão nacionalista idealizada pelos governos militares. Havia, segundo pudemos verificar, alguma intenção comum, entre os republicanos da primeira metade do século XX e entre os militares que tomaram o poder décadas mais tarde, em ligar Anita Garibaldi aos projetos nacionais que se encontravam em execução. Para tanto, algumas biografias surgiram com a noção de que os ideais de bravura e afetuosidade deveriam entrelaçar-se ao ideal de mulher. Ainda que nada pudesse apontar, nestas construções, na direção de uma maior autonomia da mulher em relação ao marido ou às expectativas de seus coevos.

Em 1975, o escritor e estudioso suíço radicado em Santa Catarina Wolfgang Rau publicou sua biografia “Anita Garibaldi: o perfil de uma heroína brasileira”. Nesta obra, o autor se encarregou de criticar os argumentos maledicentes contra a imagem de Anita, apresentando, assim, não somente uma defesa contundente, mas uma fervorosa e verdadeira paixão pela personagem, paixão que levou Rau a se tornar um dos mais importantes colecionadores de documentos, objetos e dados que pudessem dar um novo rumo a trajetória de Anita. A partir do estudo de Rau, Anita ganha um lugar para si e se firma como uma heroína brasileira, cuja fama atingiu em cheio o velho Mundo, em particular a Itália. Nascia, ainda como um espelho do marido, a heroína de dois mundos.

No terceiro e último capítulo, abordamos um cenário em que esse novo rumo já estava constituído. Anita era tratada como heroína pela História, mas ainda não era totalmente conhecida pelos brasileiros. Naquele momento, final da década de noventa do século XX, com alguma ajuda do interesse do mercado editorial local, a pergunta era como levar o nome da personagem e seus feitos a todo o Brasil? Muitas biografias foram escritas sobre Revolução Farroupilha e sobre casal Garibaldi, mas no ano de 1999, a partir de um projeto liderado pelo jornalista Paulo Markun, veio a público “Anita Garibaldi – uma heroína brasileira”, obra que marca o que podemos pontuar como a construção da heroína para os brasileiros. A partir da ampliação da pesquisa para arquivos localizados até nos Estados Unidos da América, Markun acabou por acomodar na imagem da Anita do século XXI uma mescla das imagens do século XIX, ou seja, de mãe e esposa zelosa com e a da guerrilheira, embora não autônoma, mas mais voluntariosa, surgida em meados do século XX.

Anita pôde ser reconhecida como uma personagem que existiu e lutou em causas brasileiras e italianas. Todavia, vindo à luz todos os seus feitos, adentrou o século XX, primeiramente com a personificação adúltera, logo substituída pela mulher zelosa, mãe e companheira do marido herói. Para uma sociedade que conhecia pouco a própria História, essa imagem se perpetuou por longos anos. Foi necessário bastante tempo para que se confirmasse a

heroicidade de Anita, e mais alguns para que se ratificasse tal heroísmo perante a sociedade brasileira. Diversas classes de eventos, obeliscos e memoriais, obras teatrais e literárias, jornais, usando seu nome com pompa, incluíram-na no panteão de heróis nacionais, ainda que a reboque do marido. Desde então, Anita Garibaldi ganhou autonomia, sua história passou a ser lida como a história de outras mulheres que enfrentaram as mazelas da guerra, mas seu heroísmo continuou como marca maior da personagem. Nos últimos anos, embora nosso trabalho não avance muito além da virada do milênio, vale dizer ela tem sido rememorada com tamanha insistência que ficamos tentados a acreditar que ela hoje figura entre os principais nomes da história mesma dos construtores do país. Novas investidas biográficas têm tentado dar a Anita mãe, esposa, amazona e guerreira um lugar mais autônomo. Críticas contra um suposto voluntarismo feminista dessas novas abordagens por certo não tardaram em ser elencadas. Ainda assim, o que se pode concluir é que falar sobre Anita foi e será, como a respeito de outro personagem da história brasileira já se disse, uma boa oportunidade para ser refletir sobre o que foi e o que é ser mulher no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

- Jornal **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro. Publicações de 14/07/1849; 29/07/1849; 31/07/1849; 07/08/1849; 14/08/1860; 29/11/1860 e 02/12/1860.
- Jornal **A Federação**, Porto Alegre. Publicações de 20/09/1885; 20/08/1912; 06/09/1935; 25/09/1935; 28/09/1935; 20/05/1936; 20/10/1951; 25/01/1952.
- Jornal **O diário da tarde**, Curitiba. Publicações de 06/05/1941; 20/07/1944; 04/08/1949; 21/12/1949.
- Jornal **O Estado de São Paulo**, São Paulo. Publicações de 25/04/1999; 10/08/1999; 13/09/1999.
- DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. Ed. L&PM Pocket, 2000.
- MARKUN, Paulo. **Anita Garibaldi, uma heroína brasileira**. Ed. Senac, 5ª edição, 1999.
- RAU, Wolfgang Ludwig. **Anita Garibaldi – O perfil de uma heroína brasileira**. Ed. Edeme, 1975.
- ZUMBLICK, Walter. **Aninha do Bentão**. Prefeitura de Tubarão/Ioesc, Tubarão, 1980.

Livros e Periódicos

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Companhia das letras, 2008.
- BORGES, Vavy Pacheco. *Grandezas e misérias da biografia*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora) **Fontes históricas**. Editora Contexto, pp. 205-207, 2008.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. Ed. Perspectiva, 1992.
- BELLUZI, Rafaele: **Il ritratto di Anita Garibaldi** (Bolonha: Museo del Risorgimento), p. 24, 1999
- BÓRIS, Ivan; MILANI, Mino. **Anita Garibaldi: vita e morte di Ana Maria de Jesus**. Milão: Camunia, p. 18, 1999
- CARDOSO, Fernando Henrique. Prefácio. In: Markun, Paulo. **Anita Garibaldi: O perfil de uma heroína brasileira**. Ed. Edeme, 1975.
- CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia. Das letras, 1990.
- CAPUANO, Yvonne. **Anita e Giuseppe Garibaldi na Revolução Farroupilha**. In: “Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita”. Org. DE BARROS FILHO, Omar L.; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. Porto Alegre, pp. 172-173, 2007.
- CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho**. Ed. Boitempo, São Paulo, 1ª Ed, 2013.
- CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo, 3ª ed, , 2003
- CINQUENTENARIO DELA COLONIZACIONE ITALIANA NELLO STATO DEL RIO GRANDE DEL SUL: 1875-1925
- CADORIN, Adilcio. **Anita: a guerreira da Repúblicas**. Florianópolis, 1999. CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Mémoria, mito e identidade: farroupilhas e italianos no Rio Grande do Sul**. In: “Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita”. Org. DE BARROS FILHO, Omar L.; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. Porto Alegre, 2007,

- Apud. *Cinquentenario dela Colonizacione italiana nello Stato del Rio Grande del Sul: 1875-1925*. Porto Alegre: Globo; Roma: *Ministerto degli Affari Esteri d'Itália*, pp. 365, 1925.
- CURATALO G. Emilio, **Anita Garibaldi, L'Heroína dell'Amore**, pp. 250-254, Milão-Roma, 1932.
- DUJOVNE, Alicia Ortiz. *Anita cubierta de arena*. Ediciones Santillanas, Argentina, 2003.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Ed. Edusp, 2009.
- ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. **Uma heroína na história: representações sobre Anita Garibaldi**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- FARIAS, Juliana Barreto. **Preciosidades sobre Anita Garibaldi reunidas por pesquisador de origem suíça serão doadas para a cidade de Laguna**. Revista de História da Biblioteca Nacional, 16/09/ 2009. In. <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/uma-vida-para-anita>> Acesso em 20/07/2015.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. **A Mulher na Guerra dos Farrapos**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, n. 148, pp. 211-216, 2014.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Três Vezes Zumbi: a construção de um herói brasileiro**. Três Estrelas, São Paulo, 2012.
- FILHO, Omar L. de Barros e organizadores. **Sonhos de Liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita**. Coleção sujeito & perspectiva Vol.4. Ed. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, 2007.
- GIOVANNI, Levi. **El uso de la biografía**. *Annales*, ano 44, n.6, Novembro/Dezembro, pp.1325-1337, 1989.
- _____. O retorno da biografia e do evento. In: REIS, José Carlos. **Escola dos Annales- a inovação em História**. Ed. Paz e Terra, pp. 140-146, 2004.
- GIRAUD, Frédérique **François Dosse, a aposta biográfica**. *Escrevendo uma Vida. Procedimentos*, 2011, publicado em 21 de setembro de 2011, acessado em 25 de fevereiro de 2018. URL: <http://journals.openedition.org/lectures/1258>
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988
- GUIMARÃES, Valéria. **O mundo dos mistérios: História da Imprensa e História Cultural – o sensacionalismo como objeto de uma abordagem multidisciplinar**
- _____. **Jornais franceses no Brasil**. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho de 2011.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Companhia das letras, São Paulo, pp. 73-92, 2013.
- LUMBROSO, Giacomo. **Garibaldi**. *Firenze: Vallecchi*, p. 41, 1938. In: SOUTO, Cíntia Vieira. “Anita Garibaldi, heroína, mas virtuosa”. *História, gênero e trajetórias biográficas*, ST. 42. Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Disponível:<http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf>
- MACHADO, Míran Karla. **Anita retratada pelos irmãos Zumblick**. *Revista Santa Catarina em História - Florianópolis – UFSC*, Vol.6, n.1, 2012.
- MARTINS, Ana Luíza; DELUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. Editora Contexto, Ed.1 2008.
- NOGUEIRA, Isabella. **Alexandre Dumas e Giuseppe Garibaldi: a construção de um herói?** Disponível em < [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(118\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(118).pdf)> Acesso em 20/08/2017.
- RIBEIRO, Fernanda Aparecida. **Anita Garibaldi coberta por histórias**. Ed. Unesp, 2011.
- _____. **As Histórias de Anita Garibaldi**. *Revista Alere – Programa de pós-graduação em estudos literários*, Vol.04, n.04, 2011.
- RIBEIRO, José Alcides. **Correio Mercantil do Rio de Janeiro: Modos Jornalísticos e**

- Literários de Composição. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Computação, pp. 5-9, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **Correio Mercantil: gêneros jornalísticos, literários e muito mais...** Revista USP, São Paulo, n.65, pp. 131-147, março/maio 2005.
- REZENDE, Daniela Leandro. **Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda.** Revista Pensamento Plural. Pelotas, 07-27, julho-dezembro de 2015.
- HOBBSAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780.** Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- ROCHA, André Pereira. **A escrita biográfica em “São Luís: biografia” de Jacques Le Goff.** Caderno de resumos & Anais do 2o. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. EdUFOP, Ouro Preto, 2008.
- SANTOS, Georgina Silva dos. **São Luís: o retorno da historiografia francesa à biografia.** Revista Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 6, n. 11, pp. 261-26, 2001.
- SANT’ANA, Elma. **Os Garibaldi como símbolo de integração entre a América do Sul e a Europa Mediterrânea.** In: Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, pp.175-180, 2007.
- SIERRA, Julio A. **Anita Garibaldi, Guerrillera en América del Sur, heroína de la Unidad Italiana.** Editorial Sudameirca, 2003.
- SOUTO, Cíntia Vieira. Revista História, vol.2 ,n.7, Abril/Maio/Junho 2008.
- _____. **Anita Garibaldi: heroína, mais virtuosa.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7:Gênero e Preconceitos. Florianópolis, UFSC, 2006. In: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf> Acesso em 15.jun.2016.
- _____. Cíntia Vieira; BISCHOFF, Álvaro. **Garibaldi e a Revolução Farroupilha.** In: Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Laser Press Comunicação, Porto Alegre, 2007.
- PRIORE, Mary del. **A mulher na História do Brasil.** Editora Contexto, 1994.
- WEBER, Max. Sociologia da dominação. In: WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: UNB, pp. 187-223, 1991
- ZERZAN, John. **Patriarcado, civilização e as origens do gênero.** Revista Gênero & Direito, Vol. 1, n. 2, 2010. In: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ged/article/view/9702/5289>>. Acesso em 15.jun.2016.